



SEMIDEUSES E MAGOS

PERCY E ANNABETH
UNEM-SE AOS KANE



RICK RIORDAN

SINOPSE: SEMIDEUSES E MAGOS

Magia, monstros e desordem surgem quando Percy Jackson e Annabeth Chase encontram com Carter e Sadie Kane pela primeira vez. Criaturas estranhas estão aparecendo em lugares inesperados e os semideuses e magos precisam de unir para acabar com eles. Enquanto lutam com bronze celestial e hieróglifos brilhantes, os quatro heróis descobrem que têm muito em comum e mais poder do que jamais imaginaram ser possível. Mas serão suas forças combinadas o suficiente para frustrar um inimigo antigo, que é a mistura de encantamentos gregos e egípcios para um propósito obscuro? Rick Riordan empunha sua habitual mágica narrativa nesta aventura cheia de adrenalina.

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com

Com

Livro:

Página:

Erro:

Copyright © 2012, 2014, 2015 Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Son of Sobek

The Staff of Serapis

The Crown of Ptolemy

Demigods and Magicians

ARTE DE FOLHAS DE ROSTO

Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE FOLHAS DE ROSTO

Julio Moreira

ARTES DOS HIERÓGLIFOS

Michelle Gengaro-Kogmen

151p.: 23 cm. (Semideuses e Magos)

ISBN: 978-85-8057-350-3

ISBN: 978-85-8057-635-1

ISBN: 978-85-8057-754-9

1. História de aventuras - Literatura infanto-juvenil. 2. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 3. Mitologia romana - Literatura infanto-juvenil. 4. Mitologia egípcia - Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2013] [2014] [2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

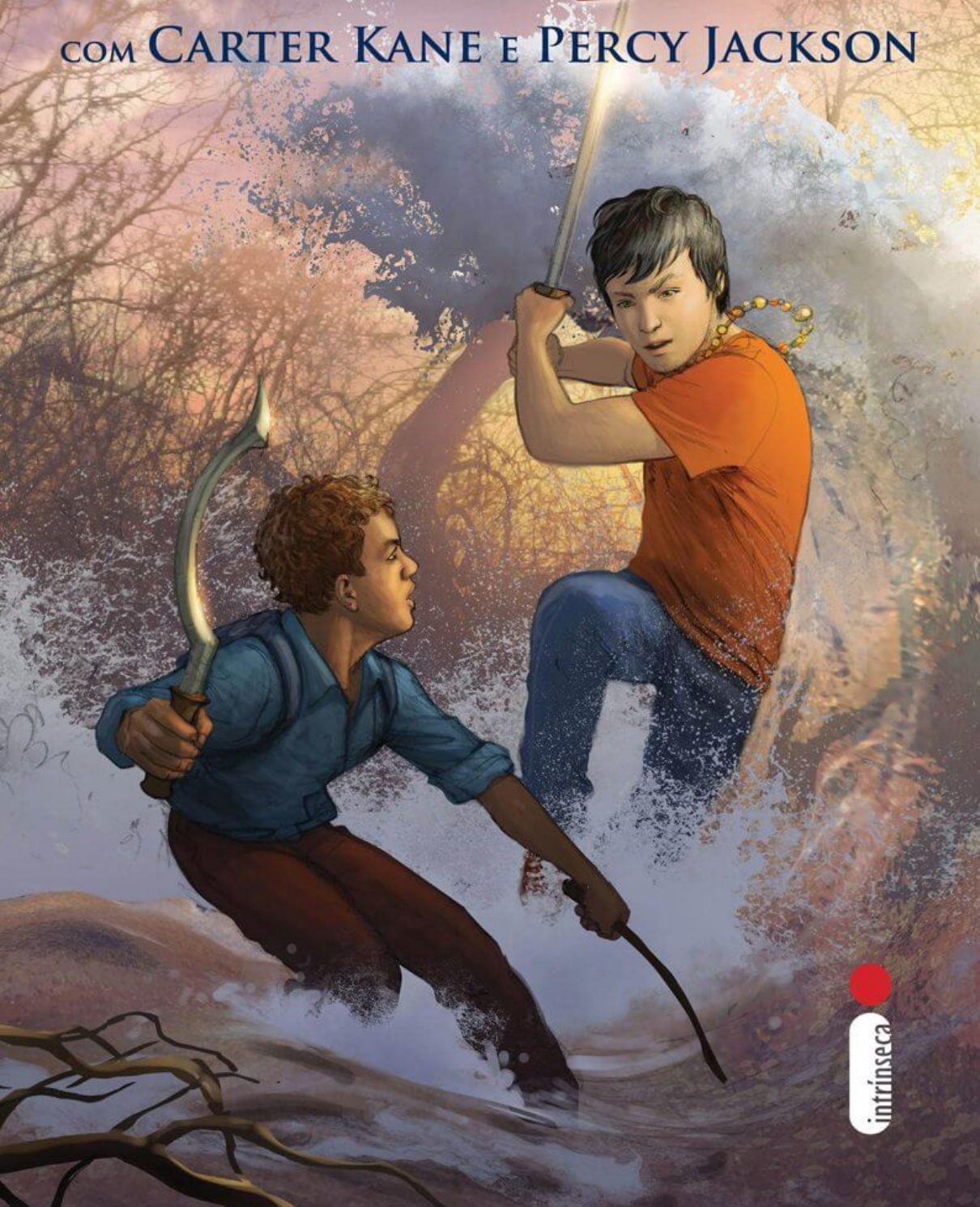
SUMÁRIO

O Filho de Sobek	7
O Cajado de Serápis	37
A Coroa de Ptolomeu	93

RICK RIORDAN

O FILHO DE SOBEK

COM CARTER KANE E PERCY JACKSON





C
A
R
T
E
R

O Filho de Sobek

SER COMIDO POR UM CROCODILO GIGANTE era ruim o suficiente.

O garoto com a espada brilhando só deixou o meu dia pior.

Talvez eu deva me apresentar.

Sou Carter Kane — meio período calouro do ensino médio, meio período mago, preocupado em tempo integral com todos os deuses egípcios e monstros que estão constantemente tentando me matar.

Tudo bem, essa última parte é um exagero. Nem todos os deuses querem me matar. Só muitos deles — mas isso meio que faz sentido, desde que eu sou um mago na Casa da Vida. Nós somos tipo a polícia para as forças sobrenaturais do Egito Antigo, garantindo que eles não causem muita destruição no mundo moderno.

De qualquer forma, nesse dia em particular eu estava caçando um monstro descontrolado em Long Island. Nossos videntes têm pressentido uma perturbação mágica na área há várias semanas. Então as notícias locais começaram a reportar que uma grande criatura tinha sido avistada em lagoas e pântanos perto da Rodovia Montauk — uma criatura que estava comendo animais e plantas selvagens e assustando os cidadãos locais. Um repórter até o chamou de O Monstro do Pântano de Long Island. Quando mortais começam a dar alarme, você sabe que é hora de checar as coisas.

Normalmente a minha irmã, Sadie, ou alguns outros dos nossos iniciados da Casa do Brooklyn teriam vindo comigo. Mas todos eles foram para o Primeiro Nomo no Egito para uma semana inteira de sessões de treinamento

sobre controle de demônios de queijo (sim, eles são reais — acredite em mim, você não quer saber), então eu estava por minha conta.

Eu havia engatado a haste do nosso barco voador em Freak, meu grifo de estimação, e nós passamos a manhã zumbindo pelo litoral sul, procurando por sinais de problemas. Se você está se perguntando por que eu não ando nas costas do Freak, imagine duas asas no estilo beija-flor batendo mais rápido e mais potente do que as lâminas de um helicóptero. A não ser que você queira ser fatiado, é melhor andar no barco.

Freak tinha um faro muito bom pra magia. Depois de umas duas horas de patrulha, ele guinchou “FREEEEEEK!” e deu uma guinada para a esquerda, circulando sobre uma entrada verde pantanosa entre dois bairros.

— Lá em baixo? — perguntei.

Freak estremeceu e grasnou, chicoteando sua cauda farpada nervosamente.

Eu não podia ver muita coisa abaixo de nós — só um rio turvo reluzindo no ar quente de verão, retorcendo por entre grama do pântano e aglomerados de árvores retorcidas até que desaguava na Baía Moriches. A área parecia um pouco com o Delta do Nilo lá no Egito, exceto que aqui o pantanal era rodeado de ambos os lados por bairros residenciais com fileiras atrás de fileiras de casas com telhados cinzentos. No norte, uma linha de carros avançava através da Rodovia Montauk — pessoas de férias escapando da cidade apinhada para aproveitar a apinhada Hamptons.

Se tivesse mesmo um monstro do pântano carnívoro abaixo de nós, eu me perguntava quanto tempo ele levaria antes de desenvolver o gosto por carne humana. Se isso acontecesse... bem, estava rodeado por um *Buffet* bem farto.

— Tudo bem — eu disse para Freak — Desça-me para a margem do rio.

Logo que eu coloquei o pé para fora do barco, Freak guinchou e zumbiu pelo céu, arrastando o barco com ele.

— Ei! — gritei pra ele, mas era tarde demais.

Freak se assusta facilmente. Monstros carnívoros tendem a assustá-lo. Assim como fogos de artifício, palhaços e o cheiro da estranha bebida da Sadie, refrigerante de groselha (Não posso culpá-lo por esse último. Sadie foi criada em Londres e desenvolveu alguns gostos muito estranhos).

Eu teria que cuidar desse monstro, e depois assoviar para Freak me buscar quando estivesse acabado.

Abri minha mochila e chequei meus suprimentos: um pouco de corda encantada, minha varinha curvada de mármore, um pedaço de cera para fazer estatuetas *shabti* mágicas, meu *kit* de caligrafia e uma poção de cura que minha amiga Jaz fabricou para mim há algum tempo. (Ela sabe que eu tenho a tendência de me machucar).

Só tinha mais uma coisa que eu precisava.

Eu me concentrei e estendi a mão para dentro do Duat. Nos últimos meses, eu fiquei bom em estocar provisões de emergência no reino das sombras — armas extras, roupas limpas, alguns doces de fruta e um engradado gelado de refrigerante de gengibre — mas colocar minha mão dentro de uma dimensão mágica ainda era estranho, como empurrar através de várias pesadas e frias camadas cortinadas. Eu fechei meus dedos em volta do punho da minha espada e a puxei para fora — uma *khopesh* pesado com uma lâmina curvada como um ponto de interrogação. Armado com minhas espada e varinha, eu estava pronto para dar um passeio pelo pântano em busca de um monstro faminto. Que alegria!

Entrei na água e imediatamente afundei até os joelhos. O fundo do rio parecia feito de ensopado congelado. A cada passo, meus sapatos faziam sons grosseiros — *suck-plop, suck-plop* — e eu estava contente que Sadie não estava comigo. Ela nunca pararia de rir.

Pior ainda, fazendo tanto barulho desse jeito, eu sabia que não seria capaz de me esgueirar sorrateiramente atrás de nenhum monstro.

Mosquitos estavam me atacando. De repente eu me senti nervoso e solitário.

Poderia ser pior, eu disse a mim mesmo. *Eu poderia estar estudando demônios de queijo.*

Mas não consegui me convencer. Num bairro ali por perto, eu ouvi crianças gritando e rindo, provavelmente brincando algum jogo. Eu me perguntei como seria isso — ser uma criança normal, de boqueira com os amigos numa tarde de verão.

A ideia era tão boa que eu me distraí. Não notei as ondulações na água até que há uns quarenta e cinco metros a minha frente alguma coisa subiu à superfície — uma linha de calombos de couro preto esverdeado. Submergiu instantaneamente de novo, mas eu sabia com o que eu estava lidando agora. Eu tinha visto crocodilos antes, e esse era um assustadoramente grande.

Lembrei-me de El Paso, no inverno retrasado, quando eu e minha irmã

háviamos sido atacados pelo deus crocodilo Sobek. Não era uma boa memória.

O suor escorria pelo meu pescoço.

— Sobek — murmurei — se isso foi você, brincando comigo de novo, eu juro por Rá...

O deus crocodilo havia prometido nos deixar em paz agora que estávamos juntos com seu chefe, o deus sol. Ainda assim... crocodilos ficam com fome. E então, eles tendem a esquecer suas promessas.

Nenhuma resposta da água. A ondulação diminuiu.

Quando se trata de sentir monstros, meus instintos mágicos não são muito afiados, mas a água na minha frente parecia muito mais escura. Isso significava que ou era profunda, ou algo grande estava escondido sob a superfície.

Eu quase esperava que fosse Sobek. Pelo menos, então eu tinha uma chance de falar antes de ele me matar. Sobek gostava de se vangloriar.

Infelizmente, não era ele.

O próximo microssegundo, enquanto a água entrava em erupção em torno de mim, percebi tardiamente que eu deveria ter trazido todo o Vigésimo Primeiro Nomo todo para me ajudar. Eu registrei olhos amarelos brilhantes tão grandes quanto a minha cabeça, o brilho de joias de ouro em volta de um pescoço enorme. Então mandíbulas monstruosas abriram — cumes de dentes tortos e uma extensa área rosada da boca, grande o suficiente para engolir um caminhão de lixo.

E a criatura me engoliu inteiro.

Imagine ser empacotado à vácuo de cabeça para baixo dentro de um gigantesco e viscoso saco de lixo. Estar na barriga do monstro era assim, só que mais quente e fedorento.

Por um momento, eu estava atordoado demais para fazer qualquer coisa. Não podia acreditar que eu ainda estava vivo. Se a boca do crocodilo fosse menor, ele poderia ter me partido ao meio. Do tamanho que era, ele me engoliu em uma única porção tamanho Carter, então eu poderia apreciar ser digerido lentamente.

Sorte, certo?

O monstro começou a se debater, o que tornava difícil pensar. Eu prendi a respiração, sabendo que poderia ser meu último fôlego. Eu ainda tinha minha espada e varinha, mas não podia usá-los com meus braços presos ao

meu lado. Eu não poderia alcançar qualquer uma das coisas na minha bolsa.

O que deixou apenas uma resposta: a palavra de poder. Se eu pudesse pensar no símbolo hieróglifo correto e falar em voz alta, posso convocar alguma força mágica do tipo ira-dos-deuses para explodir um caminho para fora deste réptil.

Em teoria: uma grande solução.

Na prática: Eu não sou tão bom com as palavras de poder, mesmo na melhor das situações. Sufocar dentro de uma escura e fedorenta garganta de réptil não estava ajudando a me concentrar.

Você pode fazer isso, eu disse a mim mesmo.

Depois de todas as aventuras perigosas que tive, eu não podia morrer assim. Sadie ficaria arrasada. Então, depois que lidasse com sua dor, ela iria rastrear a minha alma no vida após a morte egípcia e iria me importunar sem piedade pelo quão estúpido eu fui.

Meus pulmões queimavam. Eu estava apagando. Escolhi uma palavra de poder, convoquei toda a minha concentração e me preparei para falar.

De repente, o monstro deu uma guinada para cima. Ele rugiu, o que soava muito estranho por dentro, e sua garganta contraiu em volta de mim como se eu estivesse sendo espremido para fora de um tubo de pasta de dente. Eu fui atirado para fora da boca da criatura e caí na grama do pântano.

De alguma forma, consegui ficar de pé. Cambaleei ao redor, meio cego, ofegante e coberto com gosma de crocodilo, que cheirava a um tanque espumante de peixes.

A superfície do rio fervia com bolhas. O crocodilo havia partido, mas de pé no pântano a cerca de seis metros de distância estava um adolescente em jeans e uma camiseta laranja desbotada que dizia ACAMPAMENTO alguma coisa. Eu não pude ler o resto. Ele parecia mais velho que eu — talvez dezesseis anos — com os cabelos negros despenteados e olhos verde-mar. O que realmente me chamou a atenção foi sua espada — uma lâmina reta de dois gumes brilhando com uma tênue luz bronze.

Eu não tenho certeza qual de nós dois estava mais surpreso.

Por um segundo, o Garoto do Acampamento apenas me encarou. Ele notou minha *khopesh* e varinha, e eu tive a impressão que ele já havia visto coisas como esta. Mortais normais têm problemas em ver magia. Seus cérebros não conseguem interpretá-la, então eles, ao invés disso, desviam o olhar para minha espada, e veem um taco de baseball ou uma bengala.

Mas esse garoto... ele era diferente. Eu suspeitei que ele fosse um mago. O único problema é, eu conheço a maioria dos magos dos Nomos da América do Norte, e eu nunca vi esse cara antes. E também nunca vi uma espada como essa. Tudo sobre ele parecia... *não egípcio*.

— O crocodilo — Eu disse, tentando manter a voz calma e uniforme. — Para onde ele foi?

O Garoto do Acampamento franziu a testa.

— De nada.

— O quê?

— Eu espetei o crocodilo no traseiro — ele imitou a ação com sua espada — esse foi o motivo de ele ter vomitado você. Então, de nada. O que você está fazendo aqui?

Eu devo admitir que não estava em meu melhor humor. Eu fedia. Estava machucado. E, sim, eu estava um pouco envergonhado: o famoso Carter Kane, chefe da Casa do Brooklyn, havia sido expelido da boca do crocodilo como uma bola de pelo gigante.

— Eu estava descansando — disparei — O que você pensou que eu estava fazendo? Agora, quem é você, e por que você está lutando com o meu monstro?

— *Seu monstro?* — O cara se arrastou até mim através da água. Ele não pareceu ter problema algum com a lama. — Olha, cara, eu não sei quem é você. Mas este crocodilo vem aterrorizando Long Island por semanas. Eu meio que levei para o lado pessoal, já que essa é minha área. Alguns dias atrás, ele comeu um de nossos pégasos.

Uma onda de choque subiu pela minha espinha como se eu tivesse se apoiado em uma cerca eletrificada.

— Você disse *pégasos*?

Ele tinha outra questão em mente.

— É seu monstro ou não?

— Eu não sou o dono dele! — rosnei — Eu estava tentando detê-lo! Agora, onde...

— O crocodilo foi por aqui — ele apontou sua espada para o sul. — Eu estaria caçando-o, mas você me surpreendeu.

Ele me avaliou, o que era desconcertante já que ele era mais que dez centímetros mais alto que eu. Eu ainda não podia ler sua camiseta, exceto a palavra ACAMPAMENTO. Em torno de seu pescoço pendia uma tira de couro com algumas contas coloridas de argila, iguais a projetos de artes de crianças.

Ele não carregava um pacote mágico ou uma varinha. Talvez ele o guardasse no Duat. Ou talvez fosse apenas um mortal alucinando que tinha acidentalmente encontrado uma espada mágica e pensava que era uma relíquia de um super-herói. Relíquias antigas poderiam realmente mexer com a sua mente.

Finalmente ele sacudiu a cabeça.

— Eu desisto. Filho de Ares? Você tem que ser um meio-sangue, mas o que aconteceu com sua espada? Está toda dobrada.

— É uma *khopesh* — meu choque estava rapidamente se transformando em raiva. — É para ser curva.

Mas eu não estava pensando sobre a espada.

O Garoto do Acampamento havia me chamado de meio-sangue? Talvez eu não tenha ouvido corretamente. Talvez ele quisesse dizer outra coisa. Mas meu pai era afro-americano. Minha mãe era branca. *Meio-sangue* não era uma palavra que eu gostava.

— Apenas saia daqui — eu disse, rangendo os dentes. — Eu tenho um crocodilo para pegar.

— Cara, *eu* tenho um crocodilo para pegar — ele insistiu. — Da última vez que você tentou, ele comeu você. Lembra-se?

Meus dedos apertaram ao redor do punho da minha espada.

— Eu tinha tudo sob controle. Eu estava prestes a convocar o punho...

Pelo o que aconteceu a seguir, eu assumo total responsabilidade.

Não foi minha intenção. Honestamente. Mas eu estava com raiva. E como eu posso ter mencionado, nem sempre sou bom em canalizar palavras de poder. Enquanto eu estava na barriga do crocodilo, me preparava para convocar o Punho de Hórus, uma mão azul e brilhante gigante que pode pulverizar portas, paredes, e praticamente qualquer outra coisa que ficar em seu caminho. Meu plano era socar o monstro para abrir uma saída. Nojento, sim, mas esperançosamente eficaz.

Eu acho que aquele feitiço ainda estava em minha cabeça, pronto para ser disparado como uma arma carregada. Encarar o Garoto do Acampamento me deixou furioso, para não mencionar tonto e confuso; por isso quando eu quis dizer a palavra punho em inglês, saiu em egípcio antigo em vez disso: *khafa*.

Um hieróglifo um simples:



Você não imagina o quanto de problemas pode causar.

Assim que eu disse a palavra, o símbolo brilhou no ar entre nós. Um punho gigante do tamanho de uma máquina de lavar louça surgiu brilhando e lançou o Garoto do Acampamento para a próxima cidade.

Quer dizer, eu literalmente o soquei para fora de seus sapatos. Ele desapareceu do rio com um alto *suck-plop!* E a última coisa que eu vi foi seus pés descalços atingir a velocidade de escape enquanto ele voou para trás e desapareceu de vista.

Não, eu não me senti bem com isso. Bem... talvez um pouquinho. Mas eu também me senti mortificado. Mesmo que o cara fosse um idiota, magos não deveriam sair por aí socando crianças, os colocando em órbita com o Punho de Hórus.

— Oh, ótimo. — Me bati na testa.

Eu comecei a atravessar o pântano, preocupado que eu poderia ter realmente matado o garoto.

— Cara, me desculpe! — gritei, esperando que ele pudesse me ouvir. — Você está...?

A onda veio do nada.

Uma parede de água de 6 metros se chocou em mim e me empurrou de volta ao rio. Eu me levantei confuso, com um gosto horrível de peixe em minha boca. Removi a sujeira dos meus olhos a tempo de ver o Garoto do Acampamento saltando em minha direção no estilo ninja, com a espada levantada.

Eu posicionei minha *khopesh* para me defender. Só consegui impedir que minha cabeça fosse partida em duas, pois o garoto do acampamento era forte e rápido. Enquanto eu recuava, ele avançava mais e mais. Todas às vezes, eu conseguia desviar, mas eu posso dizer que fui superado. Sua espada era mais leve e rápida, e — sim, eu admito — ele era um melhor espadachim.

Eu queria explicar que foi um acidente. Eu não era o seu inimigo. Mas eu precisei de toda a minha concentração somente para conseguir desviar de raspão.

O Garoto do Acampamento, no entanto, não tinha problema para conversar.

— Agora eu entendi — ele disse, mirando em minha cabeça. — Você é algum tipo de monstro.

CLANG! Eu interceptei o golpe e recuei.

— Eu não sou um monstro — rebati.

Para combater esse cara, eu teria que usar mais que apenas uma espada. O problema era que eu não queria machucá-lo. Apesar do fato de que ele estava tentando me transformar em um sanduiche sabor churrasco Kane, eu ainda me sentia mal por começar a luta.

Ele atacou de novo, e eu não tive escolha. Usei minha varinha dessa vez, pegando sua espada através da curva da varinha e canalizando um pouco de magia através de seu braço. O ar entre nós piscou e estourou. O Garoto do Acampamento recuou. Faíscas azuis de feitiço piscaram ao redor dele, como se minha magia não soubesse o que fazer com ele. Quem *era* esse garoto?

— Você disse que o crocodilo era *seu* — o garoto fez uma careta, com fúria saindo de seus olhos verdes. — Você perdeu seu bichinho de estimação, eu suponho. Talvez você seja um espírito do Mundo Inferior, vindo através das Portas da Morte?

Antes mesmo que eu pudesse processar aquela pergunta, ele estendeu sua mão livre. O rio reverteu seu curso e me fez escorregar.

Eu consegui me levantar, mas estava ficando realmente cansado de beber água lamacenta. Enquanto isso, o Garoto do Acampamento se preparou de novo, com sua espada levantada para matar. No desespero, eu derrubei minha varinha. Coloquei minha mão em minha mochila e meus dedos se fecharam ao redor de um pedaço de corda.

Eu o tirei e gritei a palavra comando “TAS!” — *amarrar* — enquanto a espada de bronze do Garoto do Acampamento cortava meu pulso.

Meu braço todo se torceu em agonia. Minha visão embaçou. Pontos amarelos dançaram em meus olhos. Deixei cair minha espada e agarrei meu pulso, ofegando por ar, ignorando tudo exceto a dor excruciante.

No fundo do meu consciente, eu sabia que o Garoto do Acampamento podia me matar facilmente. Por alguma razão, ele não matou. A onda de náusea me fez me dobrar.

Eu me forcei a olhar para o ferimento. Havia muito sangue, mas eu lembrei algo que Jaz tinha me contado uma vez na enfermaria da Casa do Brooklyn: cortes costumam parecer muito pior do que eles realmente são. Eu

esperava que aquilo fosse verdade. Eu pesquei um pedaço de papiro da minha mochila e o pressionei contra o ferimento como uma bandagem improvisada.

A dor ainda era terrível, mas a náusea tornou-se mais tolerável. Meus pensamentos começaram a clarear e eu me perguntava por que eu ainda não havia sido golpeado.

O Garoto do Acampamento estava sentado nas proximidades, com água até a cintura, parecendo abatido. Minha corda mágica tinha se enrolado ao redor do seu braço que segurava a espada, e então prendeu sua mão ao lado de sua cabeça. Incapaz de soltar a espada ficou parecendo que ele tinha um único chifre de rena brotando próximo à sua orelha. Ele puxou a corda com a mão livre, mas naturalmente ele não poderia fazer nenhum progresso.

Finalmente ele apenas suspirou e olhou para mim.

— Eu realmente estou começando a odiar você.

— Me odiar? — protestei — Eu estou jorrando sangue aqui! E você que começou tudo isso por me chamar de meio-sangue!

— Ahh, por favor — o Garoto do Acampamento levantou vacilante, sua espada antenna fazendo-o se desequilibrar. — Você não pode ser mortal. Se você fosse, minha espada deveria ter passado direto, atravessando você. Se você não é um espírito ou um monstro, tem que ser um meio-sangue. Um semideus trapaceiro do exército de Cronos, eu acho.

A maior parte do que esse cara disse, eu não entendi. Mas uma coisa eu entendi.

— Então, quando você disse “meio-sangue”...

Ele olhou para mim como se eu fosse um idiota.

— Eu quis dizer *semideus*. Sim. O que você *acha* que eu quis dizer?

Eu tentei processar isso. Eu já tinha ouvido falar do termo *semideus* antes, mas não era um conceito egípcio. Talvez esse cara estivesse sentindo que eu tive uma ligação com Hórus, que eu poderia canalizar o poder do deus... mas por que ele descrevia tudo isso de forma tão estranha?

— O que você é? — eu perguntei — Meio mago de combate, meio elementalista da água? Com que nomo você está?

O garoto riu amargamente.

— Cara, eu não sei sobre o que você está falando. Eu não saio com gnomos. Sátiros às vezes. E ciclopes, mas não com gnomos.

A perda de sangue deveria ter me deixado zonzos. As palavras dele se destacavam na minha cabeça como se fossem bolas tiradas na loteria: *ciclopes*,

sátiros, semideuses, Cronos. Mais cedo ele havia mencionado Ares. Este era um deus grego, não egípcio.

Eu senti como se o Duat tivesse se aberto debaixo de mim, tentando me empurrar para as profundezas. *Grego... não egípcio.*

Uma ideia começou a se formar na minha mente. E eu não gostei dela. Na verdade, isso me assustou muito. Apesar de toda a água do pântano que eu engoli, eu sentia a minha garganta seca.

— Olhe — falei — me desculpe acertar você com aquele feitiço de punho. Foi um acidente. Mas o que eu não entendo... é que aquilo deveria ter te matado. Mas não aconteceu. Isso não faz sentido.

— Não fique tão desapontado — ele murmurou. — Mas, já que estamos falando nisso, você deveria estar morto também. Não há muitas pessoas que podem lutar contra mim tão bem. E a minha espada deveria ter vaporizado o seu crocodilo.

— Pela última vez, ele não é *meu* crocodilo.

— Certo, tanto faz — o Garoto do Acampamento olhou desconfiado. — O ponto é que eu atingi o crocodilo num ótimo lugar, mas isso só o fez ficar com raiva. Bronze Celestial deveria ter transformado ele em pó.

— Bronze Celestial?

Nossa conversa foi interrompida por um grito vindo das proximidades — a voz aterrorizada de uma criança.

Meu coração se apertou. Eu era realmente um idiota. Eu tinha esquecido o motivo de nós estarmos aqui.

Eu olhei para o Garoto do Acampamento.

— Nós temos que parar o crocodilo.

— Trégua — ele sugeriu.

— Sim — eu respondi. — Nós podemos continuar tentando matar um ao outro depois de cuidar do crocodilo.

— Fechado. Agora, você pode, por favor, desamarrar a minha mão da minha cabeça? Eu estou me sentindo como um unicórnio esquisito.

Eu não direi que confiávamos um no outro, mas agora, ao menos, tínhamos uma causa comum. Ele convocou seus sapatos para fora do rio — eu não tinha ideia como — e os colocou. Então me ajudou a enfaixar a minha mão com uma tira de linho e esperou enquanto eu bebia metade da minha poção de cura.

Depois disso, eu me senti bem o suficiente para correr atrás dele em direção ao som dos gritos.

Eu achava que estava muito bem fisicamente — com a prática do combate mágico, carregando artefatos pesados e jogando basquete com Khufu e seus amigos babuínos (não mexa com babuínos quando se tratar de aros). Porém, eu tinha que me esforçar muito para acompanhar o Garoto do Acampamento.

O que me lembrou, eu estava ficando cansado de chamá-lo assim.

— Qual o seu nome? — perguntei, ofeguei enquanto eu corria atrás dele. Ele me olhou cauteloso.

— Eu não tenho certeza se devo te contar. Nomes podem ser perigosos.

Ele estava certo, é claro. Nomes tinham poder. Um tempo atrás, minha irmã, Sadie, aprendeu o meu *ren*, meu nome secreto, e isso ainda me causa muita aflição. Mesmo com o nome comum de alguém, um mago habilidoso poderia realizar vários tipos de danos.

— É justo. — falei — Eu direi primeiro. Sou Carter.

Acho que ele acreditou em mim. As linhas ao redor dos seus olhos relaxaram um pouco.

— Percy — ele respondeu.

Isso soou para mim como um nome incomum — britânico, talvez, embora o garoto tenha falado e agido muito como um americano.

Nós pulamos um tronco podre e finalmente saímos do pântano. Começamos então a subir por uma encosta gramada em direção as casas próximas quando eu me dei conta de que mais de uma voz estava gritando lá em cima agora. Não era um bom sinal.

— Apenas avisando — falei para Percy — você não pode matar monstros.

— Apenas me observe — Percy resmungou.

— Não, eu quero dizer que eles são *imortais*.

— Eu já ouvi isso antes. Eu tenho vaporizado uma porção de *imortais* e os enviado de volta para o Tártaro.

Tártaro?, pensei.

Conversar com Percy estava me dando uma forte dor de cabeça. Isso me lembrava da vez em que meu pai me levou para a Escócia para mais uma de suas palestras sobre egiptologia. Eu tentei falar com alguns dos locais e eu sabia que eles falavam inglês, mas em muitas das sentenças havia uma diferença na linguagem — palavras e pronúncias diferentes — e eu me pergun-

tava, o que raios eles estavam falando. Percy era assim. Ele e eu *quase* falávamos a mesma linguagem — magia, monstros, etc. Mas o seu vocabulário era totalmente errado.

— Não — tentei novamente. — Este monstro é um *petsuchos*, um filho de Sobek.

— Quem é Sobek? — ele perguntou.

— Senhor dos crocodilos, um deus egípcio.

Isso o fez parar. Ele me encarou, e eu podia jurar que o ar entre nós se tornou eletricidade. Uma voz, bem no fundo da minha cabeça me disse: *Cale a boca. Não conte mais nada para ele.*

Percy olhou de relance para a *khopesh* que eu tinha recuperado do rio e depois para a varinha no meu cinto.

— Sêrio, de onde você é?

— Originalmente? — perguntei. — Los Angeles. Agora eu moro no Brooklyn.

Aquilo pareceu não o ter feito se sentir muito melhor.

— Então, este monstro, *Pé-de-Suco* ou qualquer coisa assim...

— *Petsuchos* — corrigi. — É uma palavra grega, mas o monstro é egípcio. Era como a mascote do templo de Sobek, venerado como um deus vivo.

Percy grunhiu.

— Você fala como a Annabeth.

— Quem?

— Ninguém. Apenas esqueça a aula de história. Como nós matamos aquilo?

— Eu já lhe disse...

De cima veio outro grito, seguido de um sonoro *CRUNCH*, como o som emitido por um compactador de metal.

Nós corremos para o topo da colina, pulamos a cerca do quintal de alguém e chegamos direto para uma área residencial sem saída.

Exceto pelo crocodilo gigantesco no meio da rua, aquela vizinhança poderia ser de qualquer lugar nos Estados Unidos. Havia meia dúzia de casas de único andar, com carros econômicos nas garagens, caixas de correios na calçada e bandeiras nas varandas.

Infelizmente, a cena totalmente americana estava arruinada pelo monstro, que estava ocupado comendo um carro verde que possuía um adesivo no para-choque em que se lia *MEU POODLE É MAIS ESPERTO DO QUE O SEU ESTUDANTE DE HONRA*. Talvez o *petsuchos* pensasse que o Toyota era outro

crocodilo, e ele estava afirmando sua dominância. Talvez ele também não gostasse de poodles ou estudantes de honra.

Em todo o caso, na terra o crocodilo parecia muito mais assustador do que aparentava dentro da água. Ele tinha cerca de 12 metros de comprimento, tão alto quando um caminhão, com uma cauda tão maciça e poderosa que virava carros toda vez que balançava. Sua pele brilhava em verde escuro e escorria água que se acumulava em poças embaixo de seus pés. Eu me lembro de Sobek ter me dito que seu suor divino tinha originado os rios do mundo. Eca. Imaginei que esse monstro tinha o mesmo suor sagrado. Duplo eca.

Os olhos da criatura emitiam um fraco brilho amarelo. Seus dentes brancos e irregulares brilhavam. Mas a coisa mais estranha sobre ele era seu brilho. Ao redor de seu pescoço pendia uma elaborada corrente de ouro e pedras preciosas suficientes para se comprar uma ilha privada.

O colar era o que me havia feito perceber que o monstro era um *petsuchos* lá no pântano. Eu tinha lido que o animal sagrado de Sobek usava algo parecido no Egito, embora o que o monstro estava fazendo em um bairro de Long Island, eu não tinha ideia.

Quando Percy e eu entramos em cena, o crocodilo fechou a mandíbula e partiu o carro verde em dois, espalhando vidro, metal e pedaços de *airbags* através dos gramados.

Assim que ele deixou cair os destroços do carro, meia dúzia de crianças apareceu do nada — aparentemente estavam se escondendo atrás de algum dos outros carros — e perseguiram o monstro, gritando o máximo que seus pulmões aguentavam.

Eu não podia acreditar. Eles eram apenas crianças em idade da pré-escola, armados com nada mais que balões e armas de água. Imaginei que estivessem em férias de verão e estavam se refrescando com uma guerra de água quando o monstro os interrompeu.

Não havia adultos nas redondezas. Talvez todos estivessem trabalhando. Ou talvez estivessem dentro das casas, desmaiados de susto.

As crianças aparentavam sentir mais raiva do que medo. Elas corriam em volta do crocodilo, arremessando balões d'água que estouravam inofensivamente contra a couraça do monstro.

Inútil e estúpido? Sim. Mas eu não poderia deixar de admirar sua bravura. Eles estavam fazendo o seu melhor para derrubar um monstro que havia invadido o seu bairro.

Talvez eles não vissem o crocodilo do jeito que era. Talvez seus cérebros mortais fizessem com que eles pensassem ser um elefante que escapou do zoológico, ou um entregador enlouquecido com um desejo de morte.

Seja lá o que for que estavam vendo, estavam em perigo.

Minha garganta se fechou. Pensei em meus iniciados na Casa do Brooklyn, que não eram mais velhos que essas crianças, e meu instinto de “irmão mais velho protetor” entrou em ação. Eu corri para a rua, gritando.

— Saiam de perto disto! Corram!

Então atirei minha varinha direto na cabeça do crocodilo.

— *Sa-mir*.

Acertei bem no focinho do crocodilo, então luzes azuis ondularam pelo seu corpo. Por toda a pele do monstro, o hieróglifo para *dor* cintilou:



Em todo lugar que o símbolo apareceu, a pele do monstro soltou fumaça e estralou, fazendo o monstro se contorcer todo em aborrecimento.

As crianças se espalharam, se escondendo atrás de carros e caixas de correio arruinadas. O *petsuchos* virou seus brilhantes olhos amarelos para mim.

Ao meu lado, Percy assobiou baixinho,

— Bem, você conseguiu a atenção dele.

— É.

— Você tem certeza que não podemos matar aquilo? — ele perguntou.

— Sim.

O animal parecia estar acompanhando nossa conversa, alternando seus olhos amarelos entre nós, como se decidindo qual de nós comer primeiro.

— Mesmo se você *pudesse* destruir seu corpo — eu disse — ele apenas iria reaparecer em algum lugar próximo. Aquele colar? É encantado com o poder de Sobek. Para vencê-lo nós temos que arrancar aquele colar do pescoço. Então o *petsuchos* deverá encolher de volta para um crocodilo normal.

— Eu odeio a palavra *deverá* — Percy murmurou. — Está certo, eu dou um jeito no colar. Você tenta manter ele ocupado.

— Por que *eu* tenho que o manter distraído?

— Porque você é o mais irritante. — disse Percy — Apenas tente não ser

comido de novo.

— ROOOOAR! — o monstro gritou, seu bafo parecendo o lixo de um restaurante de frutos do mar.

Eu ia discutir de que Percy era bem irritante também, mas não tive chance. O *petsuchos* atacou, e meu novo aliado correu para um lado, me deixando bem no meio do caminho de destruição.

Meu primeiro pensamento foi: *Ser comida duas vezes em um dia será bastante vergonhoso.*

Com o canto do meu olho, pude ver Percy mergulhando em direção ao flanco direito do crocodilo. Eu ouvi as crianças mortais saindo de seus esconderijos, gritando e atirando mais balões de água como se estivessem tentando me proteger.

O *petsuchos* veio pesadamente em minha direção, com suas mandíbulas abertas para me abocanhar.

E eu fiquei bravo.

Eu tinha enfrentado os piores deuses egípcios. Entrei no fundo do Duat e caminhei pela terra de demônios. Eu estive nas próprias margens do oceano do caos. não iria recuar para um lagarto supercrescido.

O ar estralou com poder enquanto meu avatar de combate se formava ao redor — um brilhante exoesqueleto azul na forma de Hórus.

Eu fui tirado do chão até que eu estava no meio de um guerreiro com cabeça de falcão a seis metros de altura. Dei um passo a frente, me apoiando, e o avatar imitou exatamente os meus movimentos.

Percy gritou:

— Santa Hera! O que é...?

E o crocodilo bateu em mim.

Ele quase me derrubou com suas mandíbulas fechadas ao redor do braço livre do meu avatar, mas eu desci a espada azul brilhante do meu guerreiro falcão em cima do pescoço do crocodilo.

Talvez o *petsuchos* realmente não pudesse ser morto. Eu estava pelo menos esperando poder cortar fora o colar, que era a fonte do seu poder.

Infelizmente minha lâmina passou longe. Acertei o monstro no ombro, cortando seu couro. No lugar de sangue, ele jorrou areia, o que é bastante típico de monstros egípcios. Eu iria apreciar vê-lo desintegrar completamente, mas não tive tal sorte. Assim que puxei minha espada para liberdade, a ferida começou a cicatrizar e a areia se reduziu a quase nada. O crocodilo

balançou a cabeça para todos os lados, me tirando do chão e me balançando como um cachorro com um brinquedo de mastigar.

Quando ele me soltou, eu sai voando para a casa mais próxima e entrei pelo telhado, deixando uma cratera com formato de guerreiro falcão na sala de estar de alguém. Eu esperava apenas não ter achatado nenhum mortal enquanto assistiam tv.

Quando minha visão clareou, eu vi duas coisas que me irritaram. Primeiro, o crocodilo estava correndo em minha direção novamente. Segundo, meu novo amigo Percy estava parado no meio da rua, me encarando totalmente chocado. Aparentemente meu avatar de combate tinha o assustado tanto que ele havia esquecido sua parte no plano.

— Mas que coisa assustadora é *essa*? — ele exigiu — Você estava dentro de um brilhante homem-galinha gigante!

— Falcão! — gritei.

Eu decidi que se eu sobrevivesse a esse dia, eu iria dar um jeito de nunca o deixar conhecer Sadie. Eles provavelmente iriam se revezar em me insultar pelo resto da eternidade.

— Uma ajudinha aqui?

Percy descongelou e correu em direção à criatura. Com o monstro chegando perto, eu o chutei no focinho, o que o fez espirrar e balançar sua cabeça longe o suficiente para eu me livrar da casa em ruínas.

Então Percy pulou na cauda da criatura e correu pela sua coluna. O monstro se debatia, sua pele vertendo água por todo lado, mas de algum jeito Percy conseguiu ficar no lugar. O cara deve ter praticado ginástica ou alguma coisa assim.

Enquanto isso, as crianças mortais tinham encontrado uma munição melhor — pedras, sucata do carro destruído, até mesmo uns pedaços de ferro — e estavam lançando as coisas no monstro. Eu não queria que o crocodilo voltasse sua atenção para eles.

— Ei!

Eu balancei minha *khopesh* na cara do bicho — um bom ataque solido que deveria ter arrancado o maxilar inferior, mas ele de alguma maneira se desviou da lâmina e a abocanhou. Nós acabamos lutando pela espada azul enquanto ele chiava com a boca, fazendo seus dentes se desmancharem em areia. Aquilo não poderia ter sido bom, mas o crocodilo aguentou firme, puxando contra mim.

— Percy! — gritei — quando você quiser!

Percy se atirou até o colar. Ele o agarrou e começou a cortar os elos de ouro, mas a sua espada de bronze sequer fez um arranhão.

Enquanto isso o crocodilo enlouquecia tentando arrancar a espada da minha mão. E meu avatar de combate começou a tremer.

A invocação de avatar é uma coisa a curto prazo, como correr em velocidade máxima. Você não consegue fazer durar muito, se não entra em colapso. Neste momento eu já estava suando e respirando com dificuldade. Meu coração disparou, meus reservatórios de magia estavam sendo dizimados.

— Rápido — eu disse para Percy.

— Eu não consigo cortar isso! — disse ele.

— Um fecho — falei. — Tem que haver um.

Assim que eu disse isso, o vi — na garganta do monstro, um cartucho de ouro circundado com hieróglifos que soletravam SOBEK.

— Está lá, na parte de trás!

Percy desceu pelo colar, escalando-o como uma rede, mas nesse momento meu avatar entrou em colapso. Eu caí ao chão, exausto e tonto. A única coisa que salvou minha vida foi que o crocodilo estava puxando a espada do meu avatar. Quando a espada desapareceu, o monstro cambaleou para trás e tropeçou em um Honda.

As crianças mortais dispersaram. Uma mergulhou debaixo de um carro, só para que o carro desaparecesse — atirado ao ar pela cauda do crocodilo.

Percy chegou à parte de trás do colar e se segurou com se sua vida dependesse disso. Sua espada tinha ido embora. Provavelmente ele a tinha deixado cair.

Enquanto isso, o monstro recuperou o equilíbrio. A boa notícia: ele não pareceu notar Percy. A má notícia: ele *definitivamente* me notou e pareceu extremamente bravo.

Eu não tinha a energia para correr, muito menos para convocar magia para lutar. Neste ponto, as crianças mortais com seus balões de água e rochas tinham mais chance de deter o crocodilo do que eu.

À distância, sirenes soaram. Alguém chamou a polícia, o que não exatamente me animava. Isso só significava que mais mortais se dirigiam para cá o mais rápido que poderiam para se voluntariar como lanches.

Recuei até a calçada e tentei — ridiculamente — olhar o monstro.

— Fica, garoto.

O crocodilo rosnou. Sua pele verteu água, como a mais grosseira fonte

no mundo, fazendo meus sapatos chapinharem enquanto eu caminhava. Seus olhos amarelos-lâmpada me acompanhavam, talvez brilhando de felicidade. Ele sabia que eu estava acabado.

Enfiei minha mão na mochila. A única coisa que eu encontrei foi um pedaço de cera. Eu não tinha tempo para construir um *shabti* apropriado, mas não tinha ideia melhor. Larguei minha mochila e comecei a amassar furiosamente a cera com ambas as mãos, tentando amolecê-la.

— Percy? — chamei.

— Não consigo destrancar o fecho! — ele gritou.

Eu não ousava tirar os olhos do crocodilo, mas na minha visão periférica eu podia ver Percy batendo o punho contra a base do colar.

— Algum tipo de magia?

Essa foi a coisa mais inteligente que ele disse durante toda a tarde (não que ele havia dito um monte de coisas inteligentes para que eu pudesse escolher). O fecho era um cartucho de hieróglifos. Seria preciso um mago para entendê-lo e abri-lo. O que quer ou quem quer Percy fosse, ele não era um mago.

Eu ainda estava moldando o pedaço de cera, tentando transformá-la em uma estatueta, quando o crocodilo decidiu parar de saborear o momento e apenas me comer. Quando ele pulou, eu joguei meu *shabti*, apenas metade formado, e rosnei uma palavra de comando.

Instantaneamente o hipopótamo mais deformado do mundo ganhou vida em pleno ar. Ele partiu de cabeça na narina esquerda do crocodilo e se alojou lá, chutando com suas curtas pernas traseiras.

Não foi exatamente o meu melhor movimento tático, mas ter um hipopótamo chutando o seu nariz deveria ser distração suficientemente. O crocodilo silvou e tropeçou, sacudindo a cabeça, enquanto Percy pulou e rolou para longe, mal evitando ser pisoteado pelos pés do crocodilo. Ele correu para se juntar a mim na calçada.

Eu olhei com horror como minha criatura de cera, agora um vivo (embora muito disforme) hipopótamo, tentou se livrar da narina do crocodilo ou buscou um caminho ainda mais fundo através da cavidade nasal do réptil — eu não tinha certeza qual.

O crocodilo girava em círculo e Percy agarrou-me na hora certa, me puxando para fora do caminho.

Nós corremos para a saída oposta do beco sem saída, onde as crianças

mortais haviam se reunido. Surpreendentemente, nenhuma delas parecia estar ferida. O crocodilo manteve-se debatendo e acabando com casas, enquanto tentava limpar a sua narina.

— Você está bem? — Percy me perguntou.

Eu respirei em busca de ar, mas acenei com a cabeça fracamente.

Um dos garotos me ofereceu sua pistola d'água. Eu dispensei com um aceno.

— Vocês — Percy disse às crianças — ouvem aquelas sirenes? Vocês têm que descer a estrada e parar a polícia. Diga-lhes que é muito perigoso aqui em cima. Enrolem eles!

Por alguma razão, as crianças escutavam. Talvez estivessem apenas felizes por terem algo a fazer, mas, da forma como Percy falou, eu tenho a sensação de ele estava acostumado animar tropas em desvantagem. Ele soou um pouco como Hórus — um comandante natural.

Depois que as crianças saíram correndo, eu consegui dizer:

— Boa ideia.

Percy assentiu tristemente. O crocodilo ainda estava distraído por seu intruso nasal, mas eu duvidava que o *shabti* fosse durar muito mais tempo. Sob essa quantidade de estresse, o hipopótamo iria em breve derreter de volta em cera.

— Você tem algumas jogadas, Carter — Percy admitiu. — Qualquer outra coisa em seu saco de truques?

— Nada — eu disse tristemente — fiquei sem nada. Mas se eu puder chegar àquele fecho, acho que posso abri-lo.

Percy avaliou o *petsuchos*. O beco sem saída estava se enchendo de água que vertia da pele do monstro. As sirenes estavam ficando mais altas. Nós não tínhamos muito tempo.

— Acho que é a minha vez de distrair o crocodilo. — disse ele — Prepare-se para correr até aquele colar.

— Você não tem sequer a sua espada — eu protestei. — Você vai morrer!

Percy deu um sorriso torto.

— Apenas corra para lá assim que começar.

— Assim que o *quê* começar?

Em seguida, o crocodilo espirrou, lançando o hipopótamo de cera através de Long Island. O *petsuchos* voltou-se para nós, rugindo com raiva, e Percy avançou diretamente para ele.

Enquanto ele saía, eu não precisei perguntar que tipo de distração Percy tinha em mente. Depois que começou, era bastante óbvio.

Ele parou em frente ao crocodilo e levantou os braços. Eu imaginei que ele estava planejando algum tipo de magia, mas ele não dizia nenhuma palavra de comando. Ele não tinha cajado ou varinha. Ele apenas ficou parado lá e olhou para o crocodilo como se quisesse dizer: *Estou aqui! Eu sou gostoso!*

O crocodilo parecia momentaneamente surpreso. Se nada desse certo, nós morreríamos sabendo que tínhamos confundido o monstro muitas e muitas vezes.

O suor do crocodilo continuava a cair de seu corpo. O material salobro subia até a calçada agora, até nossos tornozelos. Escorria pelos bueiros, mas apenas continuava derramando da pele do crocodilo.

Então eu vi o que estava acontecendo. Enquanto Percy levantava os braços, a água começou a rodopiar no sentido anti-horário. Começou ao redor dos pés do crocodilo e rapidamente ganhou velocidade até que o redemoinho abrangeu todo o beco sem saída, girando forte o suficiente para que eu pudesse sentir me puxando para o lado.

No momento em que eu percebi que seria melhor começar a correr, a corrente já estava muito rápida. Eu tinha que alcançar o colar de alguma outra forma.

Um último truque, pensei.

Eu temia que o esforço pudesse, literalmente, me consumir, mas eu invoquei o meu pedaço final de energia mágica e me transformei em um falcão — o animal sagrado de Hórus.

Instantaneamente, minha visão ficou cem vezes mais nítida. Eu disparei para cima, acima dos telhados, e o mundo inteiro mudou para 3D em alta definição. Eu vi os carros da polícia a poucos quarteirões de distância, as crianças de pé no meio da rua, atrasando-os. Eu poderia contar cada protuberância e poro viscoso no couro do crocodilo. Eu conseguia ver cada hieróglifo naquele fecho do colar. E podia ver o quão impressionante era o truque de magia de Percy.

Todo o beco sem saída estava envolto em um furacão. Percy estava na borda, imóvel, mas a água estava agitando tão rápido agora que até mesmo o crocodilo gigante perdia o equilíbrio. Carros destruídos raspavam ao longo do pavimento. Caixas de correio foram retirados dos gramados e varridos. A água aumentou em volume, bem como a velocidade, subindo e transformando a vizinhança inteira em uma centrífuga líquida.

Foi a minha vez de ficar chocado. Alguns momentos atrás, eu tinha decidido que Percy não era mago. No entanto, eu nunca tinha visto um mago que podia controlar tanta água.

O crocodilo tropeçou e debateu-se, arrastado em um círculo com a corrente.

— Quando quiser — Percy murmurou com os dentes cerrados.

Sem a minha audição de falcão, eu nunca o teria ouvido falar em meio à tempestade, mas eu percebi que ele estava falando comigo.

Lembrei-me de que eu tinha um trabalho a fazer. Ninguém, mago ou qualquer outro, poderia controlar esse tipo de poder por muito tempo.

Eu dobrei minhas asas e mergulhei para o crocodilo. Quando alcancei o fecho do colar, voltei a ser humano e me agarrei. Em toda a minha volta, o furacão rugia. Eu mal podia ver através do redemoinho de névoa. A corrente estava tão forte agora que puxava minhas pernas, ameaçando me puxar para o dilúvio.

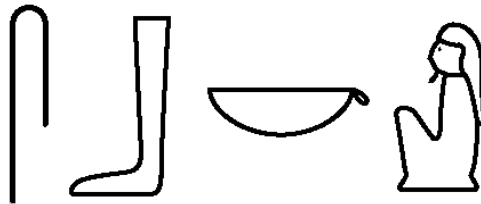
Eu estava *tão* cansado. Eu não havia me sentido ultrapassando os meus limites desde que eu tinha lutado com o Senhor do Caos, o próprio Apófis.

Passei a mão sobre os hieróglifos no fecho. Tinha que haver um código para destravá-lo.

O crocodilo gritou e pisoteou, lutando para se manter em pé. Em algum lugar à minha esquerda, Percy gritou de raiva e frustração, tentando manter a tempestade, mas o redemoinho estava começando a diminuir.

Eu tinha poucos segundos, na melhor das hipóteses, até o crocodilo ficar livre e atacar. Então Percy e eu iríamos estar mortos.

Eu senti os quatro símbolos que compõe o nome do deus:



O último símbolo não chegava a representar um som, eu sabia. Era o hieróglifo pra *deus*, indicando que as letras em frente dele — SBK — era o nome de uma divindade.

Quando estiver em dúvida, pensei, aperte o botão *deus*.

Eu empurrei o quarto símbolo, mas nada aconteceu.

A tempestade estava falhando. O crocodilo começou a virar contra a corrente, de frente para Percy. Com o canto do meu olho, através da névoa e nevoeiro, vi Percy cair em um joelho.

Meus dedos passaram sobre o terceiro hieróglifo — a cesta de vime (Sadie sempre o chamou de “xícara de chá”) isso representava o som de K. O hieróglifo parecia levemente quente ao toque — ou era minha imaginação?

Sem tempo para pensar, eu o pressionei. Nada aconteceu.

A tempestade morreu. O crocodilo gritou em triunfo, pronto para se alimentar.

Eu soquei o hieróglifo de cesta de vime com toda minha força. Nesse momento o fecho fez um *click* satisfatório e saltou, abrindo. Eu caí na calçada, e várias centenas de quilos de ouro e pedras preciosas derramaram-se em cima de mim.

O crocodilo cambaleou, rugindo como as armas de um navio de guerra. O que restou do furacão se espalhou em uma explosão de vento, e eu fechei os olhos, pronto para ser esmagado pelo corpo de um monstro em queda.

De repente, o beco sem saída ficou em silêncio. Nenhuma sirene. Nenhum rugir de crocodilo. O monte de joias de ouro desapareceu. Eu estava deitado de costas na água suja, olhando para o céu azul vazio.

O rosto de Percy apareceu em cima de mim. Parecia que ele tinha acabado de correr uma maratona através de um tufão, mas ele estava sorrindo.

— Bom trabalho. — disse ele — Conseguiu o colar.

— O colar?

Meu cérebro ainda estava lento. Onde havia ido todo aquele ouro? Sentei-me e coloquei minha mão sobre a calçada. Meus dedos se fecharam em volta do fio de joias, agora de tamanho normal... bem, pelo menos *normal* para algo que poderia caber em volta do pescoço de um crocodilo de tamanho comum.

— O... o monstro — gaguejei. — Onde...?

Percy apontou. A poucos metros de distância, parecendo muito descontente, estava um bebê crocodilo com quase um metro de comprimento.

— Você não pode estar falando sério. — falei.

— Talvez fosse bicho de estimação abandonado de alguém? — Percy deu de ombros. — Você ouve sobre isso no noticiário às vezes.

Eu não conseguia pensar em uma explicação melhor, mas como um bebê crocodilo conseguiu pegar um colar que o transformou em uma máquina de matar gigante?

Descendo a rua, vozes começaram a gritar.

— Aqui! Tem dois garotos lá!

Eram as crianças mortais. Aparentemente eles decidiram que o perigo tinha passado. Agora eles guiavam a polícia direto para nós.

— Nós temos que ir — Percy pegou o bebê crocodilo, cerrando uma das mãos em volta do pequeno focinho. Ele olhou para mim. — Você vem?

Juntos, corremos de volta para o pântano.

Meia hora depois, estávamos sentados em um restaurante fora da estrada de Montauk. Divido o resto da minha poção de cura com Percy, que por algum motivo insistiu em chamá-la de *néctar*. A maior parte das nossas feridas já estava curada.

Amarramos o crocodilo na floresta com uma coleira improvisada, apenas até decidirmos o que fazer com ele. Nos limpamos o melhor que pudemos, mas ainda parecia que tomamos banho em um lava rápido defeituoso. O cabelo de Percy estava escorrido para um lado e bagunçado com pedaços de grama. Sua camiseta laranja estava rasgada na frente.

Tenho certeza de que eu não estava muito melhor. Tinha água nos meus sapatos, e ainda estava tirando penas de falcão das mangas da minha camiseta (transformações apressadas podem ser bagunçadas).

Estávamos exaustos demais para falar enquanto assistíamos o noticiário na televisão acima do balcão. Policiais e bombeiros respondiam a uma ocorrência envolvendo um estranho acidente no esgoto da vizinhança. Aparentemente houve um aumento de pressão nos canos de drenagem, causando uma explosão massiva no solo, o que desencadeou inundações e uma erosão tão grave que algumas casas no beco sem saída desabaram. Era um milagre que nenhum morador ficou ferido. Crianças nas redondezas contaram algumas histórias estranhas sobre um Monstro do Pântano de Long Island, afirmando que ele causou todo esse dano durante uma luta com dois adolescentes, mas é claro que a polícia não acreditou neles. O repórter admitiu, no entanto, que as casas afetadas tinham a aparência de que “algo muito grande se sentou sobre elas”.

— Um estranho acidente de esgoto — disse Percy. — Esse é o primeiro.

— Para você, talvez — resmunguei — Parece que eles me acompanham onde quer que eu vá.

— Anime-se. — disse ele — O almoço é por minha conta.

Ele vasculhou os bolsos da calça jeans e tirou uma caneta esferográfica.

Nada mais.

— Oh... — ele sorriu envergonhado — Uh, na verdade... Você pode conjurar dinheiro?

Então, naturalmente, o almoço ficou por *minha* conta. Eu *podia* retirar dinheiro do ar, desde que mantivesse algum guardado no Duat com meus outros suprimentos de emergência, então em um instante tínhamos *cheeseburgers* e fritas à nossa frente, então as coisas estavam melhorando.

— *Cheeseburgers* — Percy disse — comida dos deuses.

— Concordo — falei.

Mas quando olhei para ele, me perguntei se ele estava pensando o mesmo que eu: que estávamos nos referindo a deuses *diferentes*.

Percy cheirou seu hambúrguer. Sêrio, esse cara podia comer.

— Então, o colar — ele disse entre as mordidas. — Qual é a história?

Eu hesitei. Continuava sem pistas sobre de onde Percy veio ou o que ele era, e eu não tinha certeza se queria perguntar. Agora que lutamos juntos, eu não poderia deixar de confiar nele. Ainda assim, eu sentia que estávamos pisando em terreno perigoso. Tudo o que dissemos pode ter sérias implicações — não apenas para nós dois, mas talvez para todos os que conhecemos.

Senti como se estivesse há dois invernos atrás, quando meu tio Amós contou a verdade sobre a herança da família Kane — A Casa da Vida, os deuses egípcios, o Duat, tudo. Em um único dia, meu mundo ampliou-se dez vezes mais e me deixou em choque.

Agora eu estava de frente com outro momento desses. Mas se meu mundo expandisse dez vezes mais *de novo* eu tinha medo de que meu cérebro explodisse.

— O colar é encantado — eu disse por fim. — Qualquer réptil que usá-lo se tornará o próximo *petsuchos*, o Filho de Sobek. De alguma maneira, aquele pequeno crocodilo usava isso ao redor do pescoço.

— O que significa que alguém *colocou* em volta do pescoço dele — Percy disse.

Eu não queria pensar nisso, mas assenti com relutância.

— Então quem? — perguntou ele.

— Difícil de reduzir a lista. — falei — Tenho muitos inimigos.

Percy bufou.

— Eu entendo isso. Alguma ideia do *por que*, então?

Dei outra mordida no meu *cheeseburger*. Estava bom, mas eu tinha problemas em me concentrar nele.

— Alguém que queira causar confusão — especulei — Talvez...

Estudei Percy, tentando julgar o quanto eu deveria dizer.

— Talvez eles quisessem causar problemas para chamar nossa atenção. De nós *dois*.

Percy franziu a testa. Ele desenhou algo em seu ketchup com uma batata frita — não um hieróglifo. Algum tipo de linguagem não inglesa. Grego, eu acho.

— O monstro tinha um nome grego — ele disse — Estava comendo pégasos em meu... — ele hesitou.

— Na sua casa própria casa — eu terminei. — Algum tipo de acampamento, a julgar pela sua camiseta.

Ele mudou de posição em seu banco de bar. Eu ainda não conseguia acreditar que ele estava falando sobre pégasos como se eles fossem reais, mas eu lembrei de um dia na Casa do Brooklin, talvez há um ano atrás, quando eu certamente vi um cavalo alado voar pelo horizonte de Manhattan. Na época, Sadie disse que eu estava alucinando. Agora, não teria tanta certeza.

Percy finalmente me encarou.

— Olha, Carter. Você não é tão chato como eu pensava. E nós formamos um bom time hoje, mas...

— Você não quer dividir seus segredos. — falei — Não se preocupe. Eu não vou perguntar sobre o seu acampamento. Ou dos poderes que você tem. Ou nada disso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você não está curioso?

— Estou *completamente* curioso. Mas até descobrirmos o que está acontecendo, acho melhor mantermos certa distância. Se alguém — alguma *coisa* — soltou aquele monstro aqui, sabendo que atrairia a atenção de nós dois...

— Então talvez essa pessoa quisesse que nos conhecêssemos — ele terminou — Esperando que coisas más acontecessem.

Franzi a sobrancelha. Pensei sobre o desconforto que senti em meu estômago mais cedo — a voz em minha cabeça me alertando para não contar nada a Percy. Passei a respeitar o garoto, mas ainda sentia que não deveríamos ser amigos. Nós não fomos feitos para estar em qualquer lugar *perto* um do outro.

Há muito tempo atrás, quando eu era apenas uma criança, eu vi minha mãe fazer um experimento científico com alguns de seus alunos da universidade.

“Potássio e água, ela disse a eles. *Separados, completamente inofensivos. Mas juntos...*”

Ela jogou o potássio em um copo de água, e *kabum!* Os alunos saltaram para trás quando uma miniexplosão balançou todos os frascos no laboratório.

Percy era a água. Eu era o potássio.

— Mas agora nós nos conhecemos — Percy falou. — Você sabe que eu estou aqui em Long Island. Eu sei que você mora no Brooklyn. Se nós formos procurar um ao outro...

— Eu não recomendaria isso. — falei — Não até sabermos mais. Preciso procurar algumas coisas no, uh, meu lado, para tentar descobrir quem estava por trás deste incidente do crocodilo.

— Tudo bem — Percy concordou. — Eu vou fazer o mesmo do meu lado.

Ele apontou para o colar *petsuchos*, que estava brilhando dentro da minha mochila.

— O que vamos fazer sobre isso?

— Eu posso enviá-lo para um lugar seguro — eu prometi. — Ele não vai causar problemas novamente. Nós lidamos com muitas relíquias como esta.

— Nós — Percy repetiu. — Ou seja, há um monte de... vocês?

Eu não respondi.

Percy levantou as mãos.

— Tudo bem. Eu não perguntei nada. Eu tenho alguns amigos no aca... uh no meu lado que adorariam mexer com um colar mágico como este, mas eu vou confiar em você nisto. Pegue-o.

Eu não sabia que eu estava segurando a minha respiração até que eu a soltei.

— Obrigado. Bom.

— E o bebê crocodilo? — perguntou.

Soltei uma risada nervosa.

— Você quer?

— Deuses, não — ele respondeu.

— Eu posso levá-lo, dar-lhe uma boa casa.

Eu pensei na nossa enorme piscina na casa do Brooklyn. Gostaria de saber como o nosso crocodilo mágico gigante, Filipe da Macedônia, se sentiria em ter um amiguinho.

— Sim, ele vai se encaixar bem.

Percy parecia não saber o que pensar sobre isso.

— Ok, bem... — ele estendeu a mão. — Foi bom trabalhar com você, Carter.

Nós apertamos as mãos. Nenhuma faísca voou. Nenhum trovão ressoou. Mas eu ainda não podia escapar da sensação de que tínhamos aberto uma porta, nos encontrando assim — uma porta que podemos não ser capazes de fechar.

— Com você também, Percy.

Ele se levantou para sair.

— Só mais uma coisa — disse ele. — Se este alguém, que nos juntou... se ele é um inimigo em comum... o que faremos se *precisarmos* um do outro para lutar contra ele? Como entro em contato com você?

Eu considereei isso. Então tomei uma decisão precipitada.

— Posso escrever algo em sua mão?

Ele franziu a testa.

— Como o número do seu telefone?

— Uh... Bem, não exatamente.

Peguei minha caneta e um frasco de tinta mágica. Percy estendeu a palma da mão. Eu desenhei um hieróglifo lá — o Olho de Hórus. Assim que o símbolo estava completo, queimou em azul, depois desapareceu.

— Apenas diga meu nome — eu disse a ele — e eu vou ouvi-lo. Eu vou saber onde você está, e vou encontrá-lo. Mas só vai funcionar uma vez, então tome cuidado.

Percy considerou a palma da mão vazia.

— Estou confiando em você que isso não é algum tipo de dispositivo de rastreamento mágico.

— Sim. — falei — E eu estou confiante de que quando você me chamar, não estará me atraindo para algum tipo de emboscada.

Ele olhou para mim. Aqueles olhos verdes tempestuosos eram realmente um pouco assustadores. Então, ele sorriu, e ele parecia um adolescente normal, sem nenhuma preocupação no mundo.

— É justo — falou. — Até a próxima, C...

— Não diga o meu nome!

— Só brincando — ele apontou para mim e piscou. — Continue um estranho, meu amigo.

Então ele se foi.

Uma hora depois, eu estava de volta a bordo do meu barco no ar com o bebê

crocodilo e o colar mágico com Freak voando para casa do Brooklyn.

Agora, olhando para trás, a coisa toda com Percy parece tão surreal. Mal posso acreditar que realmente aconteceu.

Eu me pergunto como Percy convocou aquele redemoinho, e o que diabos é *Bronze Celestial*. Acima de tudo, uma palavra continua rolando na minha mente: *semideus*.

Tenho a sensação de que eu poderia encontrar algumas respostas se eu procurar o suficiente, mas estou com medo do que eu possa descobrir.

Por enquanto, acho que só vou dizer à Sadie sobre isso e ninguém mais. Primeiro ela vai pensar que eu estou brincando. E, claro, ela vai me atormentar, mas ela também sabe quando eu estou dizendo a verdade. Chata como ela é, eu confio nela (embora eu nunca dissesse isso diretamente).

Talvez ela tenha algumas ideias sobre o que devemos fazer.

Quem quer que juntou Percy e eu, quem orquestrou nosso encontro... Tem cheiro de Caos. Eu não posso deixar de pensar que esta era uma experiência para ver que tipo de estrago nós faríamos. Potássio e água. Matéria e antimatéria.

Felizmente, as coisas correram bem. O colar *petsuchos* está seguramente trancado. Nosso novo crocodilo bebê está mergulhando feliz na nossa piscina.

Mas da próxima vez... bem, eu tenho medo que não tenhamos tanta sorte.

Em algum lugar há um garoto chamado Percy com um hieróglifo secreto em sua mão. E eu tenho a sensação de que, mais cedo ou mais tarde eu vou acordar no meio da noite e ouvir uma palavra, falada urgentemente em minha mente:

Carter.

RICK RIORDAN

O CAJADO DE SERÁPIS

COM ANNABETH CHASE E SADIE KANE



CONFIRA
UM TRECHO DE
"O SANGUE
DO OLIMPO"

intrínseca

ANNABETH CHASE

O CAJADO DE SERÁPIS

ATÉ ELA TER AVISTADO O MONSTRO de duas cabeças, Annabeth não pensou que o dia dela poderia piorar ainda mais.

Ela gastara a manhã inteira fazendo um trabalho extra para o colégio (matar aula regularmente para salvar o mundo de monstros e deuses gregos pirados estava bagunçando seriamente seu rendimento escolar). Depois rejeitara um filme com seu namorado Percy e alguns de seus amigos para que pudesse se candidatar para um estágio de verão em uma empresa de arquitetura local. Infelizmente, seu cérebro havia virado mingau. Ela tinha certeza de que havia estragado a entrevista.

Finalmente, perto das quatro da tarde, ela marchou através do Parque Washington Square a caminho da estação do metrô quando pisou em uma pilha fresca de estrume de vaca.

Ela olhou raivosamente para o céu.

— Hera!

Os outros pedestres lançaram olhares engraçados, mas Annabeth não se importou. Ela estava cansada das piadas da deusa. Annabeth tinha feito *tantas* missões para Hera, mas a Rainha dos Céus continua a deixar presentes do seu animal sagrado bem onde Annabeth poderia pisar. A deusa deveria ter um rebanho de vacas invisíveis patrulhando Manhattan.

No momento em que Annabeth chegou à Estação da Quarta Avenida Oeste, ela estava irritada e exausta e queria apenas pegar o trem F em direção à parte alta da cidade, até o apartamento de Percy. Já era muito tarde para o cinema, mas talvez eles conseguissem um jantar ou algo assim.

Então ela avistou o monstro.

Annabeth tinha visto algumas coisas estranhas antes, mas essa besta definitivamente entrava em sua lista “O Que os Deuses Estavam Pensando?”. Parecia um leão e lobo amarrados juntos, com uma concha de caranguejo-ermitão encravada nas costas.

A concha em si era uma espiral marrom rugosa, como um cone de waffle – com quase dois metros de comprimento e uma rachadura irregular ao meio, como se tivesse partido e depois colada de volta. Brotando de cima estavam as pernas dianteiras e as cabeças – um lobo cinzento no lado esquerdo, um leão de juba dourada no direito.

Os dois animais não pareciam felizes em dividir a mesma concha. Eles a arrastaram para baixo da plataforma enquanto tentavam puxar em diferentes direções. Rosnaram um para o outro com irritação. Em seguida, os dois congelaram e cheiraram o ar.

Os passageiros continuavam seguindo o fluxo. A maioria desviava do monstro e o ignorava. Outros apenas franziam as sobrancelhas ou demonstravam irritação.

Annabeth havia visto a Névoa em ação várias vezes antes, mas sempre ficava maravilhada em como o véu mágico conseguia distorcer a visão dos mortais, fazendo com que mesmo o monstro mais assustador parecesse algo explicável – um cachorro abandonado ou talvez um morador de rua envolto em um cobertor.

As narinas do monstro alargaram. Antes que Annabeth pudesse decidir o que fazer, as duas cabeças viraram e se fixaram nela.

A mão de Annabeth disparou para sua faca. Então ela se lembrou de que não tinha uma. Neste momento, sua arma mais mortal era a mochila, que estava carregada com pesados livros de arquitetura da biblioteca pública.

Ela estabilizou sua respiração. O monstro parou a uns nove metros de distância.

Lidar com um leão-lobo-caranguejo no meio de uma estação de metrô lotada não seria sua primeira escolha, mas se precisasse, ela o faria. Ela era uma filha de Atena.

Ela encarou a fera, deixando que soubesse que não estava de brincadeira.

— Pode vir, Caran. — ela disse. — Espero que você tenha alta tolerância para dor.

As cabeças de leão e lobo mostraram os dentes. Então o chão tremeu. Ar fluíu através do túnel enquanto um trem chegava.

O monstro rosnou para Annabeth. Ela poderia jurar que viu um olhar de pesar em seus olhos, como se pensando, *Eu adoraria rasgá-la em pedacinhos, mas tenho negócios em outro lugar.*

Em seguida, Caran virou-se e limitou-se a ir embora, arrastando sua enorme concha atrás de si. Ele desapareceu escadas acima, rumando em direção ao trem A.

Por um momento, Annabeth estava atordoada demais para se mover. Ela raramente via um monstro deixar um semideus em paz desta forma. Quando tinham a chance, quase *sempre* atacavam.

Se este caranguejo-ermitão de duas cabeças tinha algo mais importante a fazer do que matá-la, Annabeth queria saber o que era. Ela não poderia apenas deixar o monstro partir, prosseguindo com seus planos malvados e utilizando transporte público de graça.

Ela olhou desejosamente para o trem F que a levaria para o apartamento de Percy. Então correu escada acima atrás do monstro.

Annabeth saltou a bordo segundos antes de as portas se fecharem. O trem se afastou da plataforma e mergulhou na escuridão. As luzes do teto piscaram. Viajantes balançaram para trás e para frente. Cada assento estava ocupado. Uma dúzia de passageiros de pé, cambaleando, agarrava-se aos suportes de ferro.

Annabeth não conseguia ver Caran até que alguém na frente gritou:

— Cuidado, esquisito!

O lobo-leão-caranguejo estava abrindo caminho para frente, rosnando para os mortais, mas os passageiros do metrô só pareciam irritados. Talvez eles vissem o monstro como um cara bêbado qualquer.

Annabeth o seguiu.

Enquanto Caran se preocupava em abrir as portas e seguir para o próximo vagão, Annabeth notou que sua concha estava brilhando levemente.

Já estava assim antes? Em torno do monstro símbolos vermelho néon brilhavam – letras gregas, signos astrológicos e símbolos desenhados. *Hieróglifos egípcios*.

Um frio trespassou os ombros de Annabeth. Ela se lembrou de algo que Percy tinha lhe contado há algumas semanas – sobre um encontro que ele teve que parecia tão impossível que ela assumiu que estivesse brincando.

Mas agora...

Ela passou através da multidão, seguindo Caran para o próximo vagão.

A concha da criatura estava definitivamente brilhando mais forte agora. Enquanto Annabeth se aproximava, ela começava a ficar enjoada. Sentiu uma sensação quente de puxão em seu intestino, como se tivesse um anzol em seu umbigo puxando-a em direção ao monstro.

Annabeth tentou acalmar seus nervos. Ela dedicou sua vida a estudar antigos espíritos gregos, animais e *daemones*. O conhecimento era a sua arma mais importante. Mas essa coisa caranguejo de duas cabeças – ela não tinha nenhuma referência para ele. Sua bússola interna estava girando inutilmente.

Ela desejou ter uma saída. Tinha seu celular, mas, mesmo que pudesse fazer a ligação do túnel, quem chamaria? A maioria dos outros semideuses não carregavam

telefones. Os sinais atraíam monstros. Percy estava a caminho da parte alta da cidade. A maioria de seus amigos estava de volta ao Acampamento Meio-Sangue na costa norte de Long Island.

Caran continuou se dirigindo para a frente do trem.

No momento em que Annabeth o alcançou no vagão seguinte, a aura do monstro era tão forte que até mesmo os mortais começaram a notar. Muitos enrugaram o nariz e se curvaram em seus lugares, como se alguém tivesse aberto um armário cheio de comida estragada. Outros desmaiaram no chão.

Annabeth se sentiu tão enjoada que queria recuar, mas a sensação do anzol mantinha-se puxando seu umbigo, atraindo-a para o monstro.

O trem parou na estação da Rua Fulton. Assim que as portas se abriram, cada passageiro que ainda estava consciente tropeçou para fora. A cabeça de lobo do Caran se virou para uma senhora, agarrando a bolsa dela com os dentes quando ela tentou fugir.

— Ei! — Annabeth gritou.

O monstro deixou a mulher ir.

Os dois pares de olhos se fixaram em Annabeth, como se pensassem, *Você quer morrer?*

Então, o monstro jogou as suas cabeças para trás e rugiram em harmonia. O som atingiu Annabeth como um picador de gelo entre os olhos. As janelas do trem quebraram. Os mortais desmaiados foram assustados de volta à consciência. Alguns conseguiram rastejar pelas portas do vagão. Outros pularam através das janelas quebradas.

Através da visão turva, Annabeth viu o monstro agachar-se em seus antebraços incompatíveis, pronto para atacar.

O tempo passou devagar. Ela estava vagamente consciente do fechamento das portas quebradas, o trem agora vazio saindo da estação. Seria possível que o condutor não percebeu o que estava acontecendo? Estava o trem seguindo no piloto automático?

A apenas três metros de distância agora, Annabeth notou novos detalhes sobre o monstro. Sua aura vermelha parecia mais brilhante ao longo da junção de sua concha. Letras gregas e hieróglifos egípcios brilhantes eram expelidos como gás vulcânico de uma fissura em alto mar. A pata dianteira esquerda do leão era raspada no pulso, tatuada com uma série de pequenas listras pretas. Presa dentro da orelha esquerda do lobo estava uma etiqueta laranja com um preço: \$ 99,99.

Annabeth agarrou a alça de sua mochila. Ela estava pronta para atingir o monstro, mas não faria muito sem uma arma. Em vez disso, ela contou com sua tática habitual ao enfrentar um inimigo mais forte. Ela começou a falar.

— Você é feito de duas partes diferentes — disse ela. — Você é como... pedaços de uma estátua que ganharam vida. Você sofre uma fusão?

Foi uma conjectura total, mas o rosnado do leão fez Annabeth achar que tinha atingido o limite. O lobo mordeu a bochecha do leão como se lhe dizendo para se calar.

— Vocês não estão acostumados a trabalhar em conjunto — Annabeth adivinhou. — Sr. Leão, você tem um código de identificação em sua perna. Você era um artefato em um museu. Talvez o Museu Metropolitano?

O leão rugiu tão alto que os joelhos de Annabeth vacilaram.

— Acho que é um sim. E você, Sr. Lobo... a etiqueta em seu ouvido... você estava à venda em alguma loja de antiguidades?

O lobo rosnou e deu um passo na direção dela.

Enquanto isso, o trem continuou nos túneis sob o Rio East. Vento frio rodopiou para dentro através das janelas quebradas e fez os dentes de Annabeth baterem.

Todos os seus instintos lhe diziam para correr, mas suas articulações pareciam estar dissolvendo. A aura do monstro foi ficando mais brilhante, enchendo o ar com os símbolos místicos e luz sangrenta.

— Você... você está ficando mais forte — Annabeth observou. — Você está indo a algum lugar, não é? E quanto mais próximo chega...

As cabeças do monstro rugiram novamente em harmonia. Uma onda de energia

vermelha percorreu o vagão. Annabeth teve que lutar para se manter consciente.

Caran se aproximou. Sua concha se expandiu, a fissura no centro queimando como ferro fundido.

— Espere — Annabeth murmurou. — Eu...eu entendo agora. Você não está terminado ainda. Está à procura de outra parte. Uma terceira cabeça?

O monstro parou. Seus olhos brilharam com cautela, como se dissessem: *Você leu o meu diário?*

A coragem de Annabeth floresceu. Finalmente ela estava encontrando referências de seu inimigo. Ela conheceu muitas criaturas de três cabeças antes. Quando se tratava de seres míticos, *três* era uma espécie de número mágico. Fazia sentido que este monstro tivesse outra cabeça.

Caran tinha sido uma espécie de estátua, dividida em pedaços. Agora algo tinha despertado nele. Ele estava tentando se juntar novamente.

Annabeth decidiu que não podia deixar isso acontecer. Esses hieróglifos vermelhos e letras gregas brilhantes fluíam em torno dele como um cabo de fusível queimando, irradiavam uma magia que parecia fundamentalmente *errada*, como se estivesse dissolvendo lentamente a estrutura celular de Annabeth.

— Você não é exatamente um monstro grego, é? — Ela se aventurou. — Você vem do Egito?

Caran não gostou do comentário. Ele mostrou suas presas e se preparou para saltar.

— Opa, garoto — disse ela. — Você não está com força total, está? Ataque-me agora, e você vai perder. Afinal de contas, vocês não confiam um no outro.

O leão inclinou a cabeça e rosnou.

Annabeth fingiu um olhar de choque.

— Sr. Leão! Como você pode dizer isso sobre o Sr. Lobo?

O leão piscou.

O lobo olhou para o leão e rosnou, desconfiado.

— E, Sr. Lobo! — Annabeth engasgou. — Você não deve usar esse tipo de

linguagem sobre o seu amigo!

As duas cabeças se voltaram uma sobre a outra, mordendo e uivando. O monstro cambaleou quando suas patas foram em direções diferentes.

Annabeth sabia que ela só tinha comprado alguns segundos. Ela vasculhou seu cérebro, tentando descobrir o que essa criatura era e como poderia derrotá-la, mas não as características não correspondiam a qualquer coisa que ela conseguia se lembrar de suas aulas no Acampamento Meio-Sangue.

Ela considerou ficar atrás dele, talvez tentar quebrar a concha, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, o trem ficou mais lento. Ele parou na estação High Street, a primeira parada no Brooklyn.

A plataforma estava estranhamente vazia, mas um flash de luz perto da escada de saída chamou a atenção de Annabeth. Uma jovem garota loura, vestida com roupas brancas, balançava um bastão de madeira, tentando acertar um estranho animal que rodava em torno de suas pernas, latindo furiosamente. Dos ombros para cima, a criatura parecia um labrador retriever preto, mas a sua traseira terminava num cônico áspero, como uma cauda de girino calcificada.

Annabeth teve tempo para pensar: *a terceira peça*.

Então a garota loira acertou o focinho do cão. Seu bastão brilhou com luz dourada, e o cão foi arremessado para trás – em linha reta através de uma janela quebrada na extremidade do vagão em que Annabeth estava.

A menina loura o seguiu. Ela saltou através das portas que se fechavam e o trem saiu da estação.

Por um momento, todos eles ficaram estáticos – as duas meninas e os dois monstros.

Annabeth estudou a outra garota no extremo oposto do vagão, tentando avaliar o seu nível de ameaça.

A recém-chegada usava calças de linho branco e uma blusa correspondente, como uma espécie de uniforme de karatê. Seus coturnos com ponta de aço pareciam

poder causar danos em uma luta. Pendurado no ombro esquerdo estava uma mochila de nylon azul com um pedaço de marfim curvo – um bumerangue? – pendurado na alça. Mas a arma mais intimidante da menina era seu bastão de madeira branca – cerca de um metro e meio metros de comprimento, esculpido com a cabeça de uma águia, todo o comprimento brilhando como Bronze Celestial.

Annabeth olhou nos olhos da menina, e uma sensação de déjà vu a embalou.

A Garota Karatê não poderia ter mais que treze anos. Seus olhos eram de um azul brilhante, como uma filha de Zeus. Seu longo cabelo loiro tinha mechas roxas. Ela se parecia muito com uma filha de Atena – pronta para o combate, rápida, alerta e corajosa. Annabeth sentia como se estivesse vendo a si mesma quatro anos atrás, na época em que conheceu Percy Jackson.

Então a Garota Karatê falou e quebrou a ilusão.

— Certo — ela soprou um fio de cabelo roxo do rosto. — Porque o meu dia não estava maluco o suficiente.

Britânica, Annabeth pensou. Mas ela não teve tempo para refletir sobre isso.

O cão-girino e Caran estavam de pé no centro do vagão, a cerca de cinco metros de distância, olhando um para o outro com espanto. Agora eles superaram o choque. O cão uivou – um grito de triunfo que soava como: *eu te encontrei!* E o leão-lobo-caranguejo pulou para encontrá-lo.

— Pare-os! — Annabeth gritou.

Ela saltou nas costas de Caran, e as patas dianteiras entraram em colapso com o peso extra.

A outra garota gritou algo como:

— *Mar!*

Uma série de hieróglifos dourados brilhou no ar:



A criatura-cão cambaleou para trás com ânsia de vômito, como se tivesse engolido uma bola de bilhar.

Annabeth se esforçou para manter Caran caído, mas o animal tinha duas vezes seu peso. Ele empurrou-se para cima com as patas dianteiras, tentando jogá-la para o lado. Ambas as cabeças se voltaram para mordê-la.

Felizmente ela tinha controlado bem os pégasos selvagens no Acampamento Meio-Sangue. Ela conseguiu manter o equilíbrio enquanto tirava a mochila. Ela bateu dez quilos de livros de arquitetura na cabeça do leão, então passou a alça no pescoço do lobo e puxou para trás.

Enquanto isso, o trem voltou para a luz do dia. Ele sacudiu ao longo dos trilhos elevados do Queens, ar fresco soprando através das janelas quebradas e pedaços de vidro refletindo em todos os lugares.

Com o canto do olho, Annabeth viu o cão preto parar de tentar vomitar. Ele investiu contra a Garota Karatê, que sacou seu bumerangue de marfim e atingiu o monstro com outro flash dourado.

Annabeth desejou que ela pudesse invocar flashes dourados. Tudo o que tinha era uma mochila estúpida. Ela fez o seu melhor para subjugar Caran, mas o monstro parecia ficar mais forte a cada segundo, enquanto a aura da coisa vermelha enfraquecia Annabeth. Ela sentia a cabeça cheia de algodão. Seu estômago revirou.

Ela perdeu a noção do tempo enquanto lutava contra a criatura. Só sabia que não podia deixá-la combinar com aquela coisa com cabeça de cão. Se o monstro de três cabeças se completasse, seja lá o que fosse, seria impossível pará-la.

O cão atacou novamente a Garota Karatê. Desta vez, ele a derrubou. Annabeth, distraída, perdeu o controle sobre o monstro caranguejo, que a derrubou no chão e a fez bater a cabeça na quina de um banco.

Seus ouvidos zumbiam enquanto a criatura rugiu em triunfo. Uma onda de energia vermelha percorreu o vagão. O trem cambaleou para os lados, e Annabeth se sentiu leve.

— Levante-se, vamos — disse uma voz feminina. — Temos que ir.

Annabeth abriu os olhos. O mundo estava girando. Sirenes de emergência gritava à distância.

Ela estava deitada de costas em algumas ervas daninhas espinhosas. A menina loura do trem inclinava-se sobre ela, puxando seu braço.

Annabeth conseguiu se sentar. Parecia que alguém esteve martelando pregos quentes em sua caixa torácica. Quando sua visão clareou, ela percebeu que tinha sorte de estar viva. A cerca de cinquenta metros de distância, o trem do metrô descarrilhara. Os vagões estavam de lado em um ziguezague quebrado, com destroços fumegantes que lembrou a Annabeth uma carcaça de *drakon*, (infelizmente, ela tinha visto várias deles).

Ela não viu nenhum mortal ferido. Esperançosamente, todos tinham escapado do trem na estação da Rua Fulton. Mas ainda assim – aquilo era um desastre.

Annabeth reconheceu onde estava: Praia Rockaway. A algumas centenas de metros para a esquerda, terrenos baldios e cercas de arame davam lugar a uma praia de areia amarela pontilhada com alcatrão e lixo. O mar agitava-se sob um céu nublado. À direita de Annabeth, após os trilhos do trem, havia uma fileira de torres de apartamentos tão gastos que se poderia pensar que os edifícios eram formados a partir de velhas caixas de geladeira.

— Eei — a Garota Karatê sacudiu seu ombro. — Eu sei que você provavelmente está em estado de choque, mas precisamos ir. Não gostaria de ser interrogada pela polícia com *essa* coisa a reboque.

A menina acenou para a esquerda. Atrás dela, no asfalto quebrado, o Labrador monstro negro estava caído como um peixe fora d'água, o focinho e as patas presos por corda dourada brilhante.

Annabeth olhou para a menina mais nova. Em volta de seu pescoço brilhava uma corrente com um amuleto de prata – um símbolo como um ankh egípcio cruzado com um biscoito em formato de homem.



Ao seu lado estava seu bastão e o bumerangue de marfim – ambos esculpidos com hieróglifos e imagens estranhas, monstros muito não-gregos.

— Quem é você? — Annabeth demandou.

Um sorriso apareceu no canto da boca da menina.

— Normalmente eu não dou meu nome a estranhos. Vulnerabilidades mágicas e tudo mais. Mas tenho que respeitar alguém que luta contra um monstro de duas cabeças com nada além de uma mochila — ela ofereceu a mão. — Sadie Kane.

— Annabeth Chase.

Eles se cumprimentaram.

— Prazer em conhecê-la, Annabeth — disse Sadie. — Agora, vamos levar nosso cachorro para passear, sim?

Elas saíram bem na hora.

Em poucos minutos, os veículos de emergência cercaram o trem acidentado, e uma multidão de espectadores saiu dos prédios próximos.

Annabeth se sentia mais enjoada do que nunca. Manchas vermelhas dançavam diante de seus olhos, mas ela ajudou Sadie arrastar a criatura-cão pelo rabo para longe nas dunas de areia. Sadie parecia ter prazer em puxar o monstro sobre todas pedras e garrafas quebradas que poderia encontrar.

O animal rosnou e se contorceu. Sua aura vermelha brilhava mais intensamente enquanto a corda dourada esmaecia.

Normalmente Annabeth gostava de andar na praia. O oceano a lembrava de Percy. Mas hoje ela estava com fome e exausta. Sua mochila parecia mais pesada a

cada momento, e a magia da criatura-cão a fazia querer vomitar.

Além disso, Praia Rockaway era um lugar sombrio. Um furacão enorme passara ali mais de um ano atrás, e os danos ainda eram evidentes. Alguns dos prédios de apartamentos ao longe foram reduzidos a carcaças, suas janelas com tábuas e paredes de blocos de cimento cobertas de pichações. Madeira podre, pedaços de asfalto e metal retorcido enchiam a praia. O pilar de um cais destruído projetava-se para fora da água. O próprio mar desgastava pouco a pouco a costa, como se dissesse, *Não me ignore. Eu sempre posso voltar e terminar o trabalho.*

Finalmente chegaram a um caminhão abandonado de sorvete meio submersa nas dunas. Na lateral, imagens desbotadas de delícias há muito perdidas fizeram o estômago de Annabeth uivar em protesto.

— Tenho que parar — ela murmurou.

Ela deixou cair o monstro-cão e cambaleou até o caminhão, então deslizou para baixo com as costas apoiadas na porta do passageiro.

Sadie sentou de pernas cruzadas de frente para ela. Ela remexeu em sua própria bolsa e tirou um frasco de cerâmica com tampa de cortiça.

— Aqui — ela entregou a Annabeth. — É gostoso. Beba.

Annabeth estudou o frasco com cautela. Era pesado e quente, como se fosse cheia de café quente.

— Uh... isso não vai fazer flashes de ouro explodirem em meu rosto, vai?

Sadie bufou.

— É só uma poção de cura, sua boba. Uma amiga minha, Jaz, fabrica as melhores do mundo.

Annabeth ainda hesitou. Ela já tinha provado poções antes, fabricadas pelos filhos de Hécate. Normalmente tinham gosto de água suja, mas pelo menos eram feitas para surtir efeito em semideuses. O que quer que estivesse nesse frasco, definitivamente não era para ela.

— Eu não tenho certeza se eu deveria tentar — respondeu ela. — Eu... eu não sou como você.

— *Ninguém* é como eu — Sadie concordou — minha extraordinariedade é única. Mas se você quer dizer que você não é uma maga, bem, posso *ver* isso. Normalmente nós lutamos com cajado e varinha — ela deu um tapinha no bastão branco esculpido e no bumerangue de marfim descansando ao lado dela. — Ainda assim, acho que minhas poções devem funcionar em você. Você lutou contra um monstro. Sobreviveu que acidente de trem. Você *não pode* ser normal.

Annabeth riu fracamente. Ela encontrou nessa garota imprudente algo revigorante.

— Não, eu definitivamente não sou normal. Eu sou uma semideusa.

— Ah — Sadie bateu os dedos sobre sua varinha curva. — Desculpe, isso é uma novidade para mim. Uma *sem deusa*?

— Semideusa — Annabeth corrigiu. — Metade deusa, metade mortal.

— Ah, certo — Sadie exalou, claramente aliviada. — Eu tenho hospedado Ísis em minha cabeça algumas vezes. Quem é o *seu* amigo especial?

— Meu... não. Eu não hospedo ninguém. Minha mãe é uma deusa grega, Atena.

— Sua mãe.

— Sim.

— Uma deusa. Uma deusa *grega*.

— Sim — Annabeth notou que sua nova amiga tinha ficado pálida. — Acho que você não tem esse tipo de coisa, hã, de onde você vem.

— No Brooklyn? — disse Sadie — Não. Acho que não. Ou Londres. Ou Los Angeles. Não me lembro de conhecer *semideuses* gregos em qualquer um desses lugares. Ainda assim, quando se tem lidado com babuínos mágicos, deusas-gatas e anões de sunga não se pode ser surpreendido com muita facilidade.

Annabeth não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Anões de sunga?

— Hmm — Sadie olhou para o monstro-cão, ainda se contorcendo em sua prisão de ouro. — Mas aqui está a coisa. Há alguns meses, minha mãe me deu um

aviso. Ela me disse para ter cuidado com outros deuses e outros tipos de magia.

O frasco nas mãos de Annabeth parecia ficar mais quente.

— Outros deuses. Você mencionou Ísis. Ela é a deusa egípcia da magia. Mas... Ela não é sua mãe?

— Não — disse Sadie. — Quero dizer, sim. Ísis é a deusa egípcia da magia. Mas ela não é minha mãe. Minha mãe é um fantasma. Bem... Ela era uma maga na Casa da Vida, como eu, mas depois ela morreu, por isso...

— Só um segundo.

A cabeça de Annabeth latejava tanto que ela percebeu que nada poderia piorar a situação. Ela desarrolhou a poção e bebeu.

Ela estava esperando o gosto de água suja, mas na verdade veio o sabor de suco de maçã quente. Instantaneamente, sua visão clareou. Seu estômago acalmou-se.

— Uau.

— Eu te disse — Sadie sorriu. — Jaz é como uma curandeira.

— Então, você estava dizendo... a Casa da Vida. Magia egípcia. Você é como o garoto que meu namorado conheceu.

O sorriso de Sadie sumiu.

— Seu namorado... encontrou alguém como eu? Outro mago?

A poucos metros de distância, a criatura-cão rosnou e se esforçou. Sadie não pareceu interessada, mas Annabeth estava preocupado sobre como quão fracamente a corda mágica estava brilhando agora.

— Isso foi há algumas semanas — disse Annabeth. — Percy me contou uma história maluca sobre o encontro com um menino perto da Baía Moriches. Aparentemente, o garoto usou hieróglifos para lançar feitiços. Ele ajudou Percy a combater um grande monstro crocodilo.

— O Filho de Sobek! — Sadie desabafou. — Mas meu *irmão* lutou contra esse monstro. Ele não disse nada a respeito...

— O nome do seu é irmão Carter? — Perguntou Annabeth.

Uma aura dourada de raiva cintilou na cabeça de Sadie – um halo de hieróglifos

que se assemelhavam carrancas, punhos e homens sendo mortos a vara.

— A partir deste momento — Sadie resmungou — o nome do meu irmão é Saco de Pancadas. Parece que ele não está me contando tudo.

— Ah — Annabeth teve que lutar contra o impulso de fugir para longe de sua nova amiga. Ela temia que esses hieróglifos brilhantes pudessem explodir de raiva. — Que constrangedor. Sinto muito.

— Não sinta — disse Sadie. — Vou desfrutar muito socando o rosto do meu irmão. Mas primeiro me conte tudo — sobre si mesma, semideuses, gregos e seja lá o que tenha a ver com o nosso amigo canino do mal aqui.

Annabeth contou a ela tudo o que podia.

Normalmente ela não era tão rápida para confiar, mas tinha muita experiência na leitura de pessoas. Ela gostou de Sadie imediatamente: os coturnos, as mechas roxas, a atitude... Na experiência de Annabeth, as pessoas não confiáveis não eram tão explícitas no desejo de socar o rosto de alguém mais fundo. Eles certamente não ajudariam um estranho inconsciente e ofereceriam uma poção de cura.

Annabeth descreveu o Acampamento Meio-Sangue. Ela contou algumas de suas aventuras lutando contra os deuses, gigantes e Titãs. Explicou como viu o leão-lobo-caranguejo de duas cabeças na estação da Quarta Avenida Oeste e decidiu segui-lo.

— Então, aqui estou eu — Annabeth resumiu.

A boca de Sadie tremeu. Parecia que a qualquer momento ela começaria a gritar ou chorar. Em vez disso, ela caiu em um ataque de risos.

Annabeth fez uma careta.

— Eu disse algo engraçado?

— Não, não... — Sadie bufou. — Bem... É um *pouco* engraçado. Quero dizer, estamos sentadas na praia conversando sobre deuses gregos. E um acampamento para semideuses, e...

— É tudo verdade!

— Oh, eu acredito em você. É ridículo demais para não ser verdade. É que a

cada vez que o meu mundo fica estranho, eu penso: *Certo. Estamos com a estranheza máxima agora. Pelo menos eu sei a extensão disso.* Primeiro eu descubro que eu e meu irmão somos descendentes dos faraós e temos poderes mágicos. Tudo bem. Sem problemas. Então descubro que o meu pai morto fundiu sua alma com Osíris e se tornou o senhor dos mortos. Brilhante! Por que não? Então meu tio assume a Casa da Vida e supervisiona centenas de magos em todo o mundo. Aí meu namorado acaba por ser um híbrido de mago e deus imortal dos funerais. E o tempo todo eu estou pensando, *É claro! Mantenha a calma e siga em frente! Eu me acostumo!* E então você vem em uma quinta-feira aleatória, ta-dá: *Oh, a propósito, deuses egípcios são apenas uma pequena parte do absurdo cósmico. Nós também temos os gregos com que nos preocupar! Êee!*

Annabeth não conseguiu acompanhar tudo o que Sadie havia dito – um deus dos funerais como namorado? – Mas ela teve que admitir que rir sobre isso era mais saudável do que se enrolar em uma bola e soluçar.

— Ok — ela admitiu. — Tudo isso soa um pouco louco, mas acho que faz sentido. Meu professor Quíron... Há anos que ele está me dizendo que os antigos deuses são imortais, porque eles são parte do tecido da civilização. Se deuses gregos ficaram por aí durante esses milênios, por que não os egípcios?

— Quanto mais, melhor — Sadie concordou. — Mas, hã, e sobre este pequeno cachorrinho? — Ela pegou uma pequena concha e atirou-a na cabeça do monstro Labrador, que rosou em irritação. — Num minuto ele está sentado em cima da mesa em nossa biblioteca – um artefato inofensivo, um fragmento de pedra de uma estátua, nós pensamos. No minuto seguinte, vem à vida e foge da Casa do Brooklyn. Ele destrói nossas proteções mágicas, atropela os pinguins de Felix e ignora os meus feitiços como se eles não fossem nada.

— Pinguins? — Annabeth balançou a cabeça. — Não. Esqueça que eu perguntei.

Ela estudou a criatura-cão enquanto ela tentava se desvencilhar das amarras.

Letras gregas e hieróglifos vermelhos giravam em torno da criatura como se estivesse tentando formar novos símbolos – uma mensagem que Annabeth quase podia ler.

— Será que essas cordas aguentam? — Ela perguntou. — Parecem estar enfraquecendo.

— Não se preocupe — Sadie assegurou. — Essas cordas mantiveram deuses presos. E não pequenos deuses, tenha em mente. Extragrandes.

— Hum, tudo bem. Então, você disse que o cão era parte de uma estátua. Alguma ideia de *que* estátua?

— Nenhuma — Sadie deu de ombros. — Cleo, nossa bibliotecária, estava pesquisando sobre isso quando o Fido aqui acordou.

— Mas tem que estar ligado ao outro monstro, o de cabeças de leão e lobo. Tenho a impressão de que ele tinha acabado de ganhar vida, também. Tinham fundido e não estavam acostumados a trabalhar em equipe. Eles pegaram esse trem em busca de algo, provavelmente este cão.

Sadie brincava com seu pingente de prata.

— Um monstro com três cabeças: uma de leão, de lobo e de cão. Todos saindo do... O que era aquela coisa cônica? Uma concha? Uma tocha?

A cabeça de Annabeth começou a girar novamente. *Uma tocha.*

A palavra acendeu uma memória distante – talvez uma imagem que ela tenha visto em um livro. Ela não tinha considerado que a concha do monstro poderia ser algo que você pudesse segurar se tivesse uma mão enorme. Mas uma tocha não era o termo...

— É um cetro — ela percebeu. — Eu não me lembro qual deus o segurava, mas o cajado de três cabeças era o seu símbolo. Ele era... Grego, eu acho, mas também era de algum lugar no Egito...

— Alexandria — Sadie adivinhou.

Annabeth olhou para ela.

— Como você sabe?

— Bem, é verdade, eu não uma fanática por história como o meu irmão, mas eu *fui* para Alexandria. Lembro-me de algo sobre a cidade ser a capital quando os gregos governaram o Egito. Alexandre, o Grande, não é?

Annabeth assentiu.

— Correto. Alexandre conquistou o Egito e, depois que ele morreu, seu general Ptolomeu assumiu. Ele queria que os egípcios o aceitassem como seu faraó, então misturou os deuses egípcios e gregos e fez novas divindades.

— Parece confuso — disse Sadie. — Eu prefiro meus deuses não misturados.

— Mas houve um deus em particular... Não me lembro do nome dele. A criatura de três cabeças ficava no topo de seu cetro...

— Devia ser um cetro bem longo — Sadie observou. — Eu não imagino um cara tão grande que poderia levá-lo por aí.

— Oh, deuses — Annabeth levantou-se. — É isso! O cajado não está apenas tentando se remontar — está tentando encontrar o seu mestre.

Sadie fez uma careta.

— Eu não sou a favor de tudo isso. Precisamos ter a certeza...

O monstro-cão uivou. A corda mágica explodiu como uma granada, pulverizando a praia com estilhaços de ouro.

A explosão empurrou Sadie para trás das dunas como se ela não tivesse peso.

Annabeth bateu com força contra o caminhão de sorvete. A dor atingiu primeiro seu ombro. Todo o ar foi forçado a sair de seus pulmões.

Se a criatura-cão quisesse matá-la, poderia ter feito isso facilmente.

Em vez disso, o monstro saltou para o outro lado, desaparecendo no mato.

Annabeth instintivamente pegou uma arma. Seus dedos se fecharam em volta da varinha curva de Sadie. A dor a fez ofegar. O marfim queimava como gelo seco. Annabeth tentou soltar, mas sua mão não obedecia. Enquanto ela a observava, a varinha foi envolta por fumaça, mudando de forma até que a queimação diminuiu

e Annabeth segurasse uma adaga de Bronze Celestial – assim como a que ela utilizara durante anos.

Ela olhou para a lâmina. Então ouviu gemidos das dunas próximas.

— Sadie! — Annabeth cambaleou de pé.

No momento em que ela chegou à maga, Sadie estava sentada, cuspidando areia. Ela tinha pedaços de algas no cabelo, e a bolsa estava enrolada em volta uma de suas botas, mas ela parecia mais indignada do que ferida.

— Fido estúpido! — Ela rosnou. — Nada de biscoitos de cachorro para ele! — Ela franziu a testa para a faca de Annabeth. — Onde você conseguiu isso?

— Hum... É a sua varinha — disse Annabeth. — Eu a peguei e... não sei. Ela simplesmente mudou para o tipo de faca que eu costumo usar.

— Uh. Bem, itens mágicos têm uma mente própria. Fique com ela. Eu tenho mais em casa. Agora, para que lado Fido foi?

— Para lá — Annabeth apontou com sua nova lâmina.

Sadie olhou para onde Annabeth apontava. Seus olhos se arregalaram.

— Ah... Certo. Rumo à tempestade. Isso é novo.

Annabeth seguiu seu olhar. Passando os trilhos do metrô, não viu nada, exceto um edifício de apartamentos abandonado, cercado e abandonado contra o céu da tarde.

— Que tempestade?

— Você não vê? — Perguntou Sadie. — Espere um pouco.

Ela desembaraçou a bolsa de sua bota e vasculhou seus suprimentos. Puxou outro frasco de cerâmica, este curto e largo como um pote de creme para o rosto. Ela tirou a tampa e pegou um pouco de uma gosma rosa.

— Deixe-me passar isto em suas pálpebras.

— Uau, isso merece um *não* automático.

— Não seja fresca. É perfeitamente inofensivo... Bem, para magos. Provavelmente para semideuses, também.

Annabeth não foi tranquilizada, mas fechou os olhos. Sadie esfregou a gosma

em seus olhos, que formigou e esquentou.

— Certo — disse Sadie. — Você pode olhar agora.

Annabeth abriu os olhos e ofegou.

O mundo estava inundado de cor. O chão tinha virado translúcido – camadas gelatinosas desciam para a escuridão abaixo. O ar ondulava com véus brilhantes e vibrantes, mas um pouco fora de sincronia, como se vários vídeos de alta definição estivessem sobrepostos um sobre o outro. Hieróglifos e letras gregas giravam em torno dela, fundindo e explodindo enquanto colidiam. Annabeth sentiu como se estivesse vendo o mundo em nível atômico. Todo o invisível tinha sido revelado, pintado com luz mágica.

— Você...você enxerga assim o tempo todo?

Sadie bufou.

— Deuses do Egito, não! Isso me deixaria maluca. Tenho que me concentrar para ver o Duat. Isso é o que você está fazendo – vendo o lado mágico do mundo.

— Eu... — Annabeth vacilou.

Annabeth era geralmente uma pessoa confiante. Sempre que ela lidava com os mortais comuns, carregava uma certeza presunçosa de que ela possuía um conhecimento secreto. Ela entendia o mundo dos deuses e monstros, os mortais não tinham a menor ideia. Mesmo com outros semideuses, Annabeth quase sempre era a veterana mais experiente. Ela tinha feito mais do que a maioria dos heróis nunca tinha sonhado, e sobrevivido.

Agora, olhando para as cortinas de cores em movimento, Annabeth se sentiu como uma criança de seis anos de idade mais uma vez, apenas aprendendo quão terrível e perigoso o mundo dela realmente era.

Ela sentou-se com força na areia.

— Eu não sei o que pensar.

— Não pense — Sadie aconselhou. — Respire. Seus olhos vão se ajustar. É um pouco como a natação. Se você deixar seu corpo assumir, saberá o que fazer instintivamente. Entre em pânico, e você se afogará.

Annabeth tentou relaxar.

Ela começou a discernir padrões no ar: correntes que fluíam entre as camadas de realidade, trilhas de névoa de magia, de carros e edifícios. O local do acidente de trem brilhava verde. Sadie tinha uma aura dourada com plumas enevoadas espalhadas por trás dela como asas.

No lugar em que o monstro-cão estivera deitado, o chão ardia em brasas. Gavinhas carmesim serpenteavam para longe do local, seguindo na direção em que o monstro tinha fugido.

Annabeth focou no prédio abandonado à distância, e seu batimento cardíaco dobrou. A torre brilhava vermelha por dentro – a luz penetrando através das janelas com tábuas, disparando através de rachaduras nas paredes em ruínas. Nuvens escuras rodopiavam no alto, e mais gavinhas de energia vermelha fluíam para a construção de todo o cenário, como se estivessem sendo arrastadas para o turbilhão.

A cena lembrou Annabeth de Caríbdis, o monstro vórtice-sugador que encontrara no Mar de Monstros. Não era uma memória feliz.

— Aquele prédio — disse ela. — Ele está atraindo a luz vermelha de todo lugar.

— Exatamente — disse Sadie. — Na magia egípcia, o vermelho é ruim. Significa o mal e o caos.

— Então é para lá que o monstro-cão está se dirigindo — Annabeth adivinhou. — Para se fundir com a outra parte do cetro...

— E encontrar seu mestre, aposto.

Annabeth sabia que deveria se levantar. Eles tinham que se apressar. Mas, olhando para as camadas de magia que giravam, ela estava com medo de se mover.

Ela passou toda a sua vida aprendendo sobre a névoa – a fronteira mágica que separava o mundo dos mortais do mundo de monstros e deuses gregos. Mas nunca tinha pensado na Névoa como uma cortina real.

Como Sadie chamara – o *Duat*?

Annabeth se perguntou se a Névoa e o Duat tinham relação, ou talvez fossem a

mesma coisa. O número de véus que ela podia ver era esmagador – como uma tapeçaria dobrada sobre si mesma uma centena de vezes.

Ela não confiava em si mesma para ficar. *Entre em pânico, e você se afogará.*

Sadie ofereceu sua mão. Seus olhos estavam cheios de simpatia.

— Olha, eu sei que é muito, mas nada mudou. Você ainda é a mesma semideusa casca dura empunhadora de mochilas que sempre foi. E agora tem uma bela adaga também.

Annabeth sentiu o sangue subir ao rosto. Normalmente ela era a pessoa que dava discursos animadores.

— Sim. Sim, é claro — ela aceitou a mão de Sadie. — Vamos encontrar um deus.

Uma cerca de arame cercava o prédio, mas elas se espremeram por uma abertura e caminharam até a construção através de mato e concreto quebrado.

O efeito da gosma encantada nos olhos de Annabeth parecia estar passando. O mundo já não parecia tão multifacetado e caleidoscópico, o que ela achava bom. Não precisava de visão especial para perceber que a torre estava cheia de magia ruim.

De perto, o brilho vermelho nas janelas estava ainda mais radiante. As tábuas se agitavam. As paredes de tijolo gemiam. Aves hieroglíficas e figuras formadas no ar flutuaram lá dentro. Mesmo a pichação parecia vibrar nas paredes, como se os símbolos estivessem tentando ganhar vida.

Seja lá o que estivesse dentro do edifício, o seu poder puxava Annabeth também, da mesma forma que o Caran no trem.

Ela agarrou sua nova faca de bronze, percebendo que era pequena e curta demais para fornecer poder ofensivo. Mas era por isso que Annabeth gostava de facas: eles mantinham seu foco. Uma criança de Atena nunca deve confiar em uma lâmina se pode usar sua inteligência em seu lugar. Inteligência venceu guerras, não a força bruta.

Infelizmente, a mente de Annabeth não estava funcionando muito bem no momento.

— Gostaria de saber com o que estamos lidando — ela murmurou enquanto seguiam na direção do prédio. — Eu gosto de pesquisar antes, armar-me com conhecimento.

Sadie resmungou.

— Você soa como meu irmão. Diga-me, quantas vezes os monstros lhe deram o luxo de pesquisá-los antes de atacar?

— Nenhuma vez — Annabeth admitiu.

— Bem, aí está você. Carter — ele gostaria de passar horas na biblioteca lendo sobre cada demônio hostil que pudesse enfrentar, com destaque nos trechos importantes e confecção de cartões rápidos para eu estudar. Infelizmente, quando os demônios atacam, eles não nos dão qualquer aviso, e raramente se preocupam em se identificar.

— Então qual é o *seu* procedimento operacional padrão?

— Avançar — respondeu Sadie. — Pense com meus pés. Quando necessário, explodir o inimigo em pequenos pedaços.

— Ótimo. Você se daria bem com os meus amigos.

— Vou levar isso como um elogio. Aquela porta, concorda?

Um conjunto de degraus levava a uma entrada do porão. Uma única tábuia fora pregada na porta em uma tentativa tímida para impedir a entrada de invasores, mas a porta em si estava entreaberta.

Annabeth estava prestes a sugerir estudar o perímetro. Ela não confiava em um caminho tão fácil, mas Sadie não esperou. A jovem maga desceu rapidamente os degraus e entrou.

A única opção de Annabeth era segui-la.

Como comprovado, se elas entrassem através de qualquer outra porta, teriam morrido.

Todo o interior do edifício era uma concha cavernosa, com trinta andares de altura, um turbilhão de tijolos, tubos, placas e outros detritos rodando, juntamente com símbolos gregos e hieróglifos brilhantes e tufos de energia vermelha néon. A cena era ao mesmo tempo terrível e bela – como se um tornado tivesse sido capturado, iluminado por dentro e colocado em exposição permanente.

Uma vez que tinham entrado pelo subsolo, Sadie e Annabeth estavam protegidas em uma escadaria rasa – uma espécie de trincheira no concreto. Se tivessem entrado na tempestade ao nível do solo, já teriam sido rasgadas em pedaços.

Enquanto Annabeth olhava, uma viga de aço trançado voou a uma velocidade de carro de corrida. Dezenas de tijolos aceleraram como um cardume de peixes. Um hieróglifo vermelho ardente bateu em uma folha de madeira compensada, que inflamou-se como papel de seda.

— Lá em cima — Sadie sussurrou.

Ela apontou para o topo do edifício, onde parte do trigésimo andar ainda estava intacto – uma borda em ruínas que se projeta no vazio. Era difícil ver através dos escombros que giravam e da névoa vermelha, mas Annabeth podia discernir uma volumosa forma humanoide de pé à beira do precipício, os braços abertos como se para acolher a tempestade.

— O que ele está fazendo? — Sadie murmurou.

Annabeth se encolheu quando uma hélice de tubos de cobre passou alguns centímetros acima de sua cabeça. Ela olhou para os escombros e começou a notar padrões usando o Duat: um redemoinho de tábuas e pregos que se juntavam para formar uma estrutura, um conjunto de tijolos como Lego se montando para fazer um arco.

— Ele está construindo algo — ela percebeu.

— Construindo o que, um desastre? — Perguntou Sadie. — Este lugar me lembra do Mar do Caos. E, acredite em mim, *não* era o meu local de férias preferido.

Annabeth olhou em volta. Ela se perguntou se Caos significava a mesma coisa para os egípcios como para os gregos. Annabeth teve sua própria experiência com o

Caos, e se Sadie estivesse lá, também... Bem, a maga deveria ser ainda mais durona do que parecia.

— A tempestade não é completamente aleatória — disse Annabeth. — Está vendo ali? E ali? Partes de material estão se unindo, formando uma espécie de estrutura dentro do edifício.

Sadie franziu a testa.

— Parece tijolos em um liquidificador para mim.

Annabeth não tinha certeza de como explicar isso, mas ela estudou arquitetura e engenharia por tempo suficiente para reconhecer os detalhes. A tubulação de cobre se conectava como artérias e veias de um sistema circulatório. Seções de paredes velhas estavam montando-se entre si para formar um novo quebra-cabeça. De vez em quando, mais tijolos ou vigas se desprendiam das paredes exteriores para se juntar ao tornado.

— Ele está remontando o edifício — disse ela. — Eu não sei por quanto tempo as paredes exteriores vão durar.

Sadie xingou em voz baixa.

— Por favor, me diga que ele não está construindo uma pirâmide. Tudo menos isso.

Annabeth se perguntou por que um mago egípcio odiaria pirâmides, mas ela balançou a cabeça.

— Acho que é uma espécie de torre cônica. Só há uma maneira de saber com certeza.

— Perguntando ao construtor — Sadie olhou para o resto do trigésimo andar.

O homem no parapeito não se moveu, mas Annabeth poderia jurar que ele tinha ficado maior. A luz vermelha girava em torno dele. Na silhueta, parecia que ele estava usando uma cartola angular alto *à lá* Abe Lincoln.

Sadie tirou a bolsa do ombro.

— Então, se esse é o nosso deus misterioso, onde está o...

Logo em seguida, um uivo de três partes ecoou. No extremo oposto do edifício,

um conjunto de portas de metal se abriu e o monstro-caranguejo entrou.

Infelizmente, a besta agora tinha três cabeças – lobo, leão e cão. Sua concha espiral longa brilhava com inscrições gregas e hieroglíficas. Ignorando completamente os detritos voando, o monstro ergueu-se em suas seis patas, em seguida, saltou no ar. A tempestade levou-o para cima, em espiral através do caos.

— Ele está indo para o seu dono — disse Annabeth. — Temos que impedir.

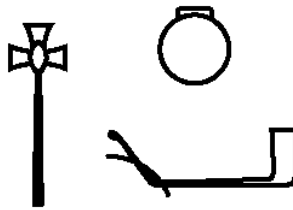
— Encantador — Sadie resmungou. — Isso vai me drenar.

— Vai o quê?

Sadie levantou seu cajado.

— *N'dah.*

Um hieróglifo dourado brilhou no ar acima delas:



E de repente elas foram cercadas em uma esfera de luz.

A espinha de Annabeth formigava. Ela estava envolta em uma bolha protetora assim como aconteceu uma vez, quando ela, Percy e Grover tinham usado as pérolas mágicas para escapar do Mundo Inferior. A experiência tinha sido... Claustrofóbica.

— Isso vai nos proteger da tempestade? — Ela perguntou.

— Espero que sim — o rosto de Sadie estava agora coberto de suor. — Vamos. Ela liderou o caminho até os degraus.

Imediatamente, seu escudo foi colocado à prova. A bancada de cozinha voadora teria decapitado as duas, mas quebrou contra o campo de força de Sadie. Pedacos de mármore voaram para os lados sem causar-lhes danos.

— Brilhante — disse Sadie. — Agora, segure o cajado enquanto eu me transformo em um pássaro.

— Espere. *O quê?*

Sadie revirou os olhos.

— Nós estamos pensando com nossos pés, lembra? Eu vou voar até lá e parar o monstro do cajado. Você tenta distrair esse deus... seja ele quem for. Chamar sua atenção.

— Tudo bem, mas eu não sou nenhuma maga. Não posso manter um feitiço.

— O escudo vai segurar por alguns minutos, enquanto você usa o cajado.

— Mas o que acontece com você? Se você não estiver dentro do escudo...

— Eu tenho uma ideia. Pode até funcionar.

Sadie puxou algo de sua bolsa – uma pequena estatueta de animal. Ela fechou os dedos em volta dele, em seguida, começou a mudar de forma.

Annabeth tinha visto pessoas se transformarem em animais antes, mas assistir nunca ficou mais fácil. Sadie encolheu para um décimo do seu tamanho. Seu nariz alongou em um bico. Seus cabelos, roupas e bolsa se fundiram num elegante casaco de penas. Ela tornou-se uma pequena ave de rapina – um milhano, talvez – seus olhos azuis agora dourado brilhantes. Com a pequena estatueta que segurava ainda nas garras, Sadie abriu as asas e lançou-se para a tempestade.

Annabeth se encolheu quando um conjunto de tijolos chocou contra sua amiga – mas de alguma forma os detritos continuaram seu caminho sem transformar Sadie em purê de penas. A forma de Sadie apenas brilhava como se estivesse viajando em uma camada profunda de água.

Sadie estava no Duat, Annabeth percebeu – voando em um nível diferente da realidade.

A ideia fez a mente de Annabeth aquecer com possibilidades. Se um semideus pudesse aprender a atravessar paredes assim, correr em linha reta através de monstros...

Mas isso era uma conversa para outro momento. Agora ela precisava se mover. Ela subiu os degraus e o turbilhão. Barras de metal e tubos de cobre ressoaram contra o seu campo de força. A esfera dourada brilhava um pouco menos a cada vez que desviava detritos.

Ela segurava o cajado de Sadie com uma mão e seu novo faca com a outra. Na torrente mágica, a lâmina de Bronze Celestial refletia a luz como uma tocha esmorecendo.

— Ei! — Ela gritou para a borda muito acima. — Sr. Deus!

Sem resposta. A voz dela provavelmente não ultrapassava a tempestade.

A estrutura do edifício começou a gemer. Argamassa escorria das paredes e rodava na mistura como tufos de algodão doce.

Sadie a falcoa ainda estava viva, voando para o monstro de três cabeças em uma espiral ascendente. A besta estava na metade do caminho para o topo agora, agitando as pernas e brilhando cada vez mais intensamente, como se estivesse absorvendo poder do tornado.

Annabeth estava ficando sem tempo.

Ela buscou na memória os contos mais obscuros que Quíron contava a ela no acampamento. Quando era mais nova, era como uma esponja, absorvendo cada fato e nome.

O cajado de três cabeças. O deus de Alexandria, no Egito.

O nome do deus veio a ela. Pelo menos ela esperava estar certa.

Uma das primeiras lições que ela aprendeu como uma semideusa: *nomes têm poder*. Você nunca diz o nome de um deus ou monstro a menos que esteja preparado para chamar sua atenção.

Annabeth respirou fundo. Ela gritou com tudo que seus pulmões permitiam:

— SERÁPIS!

A tempestade diminuiu. Enormes partes de tubo pairaram no ar. Nuvens de tijolos e madeira congelaram e flutuaram.

Com calma no meio do tornado, o monstro de três cabeças tentou continuar subindo. Sadie voou acima dele, abriu suas garras e deixou cair a estatueta, que cresceu instantaneamente até virar um camelo em tamanho real.

O camelo desgrenhado bateu nas costas do monstro. Ambas as criaturas saíram do ar e caíram no chão em um emaranhado de pernas e cabeças. O cajado monstro

continuou a lutar, mas o camelo estava em cima dele com as pernas abertas, berando e cuspidando e, basicamente, ficando mole como uma criança de uma tonelada fazendo birra.

A partir da borda trigésimo andar, uma voz de homem explodiu:

— QUEM OUSA INTERROMPER A MINHA ASCENÇÃO TRIUNFAL?

— Eu! — gritou Annabeth. — Desça aqui e me enfrente!

Ela não gostava de tomar crédito de camelos de outras pessoas, mas queria manter o deus focado em si, então Sadie poderia fazer... o que quer que tenha decidido decidiu fazer. A jovem maga claramente tinha alguns bons truques na manga.

O deus Serápis saltou da borda. Ele pulou de trinta andares e caiu em pé no meio do térreo, onde Annabeth poderia atingi-lo facilmente atirando a adaga.

Não que ela não estivesse tentando atacar.

Serápis tinha quatro metros e meio de altura. Usava apenas um par de calções de banho em um padrão floral havaiano. Seu corpo era ondulado com músculos. Sua pele cor de bronze estava coberta de tatuagens cintilantes de hieróglifos, letras gregas e outros idiomas que Annabeth não reconheceu.

Seu rosto era emoldurado por longos com *dreadlocks* rastafári. Uma barba grega encaracolada crescia até a clavícula. Seus olhos eram verdes mar – tão parecidos com os de Percy que Annabeth teve arrepios.

Normalmente ela não gostava de caras barbudos ou peludos, mas ela tinha que admitir que este deus era atraente, uma espécie de surfista selvagem mais velho.

Seu chapéu, no entanto, estragava o visual. O que Annabeth tinha tomado por uma cartola era na verdade uma cesta cilíndrica de vime bordada com imagens de violetas.

— Com licença — disse ela. — Isso em sua cabeça é um vaso?

Serápis ergueu as espessas sobrancelhas marrons. Ele bateu na cabeça, como se tivesse esquecido a cesta. Algumas sementes de trigo caíram do topo.

— Isso é uma corbelha, menina boba. É um dos meus símbolos sagrados! A

cesta de grãos representa o Mundo Inferior, que eu controlo.

— Uh, é mesmo?

— É claro! — Serápis se iluminou. — Ou *controlei*, e logo controlarei novamente. Mas quem é você para criticar minhas escolhas de moda? Uma semideusa grega, por seu cheiro, portando uma arma de Bronze Celestial e um cajado egípcio da Casa da Vida. Qual deles você é? Herói ou mago?

As mãos de Annabeth tremiam. Chapéu de vaso ou não, Serápis irradiava poder. Estando tão perto dele, Annabeth sentia ter apenas água dentro de si, como se seu coração, estômago e coragem fossem todos um só.

Acalme-se, pensou ela. *Você conheceu muitos deuses antes.*

Mas Serápis era diferente. Sua presença era fundamentalmente *errada* – como se simplesmente por estar aqui ele virasse o mundo de Annabeth de dentro para fora.

Seis metros atrás do deus, Sadie, a ave, pousou e mudou de volta à forma humana. Ela apontou para Annabeth: o dedo nos lábios (*shh*) e em seguida girou a mão (*mantenha-o falando*). Ela começou a procurar discretamente em sua bolsa.

Annabeth não tinha ideia do que sua amiga estava planejando, mas ela se forçou a encontrar os olhos de Serápis.

— Quem disse que eu não sou uma maga *e* uma semideusa? Agora, explique por que você está aqui!

O rosto de Serápis escureceu. Então, para surpresa de Annabeth, ele jogou a cabeça para trás e riu, derramando mais grãos da sua corbelha.

— Entendo! Tentando me impressionar, hein? Você se acha digna de ser minha grande sacerdotisa?

Annabeth engoliu em seco. Havia apenas uma resposta para uma pergunta como essa.

— Claro que eu sou digna! Ora, eu fui uma vez a *magna mater* do culto de Atena! Mas você é digno do meu serviço?

— HA! — Serápis sorriu. — A grande mãe do culto de Atena, hein? Vamos

ver o quão durona você é.

Ele balançou a mão. Uma banheira voou pelo ar, em linha reta contra o campo de força de Annabeth. A porcelana explodiu em estilhaços contra a esfera dourada, mas o cajado de Sadie ficou tão quente que Annabeth teve que soltá-lo. A madeira branca se reduziu a cinzas.

Ótimo, pensou ela. Dois minutos, e eu já arruinei o cajado de Sadie.

Seu escudo protetor tinha ido embora. Ela enfrentava um deus de quatro metros e meios de altura com apenas suas armas habituais – uma pequena faca e muita atitude.

À esquerda de Annabeth, o monstro de três cabeças ainda estava lutando para sair de baixo do camelo, mas o animal era pesado, teimoso e fabulosamente desordenado. Toda vez que o monstro tentava empurrá-lo, o camelo soltava pum com gosto e abria suas pernas ainda mais.

Enquanto isso, Sadie pegara um pedaço de giz de sua bolsa. Ela rabiscou furiosamente no chão de concreto atrás de Serápis, talvez escrevendo um bom epitáfio para a sua morte iminente.

Annabeth lembrou uma citação que seu amigo Frank já havia compartilhado com ela – algo de *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu.

Quando se é fraco, finja-se de forte.

Annabeth ficou ereta e riu na cara de Serápis.

— Jogue todas as coisas que quiser em mim, Lorde Serápis. Eu nem sequer preciso de um cajado para me defender. Meus poderes são grandes demais! Ou talvez você queira parar de me fazer perder meu tempo e me dizer como posso servi-lo, *supondo* que eu concorde em me tornar sua nova sacerdotisa.

O rosto do deus brilhou com indignação.

Annabeth tinha certeza de que ele iria deixar cair todo o turbilhão de destroços sobre ela, e não havia nenhuma maneira de detê-lo. Ela considerou jogar sua adaga no olho do deus, da forma como sua amiga Rachel havia distraído o Titã Cronos com a escova de cabelo, mas Annabeth não confiava nesse caso.

Serápis finalmente deu-lhe um sorriso torto.

— Você tem coragem, menina. Eu vou conceder-lhe isso. E você foi rápida em me encontrar. Talvez *possa* servir. Você será a primeira de muitos que vai me dar seu poder, sua vida, sua própria alma!

— Parece divertido — Annabeth olhou para Sadie, desejando que ela se apresentasse com que a arte de giz.

— Mas primeiro — disse Serápis — devo ter o meu cajado!

Ele apontou para o camelo. Um hieróglifo vermelho queimou na pele da criatura, e, com um peido final, o pobre animal se dissolveu em um monte de areia.

O monstro de três cabeças mexeu suas patas dianteiras, sacudindo a areia.

— Espere! — Annabeth gritou.

As três cabeças do monstro rosnaram para ela.

Serápis fez uma careta.

— O que é agora, menina?

— Bem, eu deveria... você sabe, apresentar o cajado a você, como sua sacerdotisa! Devemos fazer as coisas corretamente!

Annabeth se lançou para o monstro. Era pesado demais para ela para carregar, mas ela enfiou a adaga em seu cinto e usou as duas mãos para agarrar o fim da concha cônica da criatura, arrastando-o para trás, para longe do deus.

Enquanto isso, Sadie tinha desenhado um grande círculo do tamanho de um bambolê no concreto. Ela agora estava decorando-o com hieróglifos, usando várias cores diferentes de giz.

Isso mesmo, Annabeth pensou com frustração. *Tome seu tempo e deixe tudo bonito!*

Ela conseguiu sorrir para Serápis enquanto segurava o monstro do cajado que ainda estava tentando fazer o seu caminho para a frente.

— Agora, meu senhor — Annabeth disse — conte-me o seu plano glorioso! Algo sobre as almas e vidas?

O monstro de estimação gritou em protesto, provavelmente porque ele podia

ver Sadie escondida atrás do deus, fazendo sua arte de pavimento ultrassecreta. Serápis não pareceu notar.

— Eis aqui! — Ele abriu os braços musculosos. — O novo centro do meu poder!

Faíscas vermelhas brilhavam através do turbilhão congelado. A teia de luz ligou os pontos até que Annabeth viu o contorno brilhante da estrutura que Serápis estava construindo: uma torre maciça de noventa e um metros de altura, projetada em três camadas afuniladas – a base quadrada, o centro octogonal e o topo circular. No alto ardia um fogo tão brilhante como uma forja de Ciclopes.

— Um farol — disse Annabeth. — O Farol de Alexandria.

— Correto, minha jovem sacerdotisa.

Serápis deu um passo para trás como um professor dando uma palestra, embora sua bermuda floral desse uma impressão muito perturbadora. Seu chapéu de vime se mantinha inclinando-se para um lado e para o outro, espalhando grãos. De alguma forma, ele ainda não percebera Sadie agachada atrás dele, rabiscando imagens bonitas com seu giz.

— Alexandria! — O deus se emocionou. — Uma vez a maior cidade do mundo, a fusão definitiva do poder grego e egípcio! Eu era o seu deus supremo, e agora eu vou ascender novamente. E vou criar minha nova capital aqui!

— Uh... na Praia Rockaway?

Serápis parou e coçou a barba.

— Você tem um ponto. Esse nome não vai dar certo. Vamos chamá-la... Rockandria? Serápaway? Bem, vamos descobrir isso mais tarde! Nosso primeiro passo é completar o meu novo farol. Vai ser um farol para o mundo – desenhos das divindades da Grécia Antiga e do Egito Antigo aqui para mim tal como aconteceu nos velhos tempos. Me alimentarei de suas essências e me tornar o mais poderoso deus de todos!

Annabeth sentiu como se tivesse engolido uma colher de sopa de sal.

— *Alimentar-se de suas essências.* Quer dizer, destruí-los?

Serápis acenou com desprezo.

— *Destruir* é uma palavra tão feia. Eu prefiro *incorporar*. Você conhece o meu histórico, espero? Quando Alexandre o Grande conquistou o Egito...

— Ele tentou fundir as religiões gregas e egípcias — disse Annabeth.

— Tentou e falhou — Serápis riu. — Alexandre escolheu um deus sol egípcio, Amon, para ser sua principal divindade. Isso não funcionou muito bem. Os gregos não gostaram de Amon. Nem os egípcios do Delta do Nilo. Eles viram Amon como um deus da parte alta do rio. Mas quando Alexandre morreu, seu general assumiu o Egito.

— Ptolomeu Primeiro — falou Annabeth.

Serápis sorriu, obviamente satisfeito.

— Sim... Ptolomeu. Agora um mortal com *visão*!

Levou toda a força de vontade de Annabeth não olhar para Sadie, que agora tinha completado seu círculo mágico e estava cutucando os hieróglifos com o dedo, murmurando alguma coisa em voz baixa, como se para ativá-los.

O monstro de três cabeças de estimação rosnou em desaprovação. Ele tentou dar um bote para frente, e Annabeth mal conseguiu segurá-lo. Seus dedos estavam enfraquecendo. Aura da criatura era tão repugnante como sempre.

— Ptolomeu criou um novo deus — ela falou, esforçando-se. — Ele criou você. Serápis deu de ombros.

— Bem, não a partir do *zero*. Eu fui uma vez o deus de uma aldeia pequena. Ninguém tinha sequer ouvido falar de mim! Mas Ptolomeu descobriu minha estátua e trouxe-a para Alexandria. Ele tinha uns sacerdotes gregos e egípcios para fazerem augúrios e encantamentos e outros enfeites. Todos eles concordaram que eu era o grande deus Serápis, e devia ser adorado acima de todos os outros deuses. Eu fui um sucesso instantâneo!

Sadie entrou em seu círculo mágico. Ela soltou seu colar de prata e começou a balançá-lo como um laço.

O monstro de três cabeças rugiu, o que foi, provavelmente, um aviso ao seu mestre: *Cuidado!*

Mas Serápis estava animado. Enquanto ele falava, as tatuagens hieroglíficas e gregas em sua pele brilhavam mais intensamente.

— Tornei-me o deus mais importante dos gregos e egípcios! — disse. — Quanto mais as pessoas me adoravam, mais eu drenava o poder dos deuses antigos. Lenta, mas seguramente, tomei o seu lugar. O Mundo Inferior? Tornei-me seu mestre, substituindo tanto Hades quanto Osíris. O cão de guarda Cérbero foi transformado em meu cajado, que agora você segura. Suas três cabeças representam o passado, presente e futuro – tudo o que eu vou controlar quando o cajado me for devolvido.

O deus estendeu a mão. O monstro se esforçou para alcançá-lo. Os músculos do braço de Annabeth queimavam. Seus dedos começaram a escorregar.

Sadie ainda estava balançando seu pingente, murmurando um encantamento.

Santa Hécate, Annabeth pensou, quanto tempo leva para lançar um feitiço estúpido?

Ela pegou o olhar de Sadie e viu a mensagem em seus olhos: *Espere um pouco. Apenas mais alguns segundos.*

Annabeth não tinha certeza de que tinha mais alguns segundos.

— A Dinastia Ptolomaica... — Ela cerrou os dentes. — Ela caiu séculos atrás. Seu culto foi esquecido. Como você voltou agora?

Serápis fungou.

— Isso não é importante. Aquele que me despertou... bem, ele tem delírios de grandeza. Acha que pode me controlar só porque encontrou algumas magias antigas do Livro de Thot.

Atrás do deus, Sadie se encolheu como se tivesse levado um soco entre os olhos. Aparentemente, este “Livro de Thot” atingiu um algo profundo nela.

— Veja — Serápis continuou — antigamente, o rei Ptolomeu decidiu que não era o suficiente *me* tornar um deus principal. Ele queria se tornar imortal, também. Declarou-se um deus, mas sua magia saiu pela culatra. Após sua morte, sua família foi amaldiçoada por gerações. A linhagem de Ptolomeu tornou-se cada vez mais

fraca, até que a boba garota Cleópatra se suicidou e deu tudo para os romanos.

O deus zombou.

— Os mortais... sempre tão gananciosos. O mago que me despertou *neste* tempo acha que pode fazer melhor do que Ptolomeu. Somando-me apenas como um de seus experimentos com magia híbrida grega-egípcia. Ele deseja tornar-se um deus, mas ultrapassou a si mesmo. Eu estou acordado agora. Vou controlar o universo.

Serápis olhou fixamente para Annabeth com seus brilhantes olhos verdes. Suas feições pareciam mudar, lembrando a Annabeth de muitos deuses olímpicos diferentes: Zeus, Poseidon, Hades. Algo sobre o seu sorriso ainda lembrou Annabeth de sua mãe, Atena.

— Apenas penso, pequena semideusa — disse Serápis — que este farol chamará os deuses para mim como mariposas para uma vela. Assim que eu tiver consumido o seu poder, erguerei uma grande cidade. Construirei uma nova biblioteca de Alexandria com todo o conhecimento do mundo antigo, grego e egípcio. Como uma criança de Atena, você vai apreciá-la. Como a minha sacerdotisa, pense em todo o poder que terá!

Uma nova biblioteca de Alexandria.

Annabeth não poderia fingir que a ideia não a emocionou. Tanto conhecimento do mundo antigo foi destruído quando essa biblioteca tinha queimado.

Serápis deve ter visto a fome em seus olhos.

— Sim — ele estendeu a mão. — Chega de conversa, menina. Dê-me meu cajado!

— Você está certo — Annabeth resmungou. — Chega de conversa.

Ela desembainhou sua adaga e mergulhou-a na concha do monstro.

Tantas coisas poderiam ter dado errado. A maioria delas deu.

Annabeth estava esperando que a faca rachasse a concha, talvez até mesmo des-

truísse o monstro. Em vez disso, uma pequena fissura se abriu e expeliu magia vermelha tão quente quanto magma. Annabeth tropeçou para trás, os olhos ardendo.

Serápis berrou:

— TRAIÇÃO!

A criatura uivava, suas três cabeças tentando em vão alcançar a adaga cravada em suas costas.

No mesmo momento, Sadie lançou seu feitiço. Ela jogou o colar de prata e gritou:

— *Tyet!*

O pingente explodiu. Um hieróglifo prateado gigante envolveu o deus como um caixão transparente:



Serápis rugiu enquanto seus braços eram presos ao corpo.

Sadie gritou:

— Eu o nomeio Serápis, deus de Alexandria! Deus dos... hã, chapéus engraçados e cajados de três cabeças! Eu o prendo com o poder de Ísis!

Detritos começaram a cair do ar, caindo em torno de Annabeth. Ela se esquivou de uma parede de tijolos e uma caixa de fusíveis. Então percebeu que o monstro ferido rastejando para Serápis.

Ela se lançou naquela direção, apenas para ser atingida na sua cabeça latejando, e foi imediatamente enterrada em mais detritos.

Ela respirou fundo.

— Ai, ai, ai.

Pelo menos ela não tinha sido enterrada por tijolos. Chutou seu caminho para fora de uma pilha de madeira compensada e arrancou uma lasca de quinze centímetros de sua camisa.

O monstro estava aos pés de Serápis. Annabeth sabia que ela deveria ter esfaqueado uma das cabeças do monstro, mas ela simplesmente não seria capaz de fazê-lo. Sempre fora sentimental quando se tratava de animais, mesmo quando eles faziam parte de uma criatura mágica do mal tentando matá-la. Agora era tarde demais.

O deus flexionou seus músculos consideráveis. A prisão prateada quebrou em torno dele. O cajado de três cabeças voou para sua mão, e Serápis se virou para Sadie Kane.

O círculo de proteção dela evaporou-se em uma nuvem vermelha.

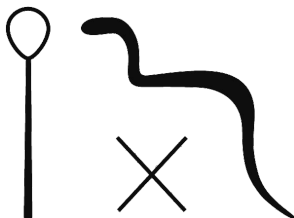
— Você pretendia me *prender*? — Serápis exclamou. — Se atreve a me *nomear*? Você não tem sequer a linguagem adequada para me nomear, pequena maga!

Annabeth cambaleou para a frente, mas sua respiração era superficial. Agora que Serápis segurava o cajado, sua aura parecia dez vezes mais forte. Os ouvidos de Annabeth zumbiram. Ela podia sentir que sua vida estava sendo drenada – aspirada para o halo vermelho do deus.

De alguma forma, Sadie manteve sua posição, sua expressão desafiadora.

— Certo, Senhor Tigela de Cereal. Você quer linguagem adequada? *HA-DI!*

Um novo hieróglifo brilhou no rosto de Serápis:



Mas o deus o desviou com a mão livre. Ele fechou o punho e fumaça saiu entre seus dedos, como se ele tivesse acabado de esmagar um motor a vapor em miniatura.

Sadie engoliu em seco.

— Isso é impossível. Como...

— Você espera uma explosão? — Serápis riu. — Sinto desapontá-la, criança, mas meu poder é grego e egípcio. Combina ambos, consome ambos, *substitui* ambos. Você é a favorecida de Ísis, pelo que vejo? Excelente. Ela foi uma vez a minha esposa.

— *O quê?* — Sadie gritou. — Não. Não, não, não.

— Oh, sim! Quando eu depus Osíris e Zeus, Ísis foi forçada a me servir. Agora usarei você como uma porta de entrada para convocá-la aqui, já que você é ligada a ela. Ísis voltará a ser a minha rainha!

Serápis estendeu seu cajado. De cada uma das três bocas monstruosas, tentáculos vermelhos de luz foram adiante, circundando Sadie como galhos espinhosos.

Sadie gritou, e Annabeth finalmente superou seu choque.

Ela pegou a folha mais próxima de madeira – um quadrado oscilante do tamanho de um escudo – e tentou se lembrar de suas aulas de Frisbee Definitivo do Acampamento Meio-Sangue.

— Ei, Cabeça de Grãos! — ela gritou.

Ela virou a partir da cintura, usando a força do seu corpo inteiro. A madeira compensada navegou através do ar, e quando Serápis virou-se para olhar para ela, a ponta acertou-lhe entre os olhos.

— GAAH!

Annabeth mergulhou para um lado quando Serápis apontou o cajado cegamente em sua direção. As três cabeças do monstro maldito soltaram colunas superaquecidas de vapor, derretendo um buraco no concreto onde Annabeth estava momentos antes.

Ela continuou se movendo, escolhendo seu caminho através de montes de destroços que agora cobriam o chão. Ela mergulhou atrás de uma pilha de vasos sanitários quebrados, quando o cajado do deus explodiu outra coluna tríplice de vapor

em sua direção tão perto que ela sentiu bolhas subirem na parte de trás de seu pescoço.

Annabeth viu Sadie a cerca de trinta metros de distância, de pé e cambaleando para longe de Serápis. Pelo menos ela ainda estava viva. Mas Annabeth sabia que ela precisaria de tempo para se recuperar.

— Ei, Serápis! — Annabeth chamou de trás de uma montanha de cômodas. — Como é gosto de compensado?

— Filha de Atena! — O deus gritou. — Vou devorar sua força vital! Irei lhe usar para destruir a sua miserável mãe! Pensa que é sábia? Você não é nada comparado com quem me despertou, e mesmo *ele* não entende o poder que desencadeou. Nenhum de vocês ganhará a coroa da imortalidade. Eu controlo o passado, presente e futuro. Eu governarei os deuses!

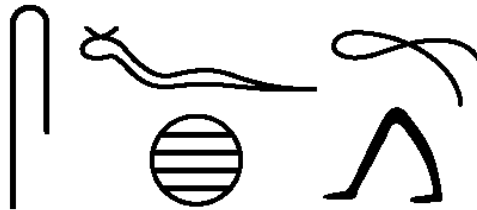
E agradeço pelo longo discurso, Annabeth pensou.

No momento em que Serápis atacou, transformando os vasos sanitários em um monte de porcelana derretida, Annabeth tinha rastejado a metade do caminho para o outro lado da sala.

Ela estava à procura de Sadie quando a maga apareceu de seu esconderijo, a apenas três metros de distância, e gritou:

— *Sub-FAH*

Annabeth se virou e viu um novo hieróglifo, a dois metros de altura, brilhando na parede atrás de Serápis:



Argamassa se desintegrou. A lateral do prédio gemeu, e quando Serápis gritou “Não!”, toda a parede desabou em cima dele em uma onda de tijolos, enterrando-o sob milhares de toneladas de destroços.

Annabeth engasgou com uma nuvem de poeira. Seus olhos ardiam. Ela sentia que fora cozida em uma panela de arroz, mas conseguiu tropeçar para o lado de Sadie.

A jovem maga estava coberta de cal, como se tivesse rolado no açúcar. Ela olhou para o buraco que tinha feito na lateral do prédio.

— Isso funcionou — ela murmurou.

— Foi genial — Annabeth apertou seus ombros. — Que feitiço foi esse?

— *Afrouxar* — disse Sadie. — Eu contava... bem, que fazer as coisas desmornarem é geralmente mais fácil do que construí-las.

Como se em sincronia, a parte remanescente da parede rangeu e caiu.

— Vamos — Annabeth pegou a mão de Sadie. — Precisamos sair daqui. Estas paredes...

As fundações tremeram. Sob os escombros, veio um rugido abafado. Raios de luz vermelha dispararam de lacunas.

— Oh, por favor! — Sadie protestou. — Ele ainda está *vivo*?

O coração de Annabeth se afundou, mas ela não estava surpresa.

— Ele é um deus. Ele é imortal.

— Bem, então como...

A mão de Serápis, ainda segurando seu cajado, atravessou os tijolos e tábuas. As três cabeças do monstro soltaram jatos de energia em todas as direções. A faca de Annabeth permanecia fincada até o punho na concha do monstro, a cicatriz em volta dela liberando hieróglifos em brasa, letras gregas e palavrões em inglês – milhares de anos de palavrões sendo expelidos.

Como uma linha do tempo, Annabeth pensou.

De repente, uma ideia apareceu em sua mente.

— Passado, presente e futuro. Ele controla tudo isso.

— O quê? — Sadie perguntou.

— O cajado é a chave — disse Annabeth. — Temos que destruí-lo.

— Sim, mas...

Annabeth correu em direção à pilha de escombros. Seus olhos estavam fixos no punho de sua adaga, mas era tarde demais.

O outro braço de Serápis se soltou, e depois a cabeça, com seu chapéu de vaso esmagado que deixava cair grãos. O frisbee de madeira compensada de Annabeth tinha quebrado seu nariz e deixado seus olhos roxos, deixando-o com uma aparência de guaxinim.

— Eu vou matá-la! — ele exclamou, ao mesmo tempo em que Sadie gritou de novo:

— *Sub-FAH!*

Annabeth bateu em retirada, e Serápis gritou “Nããão!” enquanto outra seção da parede de trinta andares caiu em cima dele.

A magia deve ter sido demais para Sadie. Ela caiu como uma boneca de pano, e Annabeth a pegou pouco antes de sua cabeça bater no chão. O restante da parede estremeceu e se inclinou para dentro. Annabeth pegou a menina mais jovem e a levou para fora.

De alguma forma, ela abriu caminho para fora do edifício antes que o resto dele entrasse em colapso. Annabeth ouviu o rugido terrível, mas ela não tinha certeza se era do desmoronamento atrás dela ou do som de sua dor da pancada e exaustão.

Ela cambaleou até alcançar os trilhos do metrô. Colocou Sadie suavemente na grama.

Os olhos de Sadie estavam revirados na órbita. Ela murmurava incoerentemente. Sua pele parecia tão febril que Annabeth teve que lutar contra a sensação de pânico. Vapor subia das mangas da maga.

Perto do acidente de trem, os mortais tinham notado o novo desastre. Veículos de emergência corriam a toda, indo para o prédio desabado. Um helicóptero de notícias circulava acima.

Annabeth estava tentada a gritar por ajuda médica, mas, antes que ela pudesse, Sadie respirou fundo. Suas pálpebras se abriram.

Ela cuspiu um pedaço de concreto, sentou-se lentamente e olhou para a coluna

de poeira que subia no céu a partir de sua pequena arte.

— Certo — Sadie murmurou. — O que devemos destruir na próxima?

Annabeth soluçou de alívio.

— Graças aos deuses você está bem. Você estava literalmente cozinhando.

Sadie estava tirando um pouco de pó do rosto.

— Muita magia e posso literalmente virar pó. Isso é tão perto de me sacrificar que eu gostaria de chegar hoje.

Annabeth assentiu. Ela estava com ciúmes de todas as magias legais que Sadie poderia fazer, mas agora estava feliz em ser apenas uma semideusa.

— Sem mais magia para você.

— Não por um tempo. — Sadie fez uma careta. — Suponho que Serápis não foi derrotado, não é?

Annabeth olhou para o local do suposto farol. Ela queria que o deus tivesse ido embora, mas ela sabia melhor que isso. Ela ainda podia sentir sua aura perturbando o mundo, puxando a sua alma e drenando sua energia.

— Nós temos alguns minutos na melhor das hipóteses — ela adivinhou. — Ele vai trabalhar para se livrar. Então virá atrás de nós.

Sadie gemeu.

— Precisamos de reforços. Infelizmente, eu não tenho energia suficiente para abrir um portal, mesmo que eu pudesse encontrar um. Ísis não está me respondendo, também. Ela não quer se mostrar e ter sua essência absorvida pelo Senhor Tigela de Cereal — ela suspirou. — Será que você tem quaisquer outros semideuses na discagem rápida?

— Se ao menos... — Annabeth vacilou.

Ela percebeu que sua mochila ainda estava no ombro. Como não tinha escorregado durante a luta? E por que parecia tão leve?

Ela pegou a mochila e a abriu. Os livros de arquitetura sumiram. Em vez disso, aninhado no fundo estava um quadrado de ambrosia do tamanho de um brownie embrulhado em papel celofane, e sob ele...

O lábio inferior de Annabeth tremeu. Ela tirou algo que não carregava há muito tempo: seu boné azul surrado do New York Yankees.

Ela olhou para o céu escuro.

— Mãe?

Não houve resposta, mas Annabeth não conseguia pensar em outra explicação. Sua mãe tinha enviado ajuda. A realização a incentivou e a aterrorizou. Se Atena estava tomando um interesse pessoal nesta situação, Serápis era realmente uma ameaça monumental – e não apenas para Annabeth, mas para os deuses.

— É um boné de beisebol — Sadie observou. — Isso é bom?

— Eu... eu acho que sim — Annabeth respondeu. — Da última vez que usei, a magia não funcionou. Mas se isso acontecer... eu poderia ter um plano. Vai ser a sua vez distrair Serápis.

Sadie franziu a testa.

— Mencionei que estou sem magia?

— Tudo bem. — disse Annabeth — Como você está em blefar, mentir e falar baboseiras?

Sadie ergueu uma sobrancelha.

— Eu sempre disse que essas são as minhas qualidades mais atraentes.

— Excelente — disse Annabeth. — Então é hora de eu te ensinar um pouco de grego.

Elas não tinham muito tempo.

Annabeth mal tinha acabado de treinar Sadie quando o edifício em ruínas balançou, detritos explodiram e Serápis emergiu, rugindo e amaldiçoando.

Assustou os trabalhadores de emergência espalhados pelo cenário, mas eles não pareciam perceber o deus de quatro metros e meio de altura marchando para longe dos destroços, nem seu cajado de três cabeças expelindo vapor e feixes vermelhos de magia para o céu.

Serápis foi direto na direção de Sadie e Annabeth.

— Pronta? — Perguntou Annabeth.

Sadie exalou.

— Eu tenho escolha?

— Aqui — Annabeth deu-lhe o quadrado de ambrosia. — Comida de semi-deus. Pode restaurar a sua força.

— *Pode*, não é?

— Se eu posso usar sua poção de cura, você deve ser capaz de comer ambrosia.

— Saúde, então — Sadie deu uma mordida. A cor voltou para suas bochechas. Seus olhos brilharam. — Tem gosto dos biscoitos da minha avó.

Annabeth sorriu.

— Ambrosia sempre tem gosto da sua comida favorita.

— Isso é vergonhoso — Sadie deu outra mordida e engoliu. — Os biscoitos da vovó são sempre queimados e bastante horríveis. Ah, aqui vem o nosso amigo.

Serápis chutou um motor em chamas para fora de seu caminho e foi pesadamente para os trilhos do trem. Ele ainda não parecia ter visto Sadie e Annabeth, mas supôs que ele poderia *sentí-las*. Ele examinou o horizonte, sua expressão cheia de raiva assassina.

— Aqui vamos nós — Annabeth colocou seu boné dos Yankees.

Os olhos de Sadie se arregalaram.

— Muito bem. Você está completamente invisível. Não vai começar a soltar faíscas, vai?

— Por que eu faria isso?

— Ah... Meu irmão lançou um feitiço de invisibilidade uma vez. Não funcionou tão bem. De qualquer forma, boa sorte.

— Para você também.

Annabeth correu para um lado quando Sadie acenou os braços e gritou:

— Ei, Serápis!

— MORTE PARA VOCÊ! — o deus gritou.

Ele andou para frente, com os pés enormes fazendo crateras no asfalto.

Como elas tinham planejado, Sadie o levou em direção à praia. Annabeth agachou-se atrás de um carro abandonado e esperou que Serápis passasse. Invisível ou não, ela não correria riscos desnecessários.

— Vamos! — Sadie insultou o deus. — Isso é o mais rápido você pode correr, seu completo idiota?

— RAAR!

O deus passou rapidamente do lugar em que Annabeth estava.

Ela correu atrás de Serápis, que chegou com Sadie na beira da arrebentação.

O deus levantou seu cajado brilhante, as três cabeças monstruosas expelindo vapor.

— Alguma última palavra, maga?

— Para você? Sim!

Sadie girou os braços em movimentos que poderiam ser de mágica – ou, eventualmente, de kung fu.

— *Meana aedei thea!* — Ela entoou as linhas Annabeth lhe ensinara. — *En ... ponte pathen algae!*

Annabeth fez uma careta. A pronúncia de Sadie era muito ruim. Ela recitara mais ou menos bem a primeira linha: *Cante de raiva, ó deusa*. Mas a segunda linha deveria ter sido: *No mar, cubra-se de tormento*. Em vez disso, Sadie havia dito algo como: *No mar, cubra-se de musgo!*

Felizmente, o som do grego antigo foi o suficiente para chocar Serápis. O deus vacilou, seu cajado de três cabeças ainda erguido.

— O que você está...

— Ísis, ouça-me! — Sadie continuou. — Atena, venha em meu auxílio! — Ela improvisou mais algumas frases – Alguns gregos, alguns antigos egípcios.

Enquanto isso, Annabeth na concha do monstro. Se Serápis apenas baixasse seu cajado...

— *Alfa, beta, gama!* — Sadie gritou. — *Gyros, spanakopita. Presto!* — Ela sorriu em triunfo. — Pronto. Está feito!

Serápis olhou para ela, claramente confuso. As tatuagens vermelhas em sua pele escureceram. Alguns dos símbolos se transformaram em pontos de interrogação e rostos tristes. Annabeth se aproximou lentamente... estava a seis metros dele agora.

— Está feito? — Perguntou Serápis. — Do que diabos você está falando, garota? Estou prestes a destruí-la.

— E se o fizer — Sadie advertiu — ativará o elo da morte que lhe enviará ao esquecimento!

— Elo da morte? Não existe tal coisa!

Serápis baixou seu cajado. As três cabeças de animais ficaram no nível dos olhos de Annabeth.

Seu coração batia forte. Três metros a percorrer. Então, se ela pulasse, poderia ser capaz de alcançar sua faca. Ela só teria uma chance de retirá-la.

As cabeças do cajado não pareciam notá-la. Elas rosnaram e morderam o ar, cuspidando vapor em direções aleatórias. Lobo, leão, cão — passado, presente e futuro.

Para fazer o máximo de dano, ela sabia que cabeça tinha que atacar.

Mas por que o futuro tinha que ser a cabeça de um cachorro? O Labrador preto era o menos ameaçador das cabeças de monstros. Com seus olhos dourados e grandes orelhas de abano, ele lembrou a Annabeth de muitos animais de estimação amigáveis que ela tinha conhecido.

Não é um animal de verdade, ela disse a si mesma. *É parte de um cajado mágico.*

Mas, enquanto ela chegava mais perto, seus braços ficavam pesados. Ela não conseguia olhar para o cão sem se sentir culpada.

O futuro é uma coisa boa, o cão parecia dizer. *É bonito e macio!*

Se Annabeth acertasse a cabeça do Labrador, ela mataria seu próprio futuro — os planos que tinha para a faculdade, os planos que tinha feito com Percy...?

Sadie ainda estava falando. Seu tom tinha tomado uma borda mais severa.

— Minha mãe, Ruby Kane — Sadie falou a Serápis — ela deu a vida para selar Apófis no Duat. *Apófis*, veja bem, que é milhares de anos mais velho que você e

muito mais poderoso. Então, se acha que vou deixar que um deus de segunda categoria tome o mundo inteiro, pense novamente!

A raiva em sua voz não era um mero blefe, e de repente Annabeth estava feliz de ter dado o trabalho de encarar Serápis para Sadie. A maga era surpreendentemente assustadora quando queria ser.

Serápis moveu seu peso desconfortavelmente.

— Eu vou destruí-la!

— Boa sorte — disse Sadie. — Eu já impregnei-o com magias gregas e egípcias tão poderosas que elas vão espalhar seus átomos para as estrelas.

— Você mente! — Serápis gritou. — Eu não sinto nenhum feitiço sobre mim. Mesmo aquele que me invocou não tinha essa magia.

Annabeth estava cara a cara com o cão preto. A faca estava um pouco mais acima, mas cada molécula de seu corpo se rebelava contra a ideia de matar o animal... Matar o futuro.

Enquanto isso, Sadie conseguiu soltar uma gargalhada valente.

— Aquele que o invocou? Você quer dizer o velho vigarista do Setne?

Annabeth não conhecia o nome, mas Serápis obviamente sim. O ar ao redor dele ondulava com o calor. O leão rosnou. O lobo arreganhou os dentes.

— Oh, sim — Sadie continuou. — Estou muito familiarizada com Setne. Suponho que ele não lhe contou quem permitiu que ele voltasse ao mundo. Ele só está vivo porque *eu* o poupei. Você pensa que magia *dele* é poderosa? Tente. Faça isso *AGORA*.

Annabeth se moveu. Percebeu Sadie estava falando com *ela*, e não com o deus. O blefe estava ficando ultrapassado. Ela estava sem tempo.

Serápis zombou.

— Boa tentativa, maga.

Quando ele ergueu o cajado para atingi-la, Annabeth pulou. Sua mão se fechou em volta do punho da adaga, e ela a puxou.

— O quê? — Serápis exclamou.

Annabeth soltou um soluço gutural e mergulhou a faca no pescoço do cão.

Ela esperava uma explosão.

Em vez disso, a faca foi sugada para dentro do pescoço do cão como um clipe de papel em um aspirador de pó. Annabeth mal teve tempo de soltá-la.

Ela rolou para o chão quando o cão uivou, encolheu, murchou até implodir. Serápis rugiu. Ele balançou seu cajado, mas ele não conseguia largá-lo.

— O que você fez? — Ele gritou.

— Tomei o seu futuro — disse Annabeth. — Sem ele, você não é nada.

O cajado abriu. Ele ficou tão quente que Annabeth sentiu os pelos em seus braços começarem a queimar. Ela rastejou para trás através da areia quando as cabeças de leão e lobo foram sugados para o seu interior. Todo o cajado entrou em colapso em uma bola de fogo vermelha na palma da mão do deus.

Serápis tentou soltá-lo. O cajado só ficou mais brilhante. Seus dedos se enroscaram para dentro. Sua mão foi consumida. Todo o seu braço contraiu-se e vaporizou, uma vez que foi arrastado para a esfera de fogo.

— Eu não posso ser destruído! — Serápis gritou. — Eu sou o auge de seus mundos combinados! Sem a minha orientação, vocês nunca alcançarão a coroa! Vocês todos perecerão! Vocês deveriam...

A bola de fogo explodiu e sugou o deus em seu vórtice. Em seguida, ela piscou e sumiu como se nunca tivesse existido.

— Ugh — disse Sadie.

Elas se sentaram na praia ao pôr do sol, observando a maré e ouvindo a sirene de veículos de emergência por trás delas.

Pobre Rockaway. Primeiro um furacão. Depois, um acidente de trem, um colapso de edifício e um deus furioso, tudo no mesmo dia. Algumas comunidades nunca tem uma pausa.

Annabeth deu um gole em seu refrigerante de groselha – uma bebida britânica

que Sadie tinha convocado a partir de sua “área de armazenamento pessoal” no Duat.

— Não se preocupe — Sadie assegurou. — Convocar lanches não é magia complicada.

Com a sede que Annabeth estava, o refrigerante tinha um sabor ainda melhor que néctar.

Sadie parecia estar se recuperando. A ambrosia tinha feito o seu trabalho. Agora, em vez de parecer como se estivesse às portas da morte, ela apenas parecia ter sido atropelada por um bando de mulas.

As ondas lambiam os pés de Annabeth, ajudando-a a relaxar, mas ela ainda sentia uma inquietação por causa de seu encontro com Serápis – o zumbido em seu corpo, como se todos os seus ossos estivessem se dissolvendo.

— Você mencionou um nome — ela lembrou. — Setne?

Sadie franziu a testa.

— É uma longa história. Um mago do mal, que voltou dos mortos.

— Oh, eu odeio quando as pessoas más voltam dos mortos. Você disse... você lhe permitiu sair em liberdade?

— Bem, meu irmão e eu precisávamos da ajuda dele. Na época, não tínhamos muita escolha. De qualquer forma, Setne escapou com o Livro de Thot, a coleção mais perigosa de feitiços no mundo.

— E Setne usou a magia para despertar Serápis.

— Aparentemente — Sadie deu de ombros. — O monstro crocodilo, com que meu irmão e o seu namorado lutaram há um tempo atrás, o Filho de Sobek... Eu não ficaria surpresa se esse fosse outro dos experimentos de Setne. Ele está tentando combinar magia grega e egípcia.

Após o dia que ela acabara de ter, Annabeth queria colocar seu boné de invisibilidade novamente, cavar um buraco e dormir para sempre. Ela já salvara o mundo vezes o bastante. Ela não queria pensar sobre outra ameaça em potencial. No entanto, não poderia ignorá-la. Ela tocou a aba do seu boné dos Yankees e pensou por

que sua mãe havia lhe devolvido – e com a magia restaurada.

Atena parecia estar enviando uma mensagem: *Sempre haverá ameaças poderosas demais para enfrentar cara-a-cara. Você não tem agido com discrição. Deve pisar com cuidado aqui.*

— Setne quer ser um deus — disse Annabeth.

O vento e a água de repente ficaram frios. Cheirava menos como o ar fresco do mar, e mais como ruínas em chamas.

— Um deus... — Sadie estremeceu. — Aquele velhote magricela de tanga e cabelo de Elvis. Que pensamento horrível.

Annabeth tentou imaginar o cara Sadie estava descrevendo. Então ela decidiu que não era o melhor.

— Se o objetivo da Setne é a imortalidade — disse Annabeth — acordar Serápis não será seu último truque.

Sadie riu sem humor.

— Oh, não. Ele só está brincando com a gente agora. O Filho de Sobek... Serápis. Aposto que Setne planejou ambos os eventos só para ver o que iria acontecer, como os semideuses e magos reagiriam. Ele está testando a sua nova magia, e as nossas capacidades, antes de fazer sua oferta real de poder.

— Ele pode não ter sucesso — Annabeth observou, esperançosa. — Ninguém pode se tornar um deus apenas lançando um feitiço.

A expressão de Sadie não era reconfortante.

— Espero que você tenha razão. Porque um deus que sabe grego e magia egípcia, que pode controlar dois mundos... Eu não posso nem imaginar.

O estômago de Annabeth contorceu-se como se estivesse aprendendo uma nova posição de ioga. Em qualquer guerra, planejar bem é mais importante do que poder absoluto. Se este Setne havia orquestrado a batalha de Percy e Carter com aquele crocodilo, se ele tivesse projetado a ascensão de Serápis e assim atraindo Sadie e Annabeth a confrontá-lo... Um inimigo que planeja tão bem seria muito difícil de parar.

Ela cravou os pés na areia.

— Serápis disse outra coisa antes de desaparecer: *vocês nunca vão alcançar a coroa*. Pensei que ele estivesse usando uma metáfora. Então eu me lembrei do que ele disse sobre Ptolomeu I, o rei que tentou se tornar um deus.

— A coroa da imortalidade — Sadie lembrou. — Talvez um *pschent*.

Annabeth fez uma careta.

— Eu não conheço essa palavra. Um *shent*?

Sadie soletrou a palavra.

— Uma coroa egípcia, mais parece um pino de boliche. Não é uma peça de moda adorável, mas um faraó usando um *pschent* fará com o seu poder se torne divino. Se Setne está tentando recriar a magia do velho rei que o tornará um deus, aposto cinco libras e um prato de biscoitos queimados da vovó que ele está tentando encontrar a coroa de Ptolomeu.

Annabeth decidiu não aceitar essa aposta.

— Nós temos que detê-lo.

— Certo — Sadie tomou um gole do seu refrigerante. — Eu vou voltar para a Casa do Brooklyn. Depois que eu bater no meu irmão por não confiar em mim e contar sobre vocês semideuses, colocarei nossos pesquisadores para trabalhar e ver o que podemos aprender sobre Ptolomeu. Talvez a coroa esteja num museu em algum lugar — Sadie mordeu o lábio. — Apesar de eu *odiar* museus...

Annabeth traçou seu dedo através da areia. Sem pensar muito nisso, ela desenhou o símbolo hieroglífico para Ísis: o *tyet*.

— Vou pesquisar, também. Meus amigos no chalé de Hécate podem saber algo sobre a magia de Ptolomeu. Talvez eu consiga falar com minha mãe para me aconselhar.

Pensar em sua mãe a fez ficar desconfortável.

Hoje, Serápis esteve a ponto de destruir tanto Annabeth quanto Sadie. Ele ameaçou usá-las como portais para levar Atena e Ísis para sua condenação.

Os olhos de Sadie estavam tempestuosos, como se ela estivesse pensando o

mesmo.

— Não podemos deixar que Setne continue a fazer esses experimentos. Ele vai destruir nossos mundos se continuarmos separados. Temos que encontrar esta coroa, ou...

ela olhou para o céu e sua voz vacilou.

— Ah, meu transporte está aqui.

Por um momento, Annabeth pensou que o Argo II estava descendo das nuvens, mas esse era um tipo diferente de barco voador – uma barca egípcia um pouco menor, com olhos pintados na proa e uma única vela branca estampada com o símbolo *tyet*.

Ele pousou delicadamente na borda da praia.

Sadie levantou-se e limpou a areia das suas calças.

— Quer uma carona para casa?

Annabeth tentou imaginar um barco como este navegando para o Acampamento Meio-Sangue.

— Hum, está tudo bem. Acho que dá para ir sozinha.

— Como quiser — Sadie colocou a bolsa nos ombros, então ajudou Annabeth a se levantar. — Você diz que Carter desenhou um hieróglifo na mão do seu namorado. Ótimo, mas eu prefiro ficar em contato com você diretamente.

Annabeth sorriu.

— Você está certa. Não posso confiar em garotos na comunicação.

Eles trocaram números de telefone celular.

— Só me ligue se for urgente — Annabeth avisou. — Falar no celular atrai monstros.

Sadie pareceu surpresa.

— Sério? Nunca percebi. Acho então que não poderei enviar selfies engraçadas no Instagram, então.

— Provavelmente não.

— Bem, até a próxima.

Sadie jogou seus braços em volta de Annabeth.

Annabeth estava um pouco chocada por estar recebendo um abraço de uma garota que tinha acabado de conhecer – uma garota que poderia facilmente ter visto Annabeth como uma inimiga. Mas o gesto a fez se sentir bem. Em situações de vida e morte, Annabeth tinha aprendido, você precisa fazer amigos muito rápido.

Ela deu um tapinha no ombro de Sadie.

— Tome cuidado.

— Impossível.

Sadie subiu em seu barco, que foi empurrado para o mar. Um nevoeiro subiu do nada, engrossando ao redor do navio. Quando a névoa clareou, o navio e Sadie Kane tinham ido embora.

Annabeth olhou para o oceano vazio. Ela pensou sobre a névoa e o Duat e como eles estavam ligados.

Pensou principalmente no cajado de Serápis, e no uivo que o cão preto dera quando ela esfaqueou-o com sua adaga.

— Isso não vai destruir meu futuro — assegurou a si mesma — eu faço o meu próprio futuro.

Mas em algum lugar lá fora, um mágico chamado Setne tinha outras ideias. Se Annabeth iria detê-lo, tinha que pensar no que fazer.

Ela se virou e começou caminhar pro outro lado da praia, indo para o leste na longa viagem de volta ao Acampamento Meio-Sangue.

RICK RIORDAN

A COROA DE PTOLOMEU

COM PERCY, ANNABETH, CARTER E SADIE

INCLUI UMA
PRÉVIA DE
MAGNUS CHASE
E OS DEUSES
DE ASGARD,
A NOVA SÉRIE DE
RICK RIORDAN



intrínseca



A COROA DE PTOLOMEU

— Carter! — gritei.

Nada aconteceu.

Ao meu lado, encostada no muro do antigo forte, Annabeth espiou a chuva, esperando que adolescentes mágicos caíssem do céu.

— Está fazendo isso direito? — perguntou ela.

— Hã, eu não sei. Tenho quase certeza de que o nome dele se pronuncia *Carter*.

— Tenta bater no hieróglifo várias vezes.

— Isso é ridículo.

— Apenas tente.

Olhei para minha mão. Não havia nem sinal do hieróglifo que Carter Kane tinha desenhado em minha pele quase dois meses antes. Ele me garantira que a magia do símbolo não sairia com a água, mas, sortudo como eu sou, devo ter feito alguma besteira ao passar a mão na calça ou algo assim.

Bati na palma da mão.

— Carter? Alô, Carter? Percy para Carter. Chamando Carter Kane. Testando, um, dois, três. Essa coisa está ligada?

Nada ainda.

Normalmente, eu não entraria em pânico se a cavalaria não aparecesse. Annabeth e eu já passamos por poucas e boas sem ajuda alguma. Só que normalmente não ficamos presos em Governors Island no meio de um furacão, cercados por cobras assassinas que cospem fogo.

(Quer dizer, eu *já* me vi cercado por cobras assassinas que cospem fogo, mas aquelas não tinham asas. Tudo fica pior com asas).

— Muito bem. — Annabeth enxugou os olhos molhados de chuva, mas não adiantou nada, pois estava caindo uma tempestade. — Sadie não atendeu

o telefone. O hieróglifo do Carter não está funcionando. Acho que vamos ter que resolver isso sozinhos.

— Claro — falei. — Mas o que vamos fazer?

Espreitei na esquina, atrás da quina do muro. Ao final de uma comprida passagem em arco, um gramado ocupava cerca de cem metros quadrados de um pátio interno, cercado por construções de tijolos vermelhos. Annabeth tinha me dito que aquele lugar era um forte ou algo parecido da Guerra de Independência americana, mas eu não tinha prestado atenção aos detalhes. Nosso maior problema era o cara de pé no meio do gramado fazendo um ritual mágico.

Ele parecia um Elvis Presley nanico, desfilando de lá pra cá em uma calça jeans preta colada, uma camisa azul-clara e uma jaqueta de couro preta. Seu topete oleoso parecia intocado pela chuva e pelo vento.

O cara segurava um pergaminho velho que parecia um mapa do tesouro. Enquanto andava de um lado para outro, ele lia em voz alta, de vez em quando jogando a cabeça para trás e rindo. Basicamente, o sujeito estava em modo louco força total.

Como se isso não fosse assustador o bastante, seis serpentes aladas voavam ao redor dele, cuspidas chamas no meio da chuva.

Um relâmpago brilhou no céu. O ruído do trovão fez tremer meus molares.

Annabeth me puxou de volta.

— Esse aí só pode ser o Setne — disse ela. — O pergaminho que ele está lendo é do Livro de Thot. Seja lá qual for o feitiço que está lançando, temos que impedi-lo.

A essa altura, eu deveria voltar e explicar o que estava acontecendo.

Só tinha um problema: eu não fazia ideia do que estava acontecendo.

Alguns meses atrás, eu enfrentei um crocodilo gigante em Long Island. Um garoto chamado Carter Kane apareceu se dizendo mago e me ajudou, explodindo coisas com hieróglifos e se transformando em um guerreiro gigante que brilhava e tinha cabeça de galinha. Juntos, derrotamos o crocodilo, que, segundo Carter, era o filho de Sobek, o deus crocodilo egípcio. Carter avaliou a situação e concluiu que estava acontecendo alguma coisa estranha, híbrida de egípcia e grega. (Uau, eu nunca teria adivinhado). O garoto desenhou um hieróglifo mágico na palma da minha mão e disse que era só eu chamar o nome dele se algum dia precisasse de ajuda.

Agora pulemos para o mês passado: Annabeth encontrou por acaso a irmã

de Carter, Sadie Kane, no trem para Rockaway. As duas lutaram contra um sujeito divino chamado Serápis, que tinha um cajado com três cabeças e usava uma tigela de cereal como chapéu. Encerrada a luta, Sadie contou a Annabeth que talvez um mago muito antigo chamado Setne estivesse por trás de todas aquelas coisas estranhas. Pelo que entendi, esse tal de Setne tinha voltado dos mortos, arranjado um manual de feitiçaria ultrapoderoso chamado Livro de Thot e estava mexendo com as magias egípcia e grega na esperança de encontrar um jeito de se tornar um deus. Sadie e Annabeth trocaram números de celular e combinaram de manter contato.

Hoje, quatro semanas depois, Annabeth apareceu no meu apartamento às dez da manhã dizendo que havia tido um sonho ruim: uma visão de sua mãe.

(A propósito: a mãe dela é Atena, a deusa da sabedoria. Meu pai é Poseidon. Somos semideuses gregos. Achei que era bom mencionar isso, tipo, só para refrescar a memória).

Annabeth decidiu que, em vez de ir ao cinema, seria bacana passarmos o sábado nos arrastando até a ponta de Manhattan e pegando a barca para Governors Island, onde, segundo Atena, estavam surgindo problemas.

Assim que chegamos, um furacão bizarro varreu o porto de Nova York. Todos os mortais foram evacuados de Governors Island, deixando Annabeth e eu presos em um velho forte com o Elvis Maluco e as Cobras Mortais Voadoras.

Faz sentido para você?

Nem para mim.

— Seu boné de invisibilidade — falei. — Voltou a funcionar, não foi? Que tal eu distrair Setne enquanto você se aproxima por trás? Aí você arranca o livro das mãos dele.

Annabeth franziu a testa. Mesmo com o cabelo louro encharcado e colado no rosto ela ficava bonita. Seus olhos eram da mesma cor das nuvens da tempestade.

— Pelo que dizem, Setne é o maior mago do mundo. Talvez ele veja através do véu de invisibilidade — argumentou ela. — Além do mais, se você for até lá, é capaz de ele fritar você com um feitiço. Pode acreditar, você não vai querer ser frito com magia egípcia.

— Eu sei. Carter me acertou com um punho azul brilhante uma vez. Mas, a não ser que você tenha alguma ideia melhor...

Infelizmente, ela não tinha. Annabeth pegou da mochila o boné do New York Yankees.

— Você me dá um minuto para pensar. Tente derrubar aquelas cobras voadoras primeiro. Devem ser alvos mais fáceis.

— Pode deixar. — Ergui minha caneta esferográfica. Tudo bem, não é algo que impressione como arma, mas ela vira uma espada mágica quando tiro a tampa. É sério. — Uma lâmina de Bronze Celestial consegue matar essas cobras?

Annabeth franziu a testa novamente.

— Deveria. Pelo menos... minha adaga de bronze funcionou contra o cajado de Serápis. Se bem que aquela adaga era feita de uma varinha egípcia, então...

— Estou ficando com dor de cabeça. Normalmente, quando tenho dor de cabeça, é hora de parar de falar e atacar algum monstro.

— Tudo bem. Mas não esqueça: nosso objetivo principal é pegar aquele pergaminho. Pelo que Sadie me disse, Setne pode usá-lo para se tornar imortal.

— Entendido. Nada de caras maus virando imortais sob a minha vigilância.

Então eu a beijei, porque 1) quando você é um semideus indo para a batalha, cada beijo pode ser seu último e 2) eu gosto de beijar Annabeth.

— Tome cuidado — disse ela.

Então colocou o boné dos Yankees e desapareceu.

Eu adoraria dizer que me aproximei do cara e matei as cobras, que Annabeth esfaqueou Elvis nas costas e pegou o pergaminho e que nós dois fomos para casa felizes.

Bem que pelo menos *uma vez* as coisas poderiam acontecer do jeito que planejamos.

Mas nããããão.

Dei alguns segundos para Annabeth chegar ao pátio de fininho.

Em seguida, abri a caneta, e Contracorrente surgiu em seu comprimento total: noventa centímetros de Bronze Celestial afiadíssimo. Avancei até o pátio e cortei em pleno ar a primeira serpente que encontrei.

Se você quer mandar um *Oi, colega!* marcante para um sujeito, nada melhor que matar o réptil voador dele.

Ao contrário da maioria dos monstros que já enfrentei, a cobra não se desintegrou. As duas metades simplesmente caíram na grama molhada, a metade com asas se sacudindo de um lado para outro, perdida.

O Elvis Maluco nem reparou no que tinha acontecido. Continuou andando de um lado para outro, concentrado no pergaminho, então seguiu em frente e mandei ver em uma segunda cobra.

Estava difícil enxergar, por causa da tempestade. Em geral eu consigo continuar seco quando estou dentro d'água, mas na chuva é mais complicado. Os pingos alfinetavam minha pele e entravam nos meus olhos.

Relampejou. Quando minha visão clareou, duas cobras mergulhavam sobre mim, cada uma vindo de um lado. Dei um pulo para trás bem a tempo de escapar dos cuspes de fogo.

Caso vocês não saibam, é difícil pular para trás com uma espada na mão. E é ainda mais difícil quando o chão está coberto de lama.

Resumindo: escorreguei e caí de bunda.

Jatos de chamas cortaram o ar acima da minha cabeça, mas depois as duas cobras ficaram voando em círculos sobre mim como se estivessem surpresas demais para atacar novamente. Deviam estar se perguntando: *Esse cara caiu de bunda de propósito? Devemos rir antes de matá-lo? Seria muito cruel?*

Antes que elas decidissem o que fazer, o Elvis Maluco gritou:

— Deixem-no!

Na mesma hora as cobras foram se juntar às irmãs, que orbitavam três metros acima do mago.

Eu queria me levantar e encarar Setne, mas minha bunda tinha outros planos: ficar onde estava, sofrendo uma dor absurda. As bundas são assim às vezes. São umas... bundonas.

Setne enrolou o pergaminho e foi andando na minha direção, a chuva se abrindo a sua passagem como uma cortina de contas. As cobras aladas o seguiram, produzindo nuvens de vapor em meio à tempestade com seus cuspes de fogo.

— Olá! — disse Setne, de um jeito tão casual e simpático que eu logo vi que estava encrencado. — Você é um semideus, imagino.

Como ele sabia? Talvez sentisse o “cheiro” da aura de um semideus, da mesma forma que os monstros gregos. Ou talvez meus amigos brincalhões, os irmãos Stoll, tivessem escrito *SOU UM SEMIDEUS* na minha testa com caneta permanente, e Annabeth tivesse decidido não me contar. Isso acontecia de vez em quando.

O sorriso de Setne fazia seu rosto parecer ainda mais sombrio. Os olhos, com delineador preto, compunham uma expressão faminta e bestial. Um cordão de ouro com dois *ankhs* entrelaçados cintilava no pescoço, e da orelha

esquerda pendia um ornamento que parecia uma falange humana.

— Você deve ser Setne. — Consegui me levantar sem morrer. — Comprou essa roupa para a festa à fantasia?

Setne deu uma risada.

— Olha, não é nada pessoal, mas estou meio ocupado no momento. Vou pedir que você e sua namorada esperem até eu terminar meu feitiço, tudo bem? Depois que eu tiver conjurado a *deshret*, podemos bater um papo.

Tentei parecer confuso, uma das minhas expressões mais convincentes.

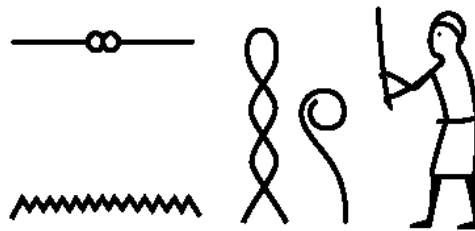
— Que namorada? Eu estou sozinho. Além do mais, por que você vai conjurar um deserto?

— É *deshret* — Setne ajeitou o topete. — A coroa vermelha do Baixo Egito. Quanto à sua namorada...

Ele se virou e apontou para trás, gritando algo parecido com:

— *Sun-AH!*

Hieróglifos vermelhos surgiram no ar, como se ardessem em fogo, no local que Setne apontou:



Annabeth ficou visível. Eu nunca a tinha visto de fato com o boné dos Yankees, já que ela desaparecia a cada vez que o colocava, mas ali estava ela: os olhos arregalados de surpresa, pega na tentativa de se aproximar de Setne sem ser notada.

Antes que ela pudesse reagir, os hieróglifos vermelhos incandescentes se tornaram fios grossos, que cortaram o ar e enlaçaram Annabeth, prendendo seus braços e pernas com tanta força que ela se desequilibrou e caiu.

— Ei! — gritei. — Solte minha namorada!

O mago abriu um sorriso presunçoso.

— Magia de invisibilidade? *Por favor*. Eu uso feitiços desse tipo desde que as pirâmides ainda estavam na garantia. Como falei, não é nada pessoal, semi-deuses, só não posso desperdiçar energia matando vocês... pelo menos não enquanto não terminar a conjuração. Espero que entendam.

Meu coração disparou. Eu já tinha presenciado magia egípcia, quando

Carter me ajudara a enfrentar o crocodilo gigante em Long Island, mas não fazia ideia de como impedi-la e não conseguia suportar ver aquele mago a usando contra Annabeth.

Parti para cima dele, mas Setne apenas fez um gesto com a mão e murmurou:

— *Hu-Ai.*

Mais hieróglifos idiotas surgiram na minha frente.



Caí de cara no chão.

Minha cara não curtiu muito. Fiquei com lama nas narinas e sangue na boca, porque morde a língua. Quando pisquei, os hieróglifos vermelhos arderam por dentro das minhas pálpebras.

— *O que foi esse feitiço?* — falei, com um gemido.

— *Cair* — respondeu Setne. — Um dos meus preferidos. É sério, não se levante. Só vai se machucar mais.

— Setne! — gritou Annabeth, debaixo da tempestade. — Preste atenção: você *não pode* se transformar em um deus. Não vai dar certo. Você só vai destruir...

As cordas mágicas se expandiram, cobrindo a boca de Annabeth.

— Agradeço a preocupação — disse o mago. — De verdade. Mas tenho tudo sob controle. Aquela história com Serápis... quando você destruiu meu deus híbrido, lembra? Aprendi bastante com aquilo. Fiz anotações muito úteis.

Annabeth tentava se soltar, mas era em vão.

Eu queria correr até ela, mas tinha o pressentimento de que acabaria com a cara na lama de novo. Dessa vez precisaria usar a inteligência... o que não é muito meu estilo.

Tentei estabilizar a respiração. E me virei de lado, só para ver se conseguia.

— Então você estava na praia Rockaway, vendo tudo? — perguntei a Setne. — Quando Annabeth e Sadie acabaram com Serápis... foi tudo parte de um plano seu?

— É claro! — Setne parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Eu anotei

os feitiços que Serápis usou quando tentou erguer o novo farol de Alexandria. Depois, foi só compará-los com a magia mais antiga que consta no Livro de Thot e *voilà!* Encontrei a combinação exata de feitiços para me transformar em deus. Vai ser incrível. Observe e aprenda!

Setne abriu o pergaminho e voltou a entoar os dizeres. As serpentes aladas subiam em espirais na chuva. Um relâmpago brilhou. O chão tremeu.

À esquerda de Setne e a uns quatro metros de mim, o chão gramado se abriu e um gêiser de chamas jorrou para o alto. Na mesma hora as serpentes voaram até lá, unindo-se a terra, fogo e chuva, tudo girando em um tornado, se mesclando e se solidificando até formar uma enorme naja com cabeça de mulher, toda enroscada.

Seu gorro reptiliano devia ter facilmente dois metros de largura. Seus olhos brilhavam como rubis. Uma língua bifurcada se remexia entre seus lábios, e seu cabelo preto era trançado com ouro. Sobre a cabeça dela repousava uma espécie de coroa: algo como um chapéu em miniatura, vermelho e com um ornamento de arabesco na frente.

Olha, para ser sincero, não sou muito fã de cobras gigantescas, muito menos se elas têm cabeça humana e usam um chapéu idiota. Se eu tivesse conjurado aquela coisa, faria um feitiço para mandá-la de volta para o lugar de onde veio, e rápido.

Mas Setne só enrolou o pergaminho, guardou-o no bolso da jaqueta e sorriu.

— Maravilha!

A mulher-cobra sibilou:

— Quem ousa me invocar? Sou Wadjet, rainha das najas, protetora do Baixo Egito, eterna padroeira do...

— Eu sei! — Setne bateu palmas. — Sou um grande fã seu!

Fui rastejando na direção de Annabeth. Não que eu fosse de grande ajuda naquele momento, com o feitiço *cair* me impedindo de levantar, mas queria estar perto dela se aquela naja rainha de sei lá o quê fizesse alguma coisa. Talvez eu conseguisse ao menos usar Contracorrente para cortar aquelas cordas vermelhas, dando a Annabeth a chance de lutar.

— Ah, isso é demais — continuou Setne, e pegou alguma coisa do bolso da calça. Um celular.

A deusa mostrou as presas e lançou sobre Setne uma fumaça verde (veneno, eu acho), mas ele repelia a nuvem tóxica como a ogiva de um foguete espacial repele o calor.

Continuei rastejando na direção de Annabeth, que ainda lutava inutilmente para se soltar do casulo de cordas vermelhas. A frustração ardia nos olhos dela. Annabeth odeia ser deixada de lado, mais do que praticamente qualquer coisa.

— Muito bem, onde eu clico para usar a câmera? — perguntou Setne, mexendo desajeitadamente no celular. — Temos que tirar uma foto juntos antes que eu destrua você.

— Antes que você *me destrua*? — perguntou a deusa naja.

Ela se lançou para cima de Setne, mas foi jogada para trás por uma rajada de chuva e vento.

Eu estava a três metros de Annabeth. A lâmina de Contracorrente brilhou quando a arrastei pela lama.

— Vamos ver — Setne deu tapinhas no celular. — Desculpa, essas coisas são novidade para mim. Sou da Décima Nona Dinastia. Opa, já sei. Não. Droga. Onde foi parar a tela? Ah! Aqui! Como é mesmo que o pessoal moderno chama isso? *Shelfy*? — Ele inclinou o corpo para se aproximar da deusa naja, esticou o braço com o celular e tirou uma foto. — Pronto!

— O QUE SIGNIFICA ISSO? — rugiu Wadjet. — COMO OUSA TIRAR UMA *SELFIE* COM A DEUSA NAJA?

— Isso! *Selfie*! — exclamou o mago. — Obrigado. Agora vou pegar sua coroa e consumir sua essência. Espero que não se importe.

— O *QUÊ*?

A deusa naja recuou e mostrou as presas de novo, mas a chuva e o vento a prenderam como um cinto de segurança. Setne gritou alguma coisa em uma mistura de egípcio antigo e grego antigo. Algumas das palavras gregas que entendi: *alma* e *ligação* e talvez *manteiga* (mas posso ter me enganado quanto a esta última). A deusa naja começou a se contorcer.

Alcansei Annabeth bem na hora em que Setne terminou de entoar o feitiço.

Então a deusa naja implodiu, e o barulho que se ouviu foi como o maior canudo do mundo terminando de tomar o maior milk-shake do mundo. Wadjet foi sugada para dentro da própria coroa vermelha, junto com as quatro serpentes aladas de Setne e o círculo de um metro e meio do gramado, onde a deusa tinha estado enroscada.

Por fim, a coroa caiu na cratera fumegante e coberta de lama.

Setne riu com prazer.

— PERFEITO!

Se, por perfeito, o sujeito queria dizer *tão horrível que me dá vontade de vomitar e ai meu Deus preciso tirar Annabeth daqui agora mesmo*, eu concordava com ele.

Setne desceu na cratera para pegar a coroa. Aproveitei a chance para começar a cortar desesperadamente as cordas que prendiam Annabeth. Eu tinha acabado de livrá-la da mordaca quando as cordas emitiram um som parecido com o de uma buzina.

Meus ouvidos doeram. Minha visão ficou turva.

Quando o som parou e a tontura passou, Setne estava de pé ao nosso lado, agora com a coroa vermelha encaixada no topete.

— As cordas gritam quando são cortadas — avisou ele. — Acho que eu devia ter mencionado isso.

Annabeth se contorcia, tentando soltar as mãos.

— O que... o que você fez com a deusa naja?

— Hã? Ah. — Setne deu um tapinha no arabesco que decorava a coroa. — Eu devorei a essência dela. Agora tenho o poder do Baixo Egito.

— Você... você devorou uma deusa! — exclamei.

— Pois é! — Ele tirou da jaqueta o Livro de Thot e o balançou diante dos nossos olhos. — É incrível a riqueza de informações que tem aqui. Ptolomeu I teve a ideia certa, fazer de si mesmo um deus, mas, quando ele se tornou rei de Alexandria, a magia egípcia estava diluída e fraca. Ptolomeu certamente não teve acesso a um material de primeira como o Livro de Thot. Com esta belezinha aqui, estou com tudo! E agora que a coroa do Baixo Egito é minha, eu vou...

— Deixe-me adivinhar. — disse Annabeth. — Você vai atrás da coroa do Alto Egito. Depois vai juntar as duas e governar o mundo.

Ele sorriu.

— Garota esperta. Mas primeiro tenho que destruir vocês dois. Nada pessoal. É só que eu descobri que um pouco de sangue de semideus é um ótimo ingrediente para magia híbrida grega-egípcia. Agora, se vocês puderem ficar bem paradinhos...

Foi quando eu avancei de um pulo, a espada em punho.

Por incrível que pareça, Contracorrente se cravou bem na barriga dele.

É tão raro as coisas darem certo para mim que só fiquei agachado ali, confuso, segurando a espada com a mão tremendo.

— Uau. — Setne olhou para o sangue em sua camisa azul-clara. — Mandou bem.

— Obrigado. — Tentei puxar Contracorrente de volta, mas tinha ficado

presa. — Então... já pode morrer agora, se não se importa.

Setne sorriu como quem pede desculpas.

— Acontece que... agora estou além do alcance da morte. Com este instrumento... — ele tocou a lâmina. — Sinto dizer que o máximo que você pode fazer é me deixar mais forte!

A coroa vermelha começou a brilhar.

Então, por um milagre, meus instintos salvaram minha vida. Apesar do feitiço que Setne jogara em mim, consegui me levantar, alcançar Annabeth e me jogar junto com ela para o mais longe possível daquele mago.

Aterrissei no chão junto à passagem em arco no momento em que um rugido terrível fez o pátio tremer. Árvores foram arrancadas do solo; janelas se estilhaçaram; tijolos despencaram das paredes e tudo ao redor foi sendo puxado na direção de Setne, como se ele tivesse virado o novo centro de gravidade. Até as cordas mágicas que prendiam Annabeth foram arrancadas. Reunindo todas as minhas forças, eu a segurei com um dos braços enquanto me agarrava a uma coluna com o outro.

Nuvens de destroços giravam ao redor do mago. Madeira, pedra e vidro se vaporizavam à medida que eram absorvidos pelo corpo de Setne.

Quando a gravidade voltou ao normal, percebi que tinha deixado para trás uma coisa importante.

Contracorrente tinha sumido. O ferimento na barriga de Setne se fechara.

— Ei! — falei, me levantando com as pernas trêmulas. — Você comeu minha espada!

Minha voz soou aguda, como a de um garotinho de quem roubaram o dinheiro do lanche. A questão é que Contracorrente era meu bem mais importante. Estava comigo havia muito tempo. E me acompanhara em muitas enrascadas.

Eu já a perdera algumas vezes, mas ela sempre reaparecia em meu bolso, na forma de caneta. Dessa vez, tinha a sensação de que isso não aconteceria. Contracorrente havia sido *consumida*: sugada para dentro do corpo de Setne, junto com os tijolos, os estilhaços de vidro e vários centímetros cúbicos de terra.

— Lamento por isso — disse Setne, erguendo as mãos com as palmas para cima. — Sou uma divindade em crescimento. Preciso me nutrir... — Ele inclinou a cabeça como se estivesse prestando atenção a alguma coisa em meio à tempestade. — *Percy Jackson*. Interessante. E sua amiga é Annabeth Chase. Vocês viveram aventuras interessantes. Serão um excelente alimento!

Annabeth se levantou com dificuldade.

— Como sabe nossos nomes?

— Ah, devorar o bem mais precioso de alguém é uma boa forma de saber informações sobre seu dono — Setne deu tapinhas na barriga. — Agora, se não se importam, preciso mesmo consumir vocês. Mas não se preocupem! A essência dos dois vai viver para sempre bem aqui... ao lado do meu... hã... pâncreas, eu acho.

Lentamente, segurei a mão de Annabeth. Depois de tudo pelo que havíamos passado, eu não permitiria que tivéssemos aquele fim: devorados por um Elvis aspirante a deus com um chapéu ridículo.

Considere minhas opções: ataque direto ou retirada estratégica. Minha vontade era dar um soco nos olhos excessivamente pintados de Setne, mas, se conseguisse chegar à beira do cais com Annabeth, poderíamos pular na água. Sendo filho de Poseidon, eu estaria em vantagem no mar. Poderíamos nos reorganizar, talvez até voltar com mais algumas dúzias de amigos semideuses e artilharia pesada.

Antes que eu pudesse decidir, uma coisa completamente aleatória gerou uma reviravolta na situação.

Um camelo caiu do céu e esmagou Setne.

— Sadie! — gritou Annabeth.

Por uma fração de segundo, achei que ela estivesse chamando o camelo de Sadie, mas então percebi que ela olhava para o alto, onde dois falcões voavam em espiral acima do pátio.

O camelo berrou e peidou, o que me fez gostar mais ainda dele.

Infelizmente, porém, não tivemos tempo de ficarmos amigos. O camelo arregalou os olhos, soltou um gemido de susto e se desfez em areia.

Setne se levantou do monte de areia e terra, a coroa torta na cabeça, a jaqueta preta coberta de pelo de camelo, mas não parecia ferido.

— Isso foi deselegante. — Então olhou para os dois falcões, que desciam velozes na direção dele. — Não tenho tempo para essa bobagem.

E, bem na hora em que os pássaros iam arrancar a cara dele, Setne desapareceu em um redemoinho de chuva.

Os falcões pousaram e se transformaram em dois adolescentes humanos. À direita estava meu amigo Carter Kane, exibindo um visual despojado em sua calça larga de linho bege. Segurava uma varinha curva de marfim em uma das mãos e, na outra, uma espada com lâmina em forma de gancho. À esquerda,

vi uma garota loura pouco mais nova que Carter — devia ser a irmã dele, Sadie. Ela usava uma calça também larga e de linho, só que preta, além de coturnos enlameados; tinha mechas laranja no cabelo e segurava um cajado de madeira branca.

Fisicamente, os dois não eram nada parecidos. Carter tinha a pele mais acobreada, o cabelo preto e cacheado. Sua expressão pensativa irradiava seriedade. Sadie, em contraste, tinha a pele bem clara, olhos azuis e um sorriso tão travesso que, se eu a conhecesse no Acampamento Meio-Sangue, acharia que é filha de Hermes.

Pensando bem, quem sou eu para falar sobre a falta de semelhança entre os Kane? Meus irmãos são ciclopes e tritões de duas caudas.

Annabeth soltou um suspiro de alívio e deu um grande abraço em Sadie, exclamando:

— Estou *tão* feliz de ver vocês!

Carter e eu nos entreolhamos.

— E aí, cara — falei. — Não vou abraçar você, não.

— Tudo bem — concordou Carter. — Desculpem pelo atraso. Essa tempestade atrapalhou nossa magia de localização.

Assenti, como se soubesse o que era *magia de localização*.

— Então esse amigo de vocês, Setne... ele é, tipo, um porco imundo.

Sadie deu uma risada de deboche.

— Vocês não fazem *ideia*. Por acaso ele fez aquele monólogo de vilão, que é sempre útil? Revelou os planos malignos, disse para onde iria, esse tipo de coisa?

— Bem, ele usou um pergaminho, o Livro de Thot — respondi. — Conjurou uma deusa naja, devorou a essência dela e roubou o chapéu vermelho dela.

— Droga — Sadie olhou para Carter. — Agora ele vai atrás da coroa do Alto Egito.

— É — assentiu Carter. — E, se ele conseguir juntar as duas...

— Vai se tornar imortal — completou Annabeth. — Um deus novinho em folha. Aí ele vai começar a sugar do mundo todas as magias gregas e egípcias.

— Sem contar que ele roubou minha espada — acrescentei. — Quero ela de volta.

Os três ficaram olhando para mim.

— O que? — falei — Eu gosto da minha espada.

Carter prendeu no cinto a *khopesh* de lâmina curva e a varinha.

— Contem tudo que aconteceu. Com detalhes.

Enquanto falávamos, Sadie murmurou uma espécie de feitiço, fazendo a chuva se curvar ao nosso redor como se estivessemos debaixo de um enorme guarda-chuva invisível. Maneiro.

Annabeth tem uma memória melhor, então foi ela quem contou quase toda a nossa luta com Setne... embora chamar de *luta* fosse generosidade.

Quando ela terminou, Carter se ajoelhou e desenhou alguns hieróglifos na lama.

— Se Setne pegar a *hedjet*, é o nosso fim — disse ele. — Ele vai formar a coroa de Ptolomeu e...

— Espere — falei. — Tenho baixa tolerância para nomes confusos. Será que você pode explicar o que está acontecendo usando, tipo, palavras comuns?

Carter franziu a testa.

— O *pschent* é a coroa dupla do Egito, certo? A metade de baixo é a coroa vermelha, a *deshret*. Representa o Baixo Egito. A metade de cima é a *hedjet*, a coroa branca do Alto Egito.

— Quem usa as duas juntas — acrescentou Annabeth — se torna o faraó de todo o Egito.

— Só que, neste caso — disse Sadie — nosso amigo feioso, Setne, está criando um *pschent* muito especial: a coroa de Ptolomeu.

— Certo... — Eu ainda não tinha entendido, mas achei que deveria ao menos fingir que estava acompanhando. — Mas esse Ptolomeu não era grego?

— Era — respondeu Carter. — Alexandre, o Grande, conquistou o Egito. E morreu. Aí o general dele, Ptolomeu, assumiu e tentou fundir as religiões grega e egípcia. Ele se proclamou um rei-deus, como os antigos faraós, mas não parou por aí. Ptolomeu usou uma combinação de magias grega e egípcia para tentar se tornar imortal. Não funcionou, mas...

— Setne aperfeiçoou a fórmula — adivinhei. — Aquele Livro de Thot dá a ele magia de primeira.

Sadie bateu palmas para minha dedução.

— Acho que agora você entendeu. Setne vai recriar a coroa de Ptolomeu, mas desta vez do jeito certo, e vai se tornar um deus.

— E isso é ruim — falei.

Annabeth ficou mexendo distraidamente na orelha enquanto pensava sobre o assunto.

— Então... quem era a deusa naja?

— Wadjet — disse Carter. — A guardiã da coroa vermelha.

— E existe um guardião da coroa branca? — perguntou ela.

— Nekhbet — Carter fez cara feia. — A deusa abutre. Não gosto muito dela, mas acho que vamos ter que impedir que seja devorada. Como Setne precisa da Coroa do Reino Alto, deve ir para o sul fazer o próximo ritual. É uma coisa meio simbólica.

— O alto normalmente não é o norte? — perguntei.

Sadie deu um sorriso.

— Ah, isso seria fácil *demais*. No Egito, o alto é o sul, porque o Nilo corre do sul para o norte.

— Que ótimo — falei. — E esse sul seria onde? Brooklyn? Antártida?

— Acho que o Setne não vai tão longe. — Carter se levantou e observou o horizonte. — Nosso quartel-general fica no Brooklyn. E imagino que Manhattan seja tipo a central dos deuses gregos? Um tempão atrás, nosso tio Amós deu a entender isso.

— Ah, é — confirmei. — O Monte Olimpo fica acima do Edifício Empire State, então...

— O Monte Olimpo... — Sadie ficou me olhando — fica em cima do... É claro. Por que não? Acho que meu irmão quer dizer que, se Setne quisesse estabelecer um novo núcleo de poder unindo o grego e o egípcio...

— Ele pensaria em algum lugar que ficasse entre o Brooklyn e Manhattan — completou Annabeth. — Como aqui mesmo, Governors Island.

— Exatamente — confirmou Carter. — Ele vai precisar conduzir o ritual da segunda coroa ao sul daqui, mas não precisa ser *muito* ao sul. Se eu fosse ele...

— Que bom que não é — comentei.

— ... ficaria aqui mesmo, em Governors Island. Estamos na ponta norte da ilha, então...

Olhei na direção sul.

— Alguém sabe o que tem na outra ponta?

— Eu nunca estive aqui — disse Annabeth. — Mas acho que tem uma área de piquenique.

— Que lindo. — Sadie ergueu o cajado. A ponta ardeu com um fogo branco. — Alguém a fim de fazer um piquenique na chuva?

— Setne é perigoso — disse Annabeth. — Não podemos simplesmente partir para cima dele. Precisamos de um plano.

— Ela tem razão — disse Carter.

— Eu até que gosto da ideia de partir para cima — falei. — Velocidade é fundamental, certo?

— *Obrigada* — murmurou Sadie.

— Inteligência *também* é fundamental — disse Annabeth.

— Exatamente — disse Carter. — Temos que pensar como atacar.

Sadie revirou os olhos.

— Como eu temia — disse, se dirigindo a mim. — Esses dois juntos... vamos morrer antes que eles terminem de pensar.

Eu tinha o mesmo pressentimento, mas Annabeth estava ficando com aquela expressão tempestuosa de irritação, e, como ela é minha *namorada*, achei melhor tentar um acordo:

— Que tal planejarmos enquanto caminhamos para o sul? — falei — Podemos andar bem devagar.

— Fechado — disse Carter.

Saindo do antigo forte, seguimos pela rua, passando por elegantes prédios de tijolo que deviam ter sido quartéis militares em outros tempos. Cruzamos campos de futebol encharcados. O temporal continuava, mas o guarda-chuva mágico de Sadie nos acompanhou, nos protegendo quase totalmente.

Annabeth e Carter compararam as anotações das pesquisas que tinham feito. Os dois falavam sobre Ptolomeu e sobre misturar as magias grega e egípcia.

Sadie não parecia interessada em estratégia. Com seu coturno, ia pulando de poça em poça, cantarolando baixinho, girando como uma criancinha e de vez em quando tirando coisas aleatórias da mochila: pequenos animais de cera, um pedaço de barbante, um giz, um saco amarelo de balas.

Ela me lembrava alguém...

Então entendi. Fisicamente, ela era uma versão mais jovem de Annabeth, mas a inquietação e a agitação eram a cara de... bem, a minha cara. Se Annabeth e eu tivéssemos uma filha, provavelmente seria bem parecida com Sadie.

Opa.

Não que eu já tenha sonhado com filhos. Quer dizer, se você namora alguém por mais de um ano, a ideia começa a surgir em algum ponto da sua mente, certo? Ainda assim... eu acabei de fazer dezessete anos. Não estou pronto para pensar tão seriamente nessas coisas. Além do mais, sou um semi-deus. Passo o dia ocupado tentando me manter vivo.

No entanto, ao olhar para Sadie, consegui me imaginar tendo, um dia,

uma garotinha que tivesse a cara de Annabeth e o meu jeito: uma linda semi-deusa que não parasse quieta, sempre pulando nas poças e esmagando monstros com camelos mágicos.

Eu devia estar encarando Sadie, porque ela me olhou de cara feia.

— Que foi?

— Nada — falei depressa.

Carter me cutucou.

— Você estava prestando atenção?

— Sim. Não. O quê?

Annabeth suspirou.

— Percy, explicar coisas para você é a mesma coisa que dar uma palestra para um porquinho-da-índia.

— Ei, Sabidinha, não começa.

— Deixa pra lá, Cabeça de Alga. Só estávamos dizendo que precisamos combinar nossos ataques.

— Combinar nossos ataques...

Bati no bolso, mas Contracorrente não tinha reaparecido. Eu não queria admitir que isso me deixava bastante nervoso.

Claro, eu tenho outros recursos. Consigo fazer ondas (literalmente) e, de vez em quando, conjurar um belo furacão. Mas minha espada era uma grande parte de mim. Sem Contracorrente, eu me sentia aleijado.

— Como vamos fazer isso?

Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Carter, deixando-o mais parecido com a irmã.

— Vamos fazer o feitiço se virar contra o feiticeiro. Setne está usando magia híbrida, unindo magia grega e egípcia, certo? Vamos fazer o mesmo.

Annabeth assentiu.

— Ataques ao estilo grego não vão funcionar. Você viu o que Setne fez com a sua espada. E Carter tem certeza de que feitiços egípcios comuns também não serão suficientes. Mas, se conseguirmos encontrar um jeito de unir nossos poderes...

— Você *sabe* fazer isso? — perguntei.

Os sapatos de Carter faziam barulho na lama.

— Bem... não exatamente.

— Ah, por favor — disse Sadie. — É *fácil*. Carter, dê sua varinha para o Percy.

— Por quê?

— Faça o que eu falei, irmãozinho querido. Annabeth, você se lembra de quando enfrentamos Serápis?

— Isso! — Os olhos de Annabeth se iluminaram. — Eu peguei a varinha da Sadie e a transformei em uma adaga de Bronze Celestial, como a minha antiga. E essa arma destruiu o cajado de Serápis. Talvez a gente consiga criar outra arma grega a partir de uma varinha egípcia. Boa ideia, Sadie.

— Viva. Sabe, eu não preciso passar horas fazendo planos e pesquisas para ser brilhante. Agora, Carter, por favor.

Assim que peguei a varinha, minha mão se contraiu como se eu estivesse segurando um cabo elétrico. Pontadas de dor subiram pelo meu braço. Tentei largar aquilo, mas não consegui. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— A propósito — disse Sadie — pode ser que doa um pouco.

— Obrigado por avisar. — Trinquei os dentes. — Mas foi um pouco tarde.

O bastão de marfim começou a fumar. Quando a fumaça se dispersou e a dor diminuiu, me peguei segurando, em vez da varinha, uma espada de Bronze Celestial que *definitivamente* não era Contracorrente.

— O que é isso? — perguntei. — É enorme.

Carter assobiou baixinho.

— Já vi algumas em museus. É uma *kopis*.

Ergui a espada. Como tantas que eu já tinha experimentado, eu sentia que não se encaixava nas minhas mãos. O cabo era pesado demais. A lâmina de um fio só tinha um estranho formato curvo, como um gancho gigantesco. Quando tentei dar um golpe no ar, quase perdi o equilíbrio.

— Esta não parece a sua — falei para Carter. — A sua não se chama *kopis*?

— A minha é uma *khopesh* — corrigiu Carter. — A versão original egípcia. O que você está segurando é uma *kopis*, a versão grega, adaptada da original egípcia. É o tipo de espada que os guerreiros de Ptolomeu usariam.

Olhei para Sadie.

— Ele está tentando me confundir?

— Não — respondeu ela, animada. — Ele causa confusão *sem* nem tentar.

Carter bateu com a palma da mão na testa.

— Não é possível que você não tenha entendido. Como pode...? Deixa pra lá. Percy, a questão é: você consegue lutar com essa espada?

Golpeei o ar novamente.

— Parece que estou usando um cutelo, mas vai ter que servir. E vocês, o que vão usar como arma?

Annabeth esfregou as contas de argila do colar, como geralmente faz enquanto pensa. Ela estava linda. Mas não vamos perder o foco.

— Sadie, aqueles feitiços de hieróglifos que você usou na Praia Rockaway... qual deles provocou a explosão? — perguntou ela.

— Chama-se... bem, na verdade não posso dizer a palavra sem fazer você explodir. Espere aí.

Sadie remexeu na mochila e pegou uma folha de papiro amarelado, um buril de escrita e um pote de tinta (acho que papel e caneta não seria muito egípcio). Então se ajoelhou e, usando a mochila como apoio improvisado, escreveu em letras normais: *HA-DI*.

— É um bom feitiço — concordou Carter. — Podemos mostrar o hieróglifo correspondente, mas, se você não souber falar as palavras de poder...

— Não precisa — interrompeu-o Annabeth. — Isso significa *explodir*?

— Mais ou menos — respondeu Sadie.

— E dá para escrever o hieróglifo em um pergaminho sem acionar o *cabum*?

— Dá, sim. O pergaminho guarda a magia para depois. Se você ler a palavra no papiro... bem, é ainda melhor. Mais *cabum* com menos esforço.

— Ótimo — disse Annabeth. — Você tem outro pedaço de papiro?

— Annabeth — falei — o que você vai fazer? Se está pensando em se meter com palavras explosivas...

— Relaxa. — disse ela — Eu sei o que estou fazendo. Acho.

Ela se ajoelhou ao lado de Sadie, que lhe deu uma nova folha de papiro.

Annabeth pegou o buril e escreveu, em grego antigo:

Κεραυνόω

Como sou disléxico, tenho sorte quando consigo reconhecer palavras na minha língua, mas, sendo semideus, meu cérebro tem o grego antigo meio que gravado no meu cérebro.

— *Ki-rau-nó* — pronunciei. — *Explosão*?

Annabeth respondeu com um sorriso malicioso.

— É o termo mais próximo em que consegui pensar. Literalmente, quer dizer *atacar com raios*.

— Aah — fez Sadie. — Adoro atacar coisas com raios.

Carter estava olhando para o papiro.

— Você acha que podemos invocar a palavra do grego antigo do mesmo jeito que fazemos com os hieróglifos?

— Podemos tentar — disse Annabeth. — Qual de vocês é melhor com

esse tipo de magia?

— Sadie — respondeu Carter. — Sou mais um mago de combate.

— Modo galinha gigante — lembrei.

— Cara, meu avatar é um *guerreiro com cabeça de falcão*.

— Ainda acho que você poderia conseguir patrocínio do KFC. Ganharia uma nota.

— Parem com isso, vocês dois. — Annabeth entregou o pergaminho a Sadie. — Carter, vamos trocar: eu experimento a sua *khopesh* e você experimenta o meu boné.

Ela jogou o boné para ele.

— Eu prefiro basquete, mas... — Carter colocou o boné e desapareceu.

— Uau. Legal. Estou invisível, não estou?

Sadie aplaudiu.

— Você nunca ficou tão bonito, irmãozinho querido.

— Engraçadinha.

— Se você conseguir se aproximar do Setne sem ser visto — disse Annabeth — pode pegá-lo de surpresa e tirar a coroa dele.

— Mas você disse que o Setne enxergou você mesmo sob o feitiço da invisibilidade — disse Carter.

— Isso foi *comigo*. — disse Annabeth — Uma grega usando um item mágico grego. Em você talvez funcione melhor. Ou ao menos de forma diferente.

— Vale a pena tentar, Carter. — falei — A única coisa melhor do que uma galinha gigante é uma galinha gigante invisível.

De repente, o chão começou a tremer.

Do outro lado dos campos de futebol, na direção do extremo sul da ilha, um brilho branco iluminou o horizonte.

— Isso não pode ser bom — disse Annabeth.

— Não — concordou Sadie. — Talvez seja melhor a gente partir para cima um pouco mais rápido.

Os abutres estavam fazendo a festa.

Depois de uma fileira de árvores, um campo enlameado se estendia até os limites da ilha. Na base de um pequeno farol havia algumas mesas de piquenique, como se estivessem ali embaixo para se abrigar. No porto, do outro lado do mar, a Estátua da Liberdade reluzia branca na tempestade, cercada por nuvens carregadas que se moviam como ondas na proa de um navio.

No meio da área de piquenique, seis enormes abutres pretos voavam em

círculos na chuva, orbitando ao redor de nosso amiguinho Setne.

O mago estava de roupa nova. Tinha colocado um paletó xadrez vermelho — para combinar com a cor da coroa, eu acho. A calça de seda cintilava, com uma estampa vermelha e preta. Para completar, garantindo um visual bem extravagante, mocassins todos cobertos de pedras brilhantes.

Ele desfilava de um lado para outro com o Livro de Thot, cantarolando um feitiço, exatamente como o tínhamos visto fazer no forte.

— Ele está invocando Nekhbet — murmurou Sadie. — Eu realmente não queria vê-la de novo.

— E que espécie de nome é esse? *Neckbutt!* — falei.

Sadie riu.

— Foi assim que *eu* a chamei na primeira vez que a vi. Mas ela *não* é muito legal. Possuiu minha avó, me perseguiu por Londres inteira...

— Então qual é o plano? — perguntou Carter. — Talvez um ataque pelos flancos?

— Ou podemos tentar distraí-lo... — disse Annabeth.

— Atacar! — exclamou Sadie, já partindo para a clareira, o cajado em uma das mãos e o pergaminho grego na outra.

Lancei um olhar sugestivo para Annabeth.

— Sua nova amiga é incrível.

E fui atrás de Sadie.

Meu plano era bem simples: avançar sobre Setne e matá-lo. Mesmo com aquela espada pesada, logo ultrapassei Sadie. Dois abutres mergulharam na minha direção, e cortei-os em pleno ar.

Eu estava a dois metros de Setne, imaginando a satisfação de parti-lo ao meio, quando ele se virou e me viu, e então sumiu. Minha espada golpeou o vazio.

Cambaleei, desequilibrado e zangado.

Três metros à minha esquerda, Sadie acertou um abutre com o cajado. A ave explodiu, virando pó branco. Annabeth correu na nossa direção, me olhando com aquela cara enfezada que dizia: *Se você morrer, eu te mato*. A posição de Carter, que estava invisível, era desconhecida.

Com um raio de fogo branco, Sadie explodiu outro abutre no céu. Os restantes se dispersaram na tempestade.

Sadie olhou em volta, à procura de Setne.

— *Cadê* aquele imbecil magrelo?

O imbecil magrelo apareceu bem atrás dela. Pronunciou uma única palavra

de seu pergaminho de surpresas detestáveis, e o chão explodiu.

Quando recuperei os sentidos, ainda estava de pé, o que era um pequeno milagre. A força do feitiço tinha me empurrado para longe de Setne, de forma que meus sapatos produziram dois profundos vãos na lama.

Levantei o rosto, mas não consegui entender o que estava vendo. O solo ao redor de Setne tinha se aberto, formando um buraco circular de um metro e meio de diâmetro. A terra que surgiu na erupção estava congelada no ar. Filetes de areia vermelha se enrolaram nas minhas pernas e roçaram no meu rosto ao serpentear em todas as direções. Era como se tivessem parado o tempo enquanto alguém secava lama avermelhada em um secador de saladas gigantesco.

Sadie estava caída no chão à minha esquerda, as pernas sob um cobertor de lama. Ela tentou, mas não conseguiu se soltar. O cajado estava fora de seu alcance. O pergaminho em sua mão tinha virado um trapo lamacento.

Dei um passo na direção dela, mas os filetes de areia me impediram de continuar.

Em algum lugar atrás de mim, Annabeth gritou meu nome. Eu me virei e a vi mais distante da zona de explosão. Estava tentando atacar, mas os filetes de terra a alcançaram e bloquearam seu caminho, se sacudindo como tentáculos de polvo.

Não se via Carter em lugar algum. Só me restava torcer para que não estivesse preso naquela teia idiota de terra flutuante.

— Setne! — gritei.

O mago limpou a terra das lapelas do paletó.

— Você *realmente* devia parar de me interromper, semideus. Sabe, originalmente a coroa *deshret* foi um presente dado pelo deus da terra, Geb, aos faraós. Por isso ela se defende com uma magia da terra que é sensacional!

Trinquei os dentes. Annabeth e eu tínhamos acabado de sair de uma batalha com Gaia, a Mãe Terra. Mais magia da terra era a *última* coisa de que eu precisava.

Sadie continuava tentando soltar as pernas da lama.

— Limpe toda essa lama agora mesmo, rapazinho — disse ela. — Depois nos dê essa coroa e vá para o seu quarto.

Os olhos do mago brilharam.

— Ah, Sadie... Sempre adorável. Cadê seu irmão? Eu o explodi sem querer? Você pode me agradecer depois, porque agora eu preciso continuar aqui as minhas coisas.

Ele nos deu as costas e voltou à leitura cantarolada.

O vento ficou mais forte. A chuva ao redor dele chicoteava o ar. Os filetes de areia flutuantes entraram em movimento como fumaça.

Consegui dar um passo à frente, mas era como tentar andar mergulhado em cimento molhado. Annabeth não estava tendo muito mais sorte que eu, e Sadie conseguiu soltar uma das pernas, mas ficou sem o coturno. Ela xingou mais do que meu amigo cavalo imortal Árion (o que não é pouca coisa).

O feitiço esquisito de Setne sobre a terra estava enfraquecendo, mas não rápido o bastante. Eu só tinha conseguido dar mais dois passos quando Setne terminou a declamação.

Uma nuvem de escuridão se ergueu na frente dele, assumindo a forma de uma mulher majestosa. Ela usava um vestido preto com rubis incrustados na gola, e a parte de cima de seus braços era adornada por aros dourados. Seu rosto tinha uma qualidade imperiosa e atemporal que aprendi a reconhecer. Significava: Sou uma deusa; lide com isso. Pousada em seu cabelo preto trançado havia uma coroa cônica branca, e não consegui deixar de me perguntar por que um ser imortal poderoso escolheria um adereço de cabeça no formato de um pino de boliche.

— Você! — rosnou ela para Setne.

— Eu! — confirmou ele. — É maravilhoso vê-la de novo, Nekhbet. Uma pena não termos tempo para bater um papo, mas é que não dá para deixar esses mortais presos para sempre. Vamos ter que ser rápidos. O *hedjet*, por favor.

A deusa abutre abriu os braços, que se tornaram enormes asas pretas. O ar ao redor dela ficou escuro como fumaça.

— Eu não me rendo a arrogantes como você. Sou a protetora da coroa, o escudo do faraó, o...

— Sim, sim — disse Setne. — Mas você já se rendeu várias vezes a arrogantes. A história do Egito é basicamente uma lista dos arrogantes aos quais você se rendeu. Então pode passar a coroa.

Eu não sabia que abutres sibilavam, mas Nekhbet fez exatamente isso. De sob as asas dela começou a sair fumaça.

Por toda a clareira, a magia de Setne se desfez. Os filetes de areia vermelha caíram no chão com um ressonante *ploft*, e de repente consegui me mexer de novo. Sadie se levantou, cambaleante. Annabeth foi correndo até mim.

Setne não parecia preocupado conosco.

Ele fez uma reverência debochada a Nekhbet.

— Impressionante. Mas veja isto!

Dessa vez ele não precisou ler no pergaminho ao gritar uma combinação de grego e egípcio. Reconheci as palavras do feitiço que ele lançara lá no forte.

Annabeth e eu nos olhamos prolongadamente. Percebi que estávamos pensando a mesma coisa: não podíamos deixar que Setne consumisse a deusa.

Sadie ergueu o papiro lamacento.

— Annabeth, você e Percy tirem Nekhbet daqui. VÃO!

Não havia tempo para discutir. Nós dois pulamos na deusa como jogadores de futebol americano e a empurramos campo afora, para longe de Setne.

Atrás de nós, Sadie gritou:

— *Ki-rau-nó!*

Não vi a explosão, mas deve ter sido impressionante.

Annabeth e eu fomos lançados para a frente e caímos em cima de Nekhbet, que soltou um grito indignado. (A propósito, não recomendo usar penas de abutre como enchimento de travesseiro. Não são muito confortáveis).

Consegui me levantar. O local onde víamos Setne por último tinha virado uma cratera fumegante.

O cabelo de Sadie estava chamuscado nas pontas, os olhos arregalados de surpresa. O pergaminho sumira.

— Foi demais! Eu acertei o maldito?

— Não! — respondeu Setne, reaparecendo a alguns poucos metros de nós, um pouco cambaleante e com as roupas fumegantes, mas parecendo mais atordoado do que atingido.

Ele se ajoelhou e pegou uma coisa cônica e branca... a coroa de Nekhbet, que devia ter caído quando nos lançamos sobre a deusa.

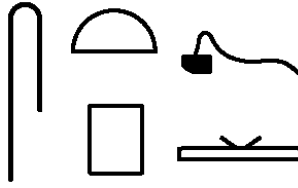
— Obrigado por isto — disse Setne, abrindo os braços em triunfo, a coroa branca em uma das mãos e o Livro de Thot na outra. — Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim! Consumindo vocês todos!

Do outro lado do campo, ouvi a voz de Carter:

— *STAHP!*

Acho que *stahp* é uma palavra em egípcio antigo. Como íamos saber?

Um hieróglifo azul cortou o ar, decependo a mão direita de Setne na altura do pulso.



O mago berrou de dor e o Livro de Thot caiu na grama.

A uns seis metros de mim, Carter apareceu do nada, segurando o boné de Annabeth. Não estava no modo galinha gigante, mas, tendo salvado nossas vidas, não seria eu a reclamar.

Setne olhou para o Livro de Thot, ainda na mão cortada, mas avancei de um pulo e encostei a ponta da espada embaixo do nariz dele.

— Nem pense nisso.

O mago rosnou.

— Pegue o livro, então! Não preciso mais dele!

E sumiu em um redemoinho de escuridão.

Caída no chão ao meu lado, a deusa abutre se debateu e empurrou Annabeth para o lado.

— Saia de cima de mim!

— Minha senhora... — disse Annabeth, se levantando — eu estava tentando impedir que você fosse devorada. Não tem de quê, viu?

A deusa abutre ficou de pé.

Sem a coroa, ela não causava tanta impressão. Seu penteado tinha virado uma salada de lama e grama; seu vestido preto, uma capa de penas. Ela parecia murcha e encolhida, o pescoço projetado como... bem, como o de um abutre. Só faltava o cartaz pedindo UMA AJUDA POR CARIDADE. Eu teria dado uns trocados na mesma hora.

— Crianças desprezíveis — resmungou ela. — Eu poderia ter destruído aquele mago!

— Não exatamente — retruquei. — Alguns minutos atrás, vimos Setne consumir uma deusa naja. E ela tinha muito mais presença que você.

Nekhbet apertou os olhos.

— Era a Wadjet? Ele absorveu a *Wadjet*? Me contem tudo.

Carter e Sadie se aproximaram enquanto contávamos à deusa o que tinha acontecido até ali.

Quando terminamos, Nekhbet gritou de fúria.

— Isso é inaceitável! Wadjet e eu éramos os símbolos da união no Egito Antigo. Éramos reverenciadas como as Duas Senhoras! Aquele arrogante do

Setne roubou minha outra Senhora!

— Bom, ele não pegou você — disse Sadie. — Imagino que seja uma coisa boa.

Nekhetbete arrepanhou os dentes, que eram pontudos e vermelhos como uma fileira de biquinhos de abutre.

— Vocês... os *Kane*. Eu devia ter imaginado que estariam envolvidos nisso. Sempre se metendo nos assuntos dos deuses.

— Ah, então agora é culpa *nossa*? — Sadie ergueu o cajado. — Escuta aqui, bafo de abutre...

— Vamos manter o foco — interveio Carter. — Pelo menos pegamos o Livro de Thot. E impedimos que Setne devorasse Nekhetbete. Qual será o próximo passo de Setne e como podemos impedi-lo?

— Ele está com as duas partes do *pschent*! — disse a deusa abutre. — Sem minha essência, a coroa branca não tem tanto poder, é verdade, mas ainda serve para os propósitos de Setne. Ele só precisa completar a cerimônia de endeusamento usando a coroa de Ptolomeu, e aí vai virar um deus. Eu *odeio* quando mortais viram deuses! Sempre querendo tronos, sempre construindo palácios cafonas e espalhafatosos. Não respeitam as regras do salão dos deuses.

— Salão dos deuses? — perguntei.

— Temos que impedi-lo! — gritou Nekhetbete.

Sadie, Carter, Annabeth e eu nos entreolhamos, inquietos. Normalmente, quando um deus diz *temos que impedi-lo*, quer dizer *vocês têm que impedi-lo enquanto eu espero aqui, tomando uma bebida gelada*. Se bem que Nekhetbete parecia realmente disposta a tomar parte na ação.

Não que isso tenha me deixado menos nervoso. Sempre evito me associar com deusas que comem carcaças de animais. É um dos meus princípios.

Carter se ajoelhou junto à mão decepada de Setne e pegou o Livro de Thot.

— Podemos usar o pergaminho? Isso aqui tem magia poderosa.

— Se fosse verdade. — disse Annabeth — por que Setne o deixaria para trás? Achei que fosse essencial para ele conquistar a imortalidade.

— Ele disse que já tinha acabado de usar — lembrei. — Acho que passou na prova e jogou fora as anotações.

Annabeth fez uma cara horrorizada.

— Ficou maluco? Você joga fora as anotações depois de uma prova?

— Não é o que todo mundo faz, Srta. Gênia?

— Pessoal! — interrompeu Sadie. — É uma fofura ver vocês dois brigando, mas temos coisas a fazer. — Ela se virou para Nekhbet. — Agora, Vossa Alteza da Carniça, diga se há alguma forma de determos Setne.

Nekhbet encolheu as unhas dos pés em formas de garras.

— Talvez. Ele ainda não é um deus completo. Mas, sem minha coroa, meus poderes ficam muito reduzidos.

— E o Livro de Thot? — perguntou Sadie. — Pode não ter mais uso para Setne, mas nos *ajudou* a derrotar Apófis.

Ao ouvir o nome, Nekhbet ficou pálida. Três penas caíram do vestido dela.

— Por favor, não me lembrem dessa batalha. Mas você tem razão. O Livro de Thot contém um feitiço para aprisionar deuses. Seria preciso muita concentração e preparação...

Carter tossiu.

— Acho que o Setne não ficaria esperando quietinho enquanto a gente se prepara.

— Não — concordou Nekhbet. — Seria preciso pelo menos três de vocês para montar uma boa armadilha. Desenhar um círculo, encantar uma corda, consagrar a terra... E as outras partes do feitiço teriam que ser improvisadas. Odeio magia ptolomaica e acho uma abominação misturar poderes gregos e egípcios, mas...

— Funciona — completou Annabeth. — Carter conseguiu se manter invisível com o meu boné. E o pergaminho de explosão de Sadie deixou Setne atordoado, pelo menos.

— Vamos precisar de mais do que isso — disse Sadie.

— Sim... — A deusa abutre me encarou como se eu fosse um delicioso gambá atropelado na beira da estrada. — Um de vocês vai ter que lutar com Setne e mantê-lo desequilibrado enquanto os outros preparam a armadilha. Precisamos de um ataque híbrido muito potente. Uma abominação que nem Ptolomeu aprovaria.

— Por que está olhando para mim? — perguntei. — Eu não sou abominável.

— Você é filho de Poseidon — observou a deusa. — Seria uma combinação inesperada.

— Combinação? O que...?

— Ah, não, não, não. — Sadie levantou as mãos. Parecia horrorizada, e, se a ideia da deusa assustava *aquela* garota, eu não queria saber o que era. —

Nekhet, você não pode estar falando sério. Quer que um semideus hospede você? Ele nem mago é. Não tem sangue de faraós!

Carter fez uma careta.

— Essa é a ideia, Sadie. Percy não é o tipo comum de hospedeiro. Se o pareamento funcionar, ele pode torná-lo muito poderoso.

— Ou pode derreter o cérebro dele! — disse Sadie.

— Esperem — interveio Annabeth. — Prefiro meu namorado com cérebro não derretido. Do que exatamente estamos falando?

Carter balançou o boné dos Yankees na minha frente.

— Nekhet quer que Percy seja hospedeiro dela. É um recurso que os deuses egípcios usam para marcar presença no mundo mortal. Eles podem habitar corpos mortais.

Meu estômago deu um nó.

— Você quer que *ela* — aponte para a deusa abutre desganhada — me *habite*? Isso me soa meio...

Tentei pensar em uma palavra que transmitisse minha repulsa sem ofender a deusa. Mas não consegui.

Annabeth deu um passo à frente.

— Nekhet — disse ela — Junte-se a mim. Sou filha de Atena. Posso ser melhor no...

— Ridículo! — A deusa fez um ruído de deboche. — Sua mente é muito engenhosa, garota. Teimosa e inteligente demais. Eu teria dificuldade em guiar você.

— Me *guiar*? — protestei. — Minha senhora, eu não sou um carro.

— Meu hospedeiro precisa ter certo nível de simplicidade — continuou a deusa. — Percy Jackson é perfeito. Ele é poderoso, mas não tem a mente lotada de planos e ideias.

— Uau. — falei — Quanto amor.

Nekhet se aproximou de mim.

— Não temos tempo para discussão! Sem uma âncora física, não posso continuar por muito mais tempo no mundo mortal. Se vocês querem deter Setne, precisam do poder de um deus. Temos que agir *agora*. Juntos, triunfaremos! Vamos fazer um banquete com a carcaça daquele mago metido a besta!

Engoli em seco.

— Na verdade, estou tentando reduzir as carcaças na minha dieta.

Carter me lançou um olhar simpático que só fez com que eu me sentisse pior.

— Infelizmente, Nekhbet tem razão, Percy. Você é nossa melhor chance. Sadie e eu não poderíamos hospedá-la nem se ela quisesse. Já temos deuses patronos.

— Que ficaram quietinhos na deles. Muito conveniente — comentou Sadie. — Devem estar com medo de terem a essência sugada.

Nekhbet voltou a me encarar com seus olhos pretos brilhantes.

— Você consente em me hospedar, semideus?

Eu conseguia pensar em mil e uma maneiras de dizer não, mas a palavra sim não saía pela minha garganta de jeito nenhum. Olhei para Annabeth em busca de apoio, mas ela parecia tão tensa quanto eu.

— Eu não... não sei não, Percy — confessou ela. — Isso está *muito* além do que eu consigo avaliar.

De repente, a chuva rareou até parar. No sombrio e abafado silêncio que se seguiu, um brilho vermelho iluminou o centro da ilha, como se alguém tivesse acabado de acender uma fogueira na área dos campos de futebol.

— Lá está Setne — disse Nekhbet. — A ascensão a deus começou. Qual é a sua resposta, Percy Jackson? Só vai funcionar se você me der seu consentimento.

Respirei fundo. Tentei me convencer de que hospedar uma deusa não podia ser pior do que todas as outras coisas estranhas e horríveis que eu já tinha vivenciado em minha trajetória como semideus... Além do mais, meus amigos precisavam da minha ajuda. E eu não queria que aquele sócia do Elvis magrelo se tornasse deus e construísse um palácio ridículo no meu bairro.

— Tudo bem — falei. — Pode me abutririzar.

Nekhbet se dissolveu em uma névoa preta, que serpenteou ao redor do meu corpo e encheu minhas narinas com um cheiro que parecia piche fervente.

Como é se fundir a um deus?

Se quiser os detalhes completos, acesse meu blog para ler a resenha que fiz. Não tenho a menor vontade de passar por isso de novo. Dei meia estrela para a experiência.

Por enquanto, vamos dizer apenas que ser possuído por uma deusa abutre foi ainda mais perturbador do que eu tinha imaginado.

Milhares de anos de lembranças vieram à minha mente em uma onda. Vi pirâmides se erguendo no deserto, com o sol cintilando no rio Nilo. Ouvi sacerdotes entoando cânticos à sombra fresca de um templo e senti o cheiro de incenso de mirra no ar. Sobrevoei as cidades do Egito Antigo, contornando

o palácio do faraó. Fui a deusa abutre Nekhbet – protetora do rei, escudo dos fortes, terror dos fracos e moribundos.

Eu também tinha um desejo ardente de encontrar uma bela e quente carcaça de hiena, de enfiar a cara no animal e...

Ok, basicamente eu não era mais eu mesmo.

Tentei me concentrar no presente. Olhei para os meus sapatos... era o mesmo velho par de Brooks, com cadarço amarelo no pé esquerdo e preto no direito. Levantei o braço que segurava a espada, para ter certeza de que ainda conseguia controlar meus músculos.

Relaxe, semideus, ouvi a voz de Nekhbet em minha mente. *Deixe que eu assuma o comando.*

— Não mesmo — falei. Foi um alívio ver que minha voz continuava a mesma. — Ou fazemos isso juntos, ou não fazemos.

— Percy? — chamou Annabeth. — Você está bem?

Olhar para ela foi desorientador. A parte “Percy” de mim via minha namorada linda de sempre. A parte “Nekhbet” via uma jovem cercada de uma poderosa aura ultravioleta, a marca de um semideus grego. A visão me encheu de desprezo e medo. (Para deixar registrado: sinto um medo saudável de Annabeth. Ela me deu uma surra em mais de uma ocasião. Mas desprezo? Não mesmo. Isso vinha só de Nekhbet).

— Estou bem — respondi. — Eu estava falando com o abutre na minha cabeça.

Carter andou ao meu redor, franzindo a testa como se eu fosse uma escultura abstrata.

— Percy, tente um equilíbrio. Não deixe que ela o domine, mas também não resista. É como naquela brincadeira em que duas pessoas correm com uma das pernas amarrada na da outra. As duas têm que conseguir um ritmo juntas.

— Mas, se tiver que escolher — completou Sadie — dá um nocaute nela e fica você no controle.

— Garota idiota! — rosnei. — Não venha me dizer o que... — Mas logo me obriguei a parar de falar. Senti um gosto podre na boca. — Desculpa, Sadie — consegui dizer. — Era Nekhbet falando, não eu.

— Eu sei. — A expressão de Sadie ficou tensa. — Seria bom se tivéssemos mais tempo para você se acostumar a hospedar uma deusa, mas...

Outra luz vermelha eclodiu, iluminando as copas das árvores.

— Quanto mais cedo eu tirar essa deusa da minha cabeça, melhor — falei.

— Vamos lá quebrar a cara do Setne.

Setne realmente não conseguia se decidir por um figurino.

Ele estava andando pelo campo de futebol com uma calça preta boca de sino, uma camisa branca com babados e um sobretudo roxo purpurinado – e, para completar, a recém-montada coroa vermelha e branca. Parecia o Prince na foto que eu vira em uma das capas dos discos antigos da minha mãe, e, a julgar pelas luzes mágicas girando ao redor, Setne estava se preparando para uma festa como se fosse 1999 a.C.

Ele não parecia incomodado por agora ter apenas uma das mãos. Balançava no ar o cotoco como um maestro, entoando dizeres em grego e egípcio. Enquanto isso, uma névoa branca surgia aos pés dele e explosões de luz dançavam ao redor, como se mil crianças estivessem escrevendo seus nomes no ar com faíscas.

Eu não entendia o que estava vendo, mas Nekhbet entendia. Com a visão dela, reconheci o Duat, a dimensão mágica que existe abaixo do reino mortal. Vi camadas de realidade, como um subsolo de geleia cintilante e multicolorida, mergulhando até o infinito. Na superfície, onde os mundos mortal e imortal se encontram, Setne estava transformando o Duat em tempestade – ondas revoltas de cor e nuvens brancas de fumaça.

Annabeth já tinha me contado como fora assustador ver o Duat em sua aventura na Praia Rockaway. Ela se perguntava se o Duat egípcio tinha alguma relação com o conceito grego de Névoa, o véu mágico que impede os mortais de reconhecerem deuses e monstros.

Com Nekhbet em minha mente, eu soube a resposta. É claro que havia uma relação com a Névoa, que é apenas um nome grego para a camada superior entre os mundos – a camada que Setne estava destruindo naquele momento.

Eu deveria ter ficado apavorado. Ver o mundo em todas as suas camadas infinitas era suficiente para dar tontura em qualquer um.

Mas eu já tinha sido largado em oceanos. Estava acostumado a me ver em profundezas, rodeado por camadas termais infinitas.

Além do mais, Nekhbet não se impressionava com facilidade. Ela já tinha visto de tudo ao longo dos milênios. Sua mente era tão fria e seca quanto o vento que sopra no deserto à noite. Para ela, o mundo mortal era um terreno baldio em constante mutação, pontilhado de carcaças de homens e suas civilizações. Nada durava. Tudo era algo esperando para morrer. Quanto ao

Duat, sempre era agitado e emitia plumas de magia como raios de sol no mundo mortal.

Mesmo assim, porém, nós dois ficamos perturbados ao ver como o feitiço de Setne dilacerava a Névoa. Ele não a estava apenas manipulando. Magos fazem isso o tempo todo. Setne estava abrindo camadas no Duat. Onde quer que ele pisasse, fragmentos se irradiavam, abrindo as camadas do reino mágico. Seu corpo sugava energia de todas as direções e destruía os limites entre o Duat e o mundo mortal, entre a magia grega e a egípcia, transformando-o lentamente em imortal. No processo, ele estava abrindo na ordem cósmica um buraco que talvez nunca se fechasse.

A magia dele nos puxou, Nekhbet e eu, clamando que nos entregássemos e fôssemos absorvidos pela nova forma gloriosa de Setne.

Eu não queria ser absorvido. Nem a deusa abutre. Assim, nosso propósito comum nos ajudou a resistir juntos.

Atravessei o campo. Sadie e Annabeth vinham à direita, mais distantes. Supus que Carter estivesse em algum ponto à minha esquerda, mas ele estava invisível de novo, então não dava para saber. Como eu não conseguia detectá-lo, nem com os sentidos de superabutre de Nekhbet, tive esperanças de que Setne também não conseguisse.

Talvez, se eu mantivesse Setne ocupado, Carter conseguisse cortar a outra mão dele. Ou as pernas. Ou até a cabeça — pontos de bônus, nesse caso.

Setne parou de entoar quando me viu.

— Maravilha! — Ele sorriu. — Você trouxe o abutre. Obrigado!

Não era a reação que eu esperava. Continuo esperando o dia em que o vilão vai me ver e gritar: *Desisto!* Mas ainda não aconteceu.

— Solte a coroa, Setne. — Levantei a *kopis*, que eu já não achava mais tão pesada agora que contava com o poder de Nekhbet. — Renda-se e talvez saia vivo disso. Senão...

— Ah, parabéns! Muito ameaçador! E suas amigas aqui... Já sei: você me mantém ocupado enquanto elas montam uma armadilha incrível para prender o novo deus?

— Você ainda não é um deus.

Ele abanou a mão com desprezo.

— Imagino que Carter também esteja por aqui, se achando muito furtivo com a invisibilidade, não? Oi, Carter!

Se Carter estava por perto, não respondeu. Garoto esperto.

Setne ergueu o pulso-cotoco.

— Onde quer que você esteja, Carter, saiba que fiquei impressionado com o feitiço de cortar a mão. Seu pai ficaria orgulhoso. É isso que importa para você, não é? Deixar seu pai orgulhoso? Mas pense no que seria possível se você se aliasse a mim. Vou mudar as regras do jogo. Poderíamos trazer seu pai de volta à vida; e estou falando da vida de *verdade*, não aquela horrível meia-vida que ele tem no Mundo Inferior. Tudo será possível quando eu for deus!

A Névoa envolveu o pulso de Setne e se solidificou na forma de uma nova mão.

— O que me diz, Carter?

O ar acima do mago cintilou. Então um punho azul gigantesco, do tamanho de uma geladeira, apareceu sobre a cabeça de Setne e, com um soco, o cravou no chão como se ele fosse um prego em madeira macia.

— Minha resposta é não. — Carter apareceu do outro lado do campo, com o boné dos Yankees na mão.

Olhei para a coroa de Ptolomeu, que era a única parte de Setne ainda visível acima do chão.

— Era para você esperar — falei. — Montar a armadilha. Eu ia cuidar do Setne.

Carter deu de ombros.

— Ele não devia ter falado do meu pai.

— Esqueçam isso! — interveio Annabeth. — Peguem a coroa!

Ela tinha razão. Eu teria entrado em ação, mas Nekhbet e eu tivemos um momento de paralisia. A deusa queria seu chapéu de volta, mas, quando dei uma olhada no brilho esquisito que emanava da coroa, lembrei que a deusa naja tinha sido devorada e decidi não tocar naquela coroa sem luvas de látex e talvez um traje de segurança.

Antes que Nekhbet e eu pudéssemos resolver nossas diferenças, a terra tremeu.

Setne se ergueu do chão como se estivesse sobre uma plataforma elevatória e olhou com raiva para Carter.

— Eu faço uma proposta perfeitamente justa e você me bate com um punho gigante? Talvez seu pai não sentisse orgulho nenhum, no fim das contas.

O rosto de Carter se contorceu. Seu corpo todo brilhou, emitindo uma luz azul. Ele levitou do chão como se um avatar de Hórus tivesse tomado forma ao seu redor.

Setne não pareceu preocupado. Fez um sinal de *venha cá* com os dedos recém-crescidos, e o avatar de Carter se estilhaçou. A luz azul girou na direção de Setne e foi engolida pela aura crescente. Carter desabou, imóvel, no chão molhado.

— SETNE! — gritou Sadie, erguendo o cajado. — Venha me pegar, sua doninha maldita!

Ela lançou um raio de fogo branco, mas Setne o capturou no peito e absorveu a energia.

— Sadie, meu bem — disse ele, meloso — não fique com raiva. Carter sempre foi o irmão *chato*. Na verdade, eu não queria dar vida eterna a ele. Mas você... por que não vem trabalhar comigo, hein? Podemos nos divertir muito! Quebrar o universo todo, destruir tudo que der vontade!

— Isso... isso não é justo — disse Sadie, com a voz trêmula. — Tentar me conquistar com a proposta da destruição.

Ela usava o tom atrevido de sempre, mas seus olhos estavam fixos em Carter, que continuava imóvel.

Eu sabia que precisava fazer alguma coisa. Tínhamos um plano... mas eu não conseguia lembrar qual era. A deusa abutre na minha cabeça estava voando em círculos no piloto automático. Até Annabeth parecia ter dificuldade para se concentrar. Estar tão próximo de Setne era como ficar perto de uma cachoeira. O ruído obliterava todo o resto.

— Sabe — continuou Setne, como se estivessemos planejando uma festa juntos — acho que esta ilha vai ser perfeita. Meu palácio vai ficar bem aqui, no novo centro do universo!

— Um campo de futebol cheio de lama — comentou Annabeth.

— Ah, deixa disso, filha de Atena! Sei que você consegue ver as possibilidades. Aquele velho tolo do Serápis teve a ideia certa: juntar toda a sabedoria da Grécia e do Egito em um lugar só e usar esse poder para governar o mundo! Só que Serápis não tinha a minha visão. Eu vou consumir os antigos templos, de Zeus, de Osíris, de todas essas divindades decrépitas. Quem precisa delas? Vou pegar os pedaços úteis de cada um deles. Vou me tornar o chefe de uma nova raça de deuses. Humanos de todo o mundo virão até aqui para me fazer oferendas e comprar lembrancinhas.

— Lembrancinhas? — falei. — Você quer a imortalidade para vender camisetas?

— E globos de neve! — Setne ficou com o olhar perdido de quem sonha acordado. — Adoro globos de neve. Enfim: tem espaço para mais de um novo

deus. Sadie Kane, você seria perfeita. Sei que adora quebrar regras. Vamos *quebrar todas!* E seus amigos podem vir com a gente!

Carter gemeu e começou a se mexer.

Setne olhou para trás com repulsa.

— Ainda não morreu? Garoto durão. Bem... acho que podemos incluí-lo nos nossos planos. Mas se você preferir, Sadie, é claro que posso acabar com ele.

Sadie soltou um grito gutural. Ela disparou, mas Annabeth a segurou pelo braço.

— Lute com inteligência. — disse Annabeth — Não com raiva.

— Faz sentido — disse Sadie, embora seus braços ainda tremessem de fúria. — Mas vou lutar com as duas coisas.

Ela abriu o Livro de Thot.

Setne só riu.

— Sadie, querida, eu sei anular todos os feitiços desse livro.

— Você não vai vencer — insistiu Sadie. — Não vai tirar mais nada de ninguém!

Ela começou a entoar os dizeres. Annabeth ergueu a *khopesh* emprestado, preparando-se para defendê-la.

— Ah, tudo bem, então. — Setne suspirou. — Imagino que você queira isto de volta, então.

O corpo de Setne começou a brilhar. Graças a Nekhbet, percebi o que aconteceria uma fração de segundo antes de acontecer, e foi isso que salvou nossas vidas.

Carter estava tentando se levantar quando gritei:

— ABAIXEM-SE!

Ele desabou como um saco de pedras.

Um anel de fogo eclodiu de Setne.

Larguei a espada e me joguei na frente das garotas, abrindo os braços como um goleiro. Um domo de luz roxa me cercou, e as chamas cruzaram inofensivamente as asas transparentes que agora se abriam dos meus dois lados. Com meus novos acessórios, eu tinha conseguido proteger Sadie e Annabeth do pior da explosão.

Baixei os braços, e as asas gigantescas se encolheram. Meus pés, flutuando pouco acima do chão, estavam agora dentro de enormes pernas fantasmagóricas com três dedos compridos e garras de pássaro.

Quando percebi que estava pairando no centro de um abutre gigantesco e

brilhante, meu primeiro pensamento foi: *Carter vai me zoar para sempre por causa disso.*

Meu segundo pensamento foi: *Pelos deuses! Carter!*

Sadie deve tê-lo visto na mesma hora que eu, porque deu um grito.

O fogo tinha enegrecido o campo todo e transformado a lama instantaneamente em argila rachada e fumegante. A Névoa e as luzes mágicas tinham sido desfeitas. Minha nova espada era uma barra de bronze fumegante no chão. Carter continuava caído no mesmo lugar, envolto em fumaça, o cabelo chamuscado, o rosto vermelho e coberto de bolhas.

Temi pelo pior. Mas vi seus dedos se mexerem. Ele gemeu, um som que parecia “Gug”, e então consegui respirar de novo.

— Graças aos deuses — ouvi Annabeth dizer.

Setne bateu as cinzas do sobretudo roxo.

— Podem agradecer aos deuses se quiserem, mas eles não vão existir por muito mais tempo. Daqui a alguns minutos, a magia que iniciei será irreversível. Agora, Percy, saia desse avatar idiota antes que eu o arranque de você. E você, Sadie, sugiro que me dê o Livro de Thot antes que se machuque. Não há nenhum feitiço aí que você possa usar para me machucar.

Sadie deu um passo à frente. Seu cabelo com mechas laranja balançava ao vento ao redor do rosto. Seus olhos assumiram uma expressão fria como aço, o que a deixou ainda mais parecida com uma versão mais jovem de Annabeth.

— Nenhum feitiço que *eu* possa usar — repetiu Sadie. — Mas eu tenho amigos.

Ela entregou o Livro de Thot a Annabeth, que ficou sem saber como reagir, surpresa.

— Hã... Sadie?

Setne deu uma risada.

— O que *ela* vai fazer? A garota pode ser inteligente, mas não sabe ler egípcio antigo.

Sadie segurou o braço de Annabeth.

— Srta. Chase — disse ela, com formalidade — tenho uma palavra para você.

Ela então se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Annabeth.

O rosto de Annabeth se transformou. Eu só a tinha visto uma vez antes com uma expressão assim, de puro assombro: quando vira os palácios dos deuses no Monte Olimpo.

Sadie se virou para mim.

— Percy... Annabeth tem um trabalho a fazer. Preciso cuidar do meu irmão. Por que você não mantém nosso amigo Setne entretido?

Annabeth abriu o pergaminho e começou a ler em voz alta em egípcio antigo. Hieróglifos cintilantes saíram flutuando do papiro, girando no ar ao redor dela, misturando-se com palavras gregas, como se Annabeth estivesse acrescentando os próprios comentários ao feitiço.

Setne parecia ainda mais surpreso do que eu. Um som estrangulado saiu do fundo da sua garganta.

— Isso não é... Esperem aí. Não!

Ele levantou os braços para provocar um contrafeitiço. A coroa começou a brilhar.

Eu precisava me mexer, mas Nekhbet não estava ajudando: concentrara-se demais em Carter, pois ele cheirava a um delicioso churrasquinho.

Aquele ali é fraco, murmurou ela na minha mente. Vai morrer logo. Os fracos devem morrer.

A raiva me deu forças. Carter Kane era meu amigo, e eu não ficaria parado vendo meu amigo morrer.

Mexa-se, falei para Nekhbet. E assumi o controle do avatar de abutre.

Antes que Setne pudesse terminar o feitiço, agarrei-o com minhas garras espectrais e o carreguei para o céu.

Vejam bem... eu vivo e respiro esquisitices. Faz parte da vida de um semideus. Mas até hoje ainda há momentos em que paro e tenho dificuldade de acreditar no que está acontecendo. Por exemplo, quando me vejo voando dentro de um abutre brilhoso e gigante, batendo os braços para controlar asas invisíveis, levando nas garras um mago quase imortal... tudo isso só para roubar o chapéu dele.

E o chapéu não saía de jeito nenhum.

Subi em espiral na tempestade, sacudindo Setne na tentativa de derrubar a coroa da cabeça dele, mas o sujeito devia tê-la prendido no topete com supercola.

Ele disparou fogo e luzes em mim. Meu exoesqueleto de ave defendeu os ataques, mas aos poucos o avatar foi ficando roxo e se apagando, minhas asas parecendo mais e mais pesadas.

— Percy Jackson! — gritou Setne, se contorcendo. — Isso é perda de tempo!

Não me dei ao trabalho de responder. O esforço do combate estava cobrando seu preço depressa. Da primeira vez que encontrei Carter, ele me avisou que a magia podia destruir um mago se ele usasse muita de uma vez só. Concluí que isso devia se aplicar a semideuses também. Cada vez que Setne disparava em mim ou tentava se soltar usando sua força de quase-deus, minha cabeça latejava. Minha visão ficava mais fraca. Não demorou muito e me vi encharcado de suor.

Só podia torcer para que Sadie estivesse ajudando o irmão. E que Annabeth estivesse terminando o feitiço esquisito para conseguirmos prender Setne, porque eu não podia ficar no ar por muito mais tempo.

Atravessamos o topo da camada de nuvens. Setne parou de se debater, o que me surpreendeu tanto que quase o deixei cair. Um frio começou a se espalhar pelo meu avatar de abutre, gelando minhas roupas molhadas, me encharcando até os ossos. Era um tipo mais sutil de ataque, que procurava fraquezas, e eu sabia que não podia me entregar. Apertei o peito de Setne com mais força com meus pés de abutre, tentando esmagá-lo.

— Percy, Percy... — disse ele, como se fôssemos dois amigos do peito em uma noitada. — Você não vê que oportunidade incrível isto é? Um *recomeço* perfeito. Você, especialmente você, devia valorizar essa oportunidade. Os olímpianos uma vez lhe ofereceram seu presente mais valioso. Ofereceram tornar você um deus, não foi? E você, seu idiota adorável, recusou! Agora é sua chance de corrigir esse erro.

Meu avatar tremeu e piscou como uma lâmpada fluorescente com defeito. Nekhbet, minha colega de cérebro, voltou a atenção para dentro de si.

Você recusou a imortalidade? A voz dela transmitia incredulidade, como se ofendida.

Ela vasculhou minhas lembranças. Vi meu passado pelo ponto de vista seco e cínico dela: eu estava na sala do trono do Monte Olimpo depois da guerra contra os titãs. Zeus me ofereceu um prêmio: ser deus. Eu recusei. Eu queria justiça para os outros semideuses. Queria que os deuses parassem de ser cretinos e prestassem atenção aos filhos.

Foi um pedido idiota. Uma coisa ingênua de se desejar. Eu abri mão de poder. *Nunca* se abre mão de poder.

Eu lutava para continuar segurando Setne.

— Nekhbet, esses são os *seus* pensamentos, não os meus. Eu fiz a escolha certa.

Então você é estúpido, sibilou a deusa abutre.

— É, amigo — disse Setne, que aparentemente tinha ouvido. — Tenho que concordar com Nekhbet quanto a isso. Você fez o que era nobre. Mas como acabou essa história? Os deuses cumpriram as promessas?

Não tinha como separar a amargura de Nekhbet dos meus sentimentos. Claro, eu reclamava dos deuses o tempo todo, mas nunca lamentei minha decisão de permanecer mortal. Eu tinha namorada. Tinha família. Tinha a vida toda pela frente — supondo que conseguisse ficar vivo.

Agora... talvez fosse só Nekhbet na minha cabeça, ou Setne mexendo comigo, mas começava a me perguntar se tinha feito uma grande burrada.

— Eu entendo, garoto — disse Setne, cheio de pena. — Os deuses são sua família. Você quer acreditar que eles são bons. Quer que sintam orgulho de você. Eu sentia o mesmo em relação à *minha* família. Meu pai foi Ramsés, o Grande, você sabe.

Eu estava planando preguiçosamente agora, ainda em círculos, a asa esquerda cortando o alto das nuvens carregadas de tempestade. A coroa de Setne brilhou com mais intensidade e sua aura foi ficando mais fria, entorpecendo meus braços e pernas e fazendo meus pensamentos se arrastarem. Eu sabia que as coisas estavam ficando feias, mas não sabia o que fazer.

— É difícil ter um pai poderoso — prosseguiu Setne. — Ramsés era o faraó, claro, então geralmente hospedava o deus Hórus. Isso o deixou distante, para dizer o mínimo. Eu só conseguia pensar que, *se tomasse as decisões certas e provasse que era um bom garoto, ele acabaria reparando em mim, me trataria do jeito que eu merecia*. Mas a questão é que os deuses não ligam para os mortais, nem para os filhos. Olhe na mente do abutre, se não acreditar em mim. Você pode ser um bom menino, agir nobremente... mas isso só faz com que seja mais fácil para os deuses ignorar você. A única forma de conquistar o respeito deles é partindo pra ação, sendo mau e tomando à força o que você quer!

Nekhbet não tentou me convencer do contrário. Ela era a deusa protetora dos faraós, mas não se importava com eles como pessoas. Importava-se em conservar o poder do Egito, que, por sua vez, mantinha viva a adoração aos deuses. Ela não se importava com atos nobres, nem com justiça. Para ela, só os fracos exigem justiça. Os fracos são carcaças esperando para morrer, apertivos no longo jantar da vida eterna de Nekhbet.

— Você é um bom garoto — disse Setne. — Bem mais legal do que a deusa que está tentando hospedar. Mas precisa enxergar a verdade. Devia ter aceitado a oferta de Zeus. Seria um deus agora, teria força para *executar* as mudanças que pediu!

Força é bom, concordou Nekhbet. Imortalidade é bom.

— Estou lhe dando uma segunda chance — prosseguiu Setne. — Me ajude, Percy. Torne-se um deus.

Emborcamos no ar quando a consciência de Nekhbet se separou da minha. Ela tinha esquecido qual de nós era o inimigo. Nekhbet favorecia os fortes, e Setne era forte. Eu era fraco.

Então me lembrei de como Setne estava tirando as camadas do Duat, abrindo fissuras na realidade, destruindo a ordem cósmica inteira para se tornar imortal.

Vou pegar os pedaços úteis de cada um deles, dissera ele para Sadie.

Meus pensamentos finalmente clarearam. Eu entendi como Setne operava, como tinha nos vencido até o momento.

— Você está procurando um jeito de entrar na minha mente — falei. — Alguma coisa que possa compreender e usar contra mim. Mas não sou como você. Eu não *quero* a imortalidade, muito menos se isso causar a destruição do mundo.

Setne sorriu.

— Bom, valeu a tentativa — disse ele. Principalmente porque eu fiz você perder o controle do seu abutre!

Uma explosão de frio estilhaçou meu avatar. De repente, eu estava caindo.

Minha única vantagem: eu estava segurando Setne com as garras, o que queria dizer que ele estava logo abaixo de mim. Eu me choquei nele e preendi os braços em seu peito. Despencamos juntos pelas nuvens.

Eu estava tremendo tanto que fiquei surpreso de conseguir me manter consciente. Gelo cobria minhas roupas. O vento e o gelo faziam meus olhos arderem. Eu sentia como se estivesse descendo uma montanha com esquis e sem máscara.

Não sei bem por que Setne não fez uma magia para desaparecer. Acho que até um mago poderoso pode sucumbir ao pânico. Quando você está despencando, se esquece de pensar racionalmente: *Nossa, sei feitiços e outras coisas*. O que acontece é que seu cérebro animal toma o controle e você pensa: *AH, MEU DEUS, ESSE GAROTO ESTÁ SE SEGURANDO EM MIM E ESTOU PRESO E CAINDO E VOU MORRER!*

Apesar de eu estar a segundos de me tornar aperitivo de abutre, a gritaria e agitação de Setne me deram certa satisfação.

Se tivéssemos caído direto, eu teria batido no chão duro e morrido. Sem dúvida.

Felizmente, as correntes de vento estavam fortes, e Governors Island era um alvo pequeno em uma enseada muito grande.

Batemos na água com um estrondo maravilhosamente familiar.

Minha dor desapareceu. Senti um calor subindo pelos meus membros. Sal girou ao meu redor e me encheu de energia renovada. A água do mar sempre me fazia bem, mas normalmente não tão rápido. Talvez a presença de Nekhbet tenha acelerado minha cura. Talvez meu pai Poseidon estivesse tentando me fazer um favor.

Fosse qual fosse o caso, eu me senti ótimo. Segurei Setne pelo pescoço com uma das mãos e comecei a apertar. Ele lutou como um demônio. (Acredite, eu sei. Já lutei com alguns). A coroa de Ptolomeu brilhou na água e soltou vapor como uma abertura vulcânica. Setne cravou as unhas no meu braço e soltou bolhas pela boca, talvez tentando lançar feitiços, talvez tentando me convencer a parar de estrangulá-lo. Eu não conseguia ouvi-lo nem queria. Debaixo da água, eu estava no comando.

Leve-o para a margem, disse a voz de Nekhbet.

Ficou maluca?, pensei. Aqui é meu terreno.

Ele não pode ser derrotado aqui. Seus amigos estão esperando.

Eu não queria fazer isso, mas entendi. Talvez conseguisse manter Setne ocupado debaixo da água por um tempo, mas ele já tinha percorrido uma grande parte do caminho rumo à imortalidade, de forma que eu não conseguiria destruí-lo. Eu precisava desfazer a magia dele, ou seja: precisava de ajuda.

Continuei segurando-o pelo pescoço e deixei que a correnteza me levasse para Governors Island.

Carter me esperava na pista de corridas da ilha, a cabeça toda enfaixada, como se estivesse usando um turbante. As bolhas no rosto tinham sido tratadas com uma espécie de gosma roxa. Sua calça ninja de linho parecia ter sido lavada em um cortador de madeira queimada, mas ele estava vivo, e furioso. Em uma das mãos, segurava uma corda branca cintilante, como um laço de caubói.

— Bem-vindo de volta, Percy — ele olhou com raiva para Setne. — Esse cara deu trabalho?

Setne se debateu e lançou fogo na direção de Carter, que desviou as chamas para o lado com a corda.

— Ele está sob controle agora — falei.

Eu estava confiante de que era verdade. A água do mar me devolvera toda

a força. Nekhbet estava cooperando de novo, pronta para me proteger de qualquer coisa que Setne tentasse. O mago parecia atordoado e desanimado. Ser estrangulado no fundo da enseada de Nova York provoca esse tipo de coisa.

— Então vamos — disse Carter. — Temos uma bela recepção preparada.

Nos campos de futebol queimados, Sadie e Annabeth tinham desenhado um alvo mágico no chão. Pelo menos, foi o que me pareceu. O círculo de giz tinha cerca de um metro e meio de diâmetro e uma borda elaborada de palavras de poder em grego e hieróglifos. No Duat, eu conseguia ver que o círculo irradiava luz branca. Estava desenhado acima da fenda que Setne abriu, como uma atadura sobre um ferimento.

As garotas estavam em lados opostos do círculo. Sadie cruzou os braços e firmou os coturnos em uma postura de desafio. Annabeth ainda segurava o Livro de Thot.

Quando me viu, ela manteve a expressão de batalha, mas, pelo brilho dos seus olhos, vi que ficou aliviada.

Quer dizer... tínhamos acabado de completar um ano de namoro. Eu me considerava uma espécie de investimento de longo prazo para ela: Annabeth esperava que eu fosse dar lucro em algum momento. Se eu morresse agora, ela teria aguentado todas as minhas características irritantes a troco de nada.

— Você sobreviveu — observou ela.

— Não graças ao Elvis. — Levantei Setne pelo pescoço. Ele não pesava quase nada. — Ele foi bem durão até eu descobrir o sistema dele.

Eu o joguei no meio do círculo. Nós quatro o cercamos. Os hieróglifos e letras gregas arderam e giraram, erguendo uma nuvem em forma de funil para conter nosso prisioneiro.

— O sujeito é um carnicheiro — falei. — Não muito diferente de um abutre. Ele fica cutucando a mente, encontra o que pode usar e usa para romper nossas defesas. Annabeth e seu amor pela sabedoria. Carter e seu desejo de dar orgulho ao pai. Sadie...

— Minha modéstia incrível — adivinhou Sadie. — E minha óbvia beleza. Carter riu com deboche.

— Enfim — falei — Setne tentou me oferecer a imortalidade. Tentou entender meus motivos para ter recusado, mas...

— Perdão — interrompeu Sadie. — Você disse que já tinha recusado imortalidade?

— Você ainda pode ser deus! — gemeu Setne. — Todos vocês! Juntos,

podemos...

— Eu *não quero* ser deus — falei. — Você não entende isso, não é? Não consegui encontrar nada em mim que compreendesse, o que considero um grande elogio.

Dentro da minha mente, Nekhbet sussurrou: *Mate-o. Destrua-o completamente. Não, falei. Porque eu também não sou assim.*

Ceguei até o contorno do círculo.

— Annabeth, Carter, Sadie... estão prontos para acabar com esse cara?

— Quando você quiser — Carter ergueu a corda.

Eu me agachei até ficar cara a cara com Setne. Seus olhos pintados estavam arregalados e fora de foco. Na cabeça, a coroa de Ptolomeu inclinara-se para o lado como um telescópio de observatório.

— Você estava certo sobre uma coisa — falei para ele. — Há muito poder quando se mistura coisas gregas e egípcias. Estou feliz de você ter me apresentado para os meus novos amigos. Vamos continuar nos misturando.

— Percy Jackson, escute...

— Mas existe uma diferença entre compartilhar e roubar — falei. — Você está com uma coisa que me pertence.

Ele começou a falar. Enfiei a mão na boca dele.

Achou nojento? Espere. Fica pior.

Alguma coisa me guiou, talvez a intuição de Nekhbet, talvez meus próprios instintos. Meus dedos se fecharam ao redor de um pequeno objeto pontudo no fundo da garganta de Setne, e puxei com tudo: minha caneta esferográfica, Contracorrente.

Foi como se eu tivesse tirado a tampinha da válvula de um pneu. Magia voou pela boca de Setne, um fluxo multicolorido de luz hieroglífica.

AFASTE-SE!, gritou Nekhbet na minha mente, na mesma hora em que Annabeth disse a mesma coisa.

Eu cambaleei para longe do círculo. Setne se contorceu e girou enquanto toda a magia que ele tentara absorver saía jorrando em uma torrente nojenta. Eu já tinha ouvido falar de gente que “vomitava arco-íris” porque via alguma coisa fofa demais.

Mas tenho que dizer: se você algum dia *vir* alguém vomitando arco-íris... não tem nada de fofo nisso.

Annabeth e Sadie gritaram comandos mágicos ao mesmo tempo. A nuvem de magia em forma de funil se intensificou ao redor do círculo, contornando Setne, que estava murchando rapidamente. A coroa de Ptolomeu rolou da

cabeça dele. Carter deu um passo à frente e jogou a corda mágica.

Assim que a corda tocou em Setne, um brilho de luz me cegou.

Quando minha visão voltou, Setne e a corda tinham sumido. Nenhuma luz mágica girava. A deusa abutre tinha saído da minha cabeça. Minha boca não estava mais com gosto de hiena morta.

Annabeth, os Kane e eu ficamos em círculo olhando para a coroa de Ptolomeu, que estava caída na terra. Ao lado, havia um enfeite de plástico do tamanho de um ovo de ganso.

Eu o peguei. Era um globo de neve.

Dentro do globo, um modelo em miniatura de Governors Island estava permanentemente submerso. Alternando entre correr e nadar pela paisagem para tentar fugir de rios de neve falsa, estava um homem do tamanho de um cupim usando um sobretudo roxo.

Setne tornou Governors Island sua moradia eterna, afinal.

Ele ficara preso em uma lembrancinha barata de plástico.

Uma hora depois, nos sentamos no parapeito do velho forte e vimos o sol se pôr atrás de Nova Jersey. Eu estava comendo um sanduíche de queijo e tomando refrigerante de groselha estoque extradimensional de lanches de Sadie (junto com dois comprimidos extrafortes para dor de cabeça) e, por isso, me sentia corajoso o suficiente para ouvir explicações.

— Alguém pode me explicar o que aconteceu lá? — perguntei.

Annabeth segurou minha mão.

— Nós vencemos, Cabeça de Alga.

— É, mas... — indiquei o globo de neve, que Carter estava admirando agora — ... como?

Carter sacudiu o globo. A neve falsa girou lá dentro. Talvez fosse minha imaginação, mas juro que ouvi Setne gritando debaixo da água ao vivenciar a versão sacudida de sua pequena prisão.

— Acho que a ideia do globo de neve ficou na minha cabeça — disse Carter. — Quando joguei a corda e lancei a armadilha, a magia se adaptou ao que eu estava pensando. Setne vai ser um excelente peso de papel.

Sadie riu com deboche e quase cuspiu refrigerante pelo nariz.

— Pobrezinho do Setne, preso na mesa do Carter por toda a eternidade, obrigado a vê-lo fazendo horas e horas de pesquisa chata. Seria mais gentil deixar Ammit devorar a alma dele.

Eu não sabia quem era Ammit, mas não precisava de mais monstros devoradores de alma.

— Então a armadilha funcionou — falei, e acho que era meio óbvio. — Não preciso entender todos os detalhes...

— Que bom — disse Annabeth. — Porque acho que nenhum de nós entende.

— ... mas tem uma coisa que eu preciso saber. — Apontei para Sadie. — O que você sussurrou para Annabeth para transformá-la em maga?

As garotas trocaram um sorriso.

— Eu contei para Annabeth meu nome secreto — disse Sadie.

— Você o quê? — perguntei.

— Chama-se *ren* — explicou Sadie. — Todo mundo tem um, mesmo que não saiba. O *ren* é... bem, a definição de quem você é. Quando compartilhei essa informação, Annabeth teve acesso às minhas experiências, minhas capacidades, tudo de maravilhoso que eu tenho.

— Isso foi arriscado — Carter me olhou com expressão sombria. — Qualquer pessoa que conheça seu *ren* pode controlar você. Não se compartilhe essa informação se não for absolutamente necessário, e só com pessoas em quem você realmente confia. Sadie descobriu meu nome secreto ano passado. Minha vida está um inferno desde então.

— Ah, por favor — disse Sadie. — Só uso meu conhecimento para o bem.

Carter de repente deu um tapa no próprio rosto.

— Ei! — reclamou ele.

— Ops, desculpe — disse Sadie. — Mas eu *confio* na Annabeth. Eu sabia que teríamos que nos unir para criar o círculo de contenção. Além do mais, uma semideusa grega fazendo magia egípcia... Você viu a cara do Setne? Foi impagável.

Minha boca ficou seca. Imaginei Annabeth conjurando hieróglifos no Acampamento Meio-Sangue, explodindo carruagens na pista de corrida, lançando punhos azuis gigantes durante a captura da bandeira.

— Então agora minha namorada é maga? Tipo, para sempre? Ela já era bem assustadora antes.

Annabeth riu.

— Não se preocupe, Cabeça de Alga. O efeito de saber o *ren* de Sadie já está passando. Eu nunca vou conseguir fazer magia sozinha.

Dei um suspiro de alívio.

— Tudo bem. Mas tenho, hã... uma última pergunta.

Eu indiquei a coroa de Ptolomeu, que estava no parapeito ao lado de Sadie. Parecia parte de uma fantasia, não o tipo de adereço capaz de partir o mundo ao meio com violência.

— O que vamos fazer com isso?

— Bem — disse Sadie — eu poderia colocar na cabeça e ver o que acontece.

— NÃO! — gritaram Carter e Annabeth.

— Estou brincando — disse Sadie. — Sinceramente, vocês dois, se acalmem. Mas tenho que admitir que não entendo por que Wadjet e Nekhbet não vieram pedir as coroas de volta. As deusas *foram* libertadas, não foram?

— Foram — falei. — Senti a senhora naja Wadjet ser expelida quando Setne estava vomitando arco-íris. E Nekhbet voltou... para onde as deusas vão quando não estão perturbando mortais.

Carter coçou a cabeça enrolada em ataduras.

— Então... elas *esqueceram* as coroas?

Rastros da personalidade de Nekhbet permaneceram nos cantos da minha mente, o suficiente para me deixar desconfortavelmente seguro de que a coroa de Ptolomeu fora deixada ali de propósito.

— É um teste — falei. — As Duas Senhoras querem ver o que vamos fazer com ela. Quando Nekhbet soube que eu recusei a imortalidade no passado, ficou meio ofendida. Acho que está curiosa para saber se algum de nós vai tentar ficar com isso.

Annabeth me olhou sem entender.

— Nekhbet faria isso por *curiosidade*? Mesmo que causasse um evento capaz de destruir o mundo?

— É a cara da Nekhbet — disse Sadie. — Ela é uma ave velha e nociva. Adora ver os mortais brigarem e se matarem.

Carter ficou olhando para a coroa.

— Mas... nós sabemos que não devemos usar essa coisa. Não sabemos? — A voz dele soou um pouco melancólica.

— Pela primeira vez, você está certo, irmãozinho querido — disse Sadie. — Por mais que eu fosse adorar ser uma deusa de verdade, acho que vou ter que me contentar em ser uma deusa *figurativa*.

— Vou vomitar arco-íris agora — disse Carter.

— E o que vamos fazer com a coroa? — perguntou Annabeth. — Não é o tipo de coisa que podemos deixar nos achados e perdidos de Governors

Island.

— Ei, Carter — falei — depois que derrotamos aquele monstro crocodilo em Long Island, você disse que tinha um lugar seguro para guardar o colar. Dá para guardar a coroa lá também?

Os Kane tiveram uma conversa silenciosa.

— Acho que poderíamos levar a coroa para o Primeiro Nomo, no Egito — disse Carter. — Nosso tio Amós é o responsável lá. Ele tem os cofres mágicos mais seguros do mundo. Mas nada é cem por cento seguro. Os experimentos de Setne com magia grega e egípcia estremeceram o Duat. Deuses e magos sentiram. Tenho certeza de que os semideuses também sentiram. Esse tipo de poder é tentador. Mesmo que trancássemos a coroa de Ptolomeu...

— Outros podem experimentar a magia híbrida — disse Annabeth.

— E quanto mais se tentar — disse Sadie — maior pode ser o dano ao Duat, ao mundo mortal e à nossa sanidade.

Ficamos em silêncio, absorvendo a ideia. Imaginei o que aconteceria se os garotos do chalé de Hécate soubessem sobre magos egípcios no Brooklyn, ou se Clarisse, do chalé de Ares, aprendesse a conjurar um avatar de javali gigantesco.

Tive um calafrio.

— Vamos ter que manter nossos mundos separados o máximo possível. A informação é perigosa demais.

Annabeth assentiu.

— Você está certo. Não gosto de guardar segredos, mas vamos ter que tomar cuidado com quem falamos. Talvez possamos contar para Quíron, mas...

— Aposto que Quíron já sabe sobre os egípcios — falei. — Ele é um centauro velho e esperto. Vamos ter que manter nossa pequena força-tarefa só entre nós.

— “Nossa pequena força-tarefa”. — Carter sorriu. — Gosto de como isso soa. Nós quatro podemos manter contato. Vamos ter que ficar preparados para o caso de uma coisa assim voltar a acontecer.

— Annabeth tem meu número de celular — disse Sadie. — O que, sinceramente, irmão, é uma solução bem mais fácil do que escrever hieróglifos invisíveis na mão do seu amigo. O que você tinha na cabeça?

— Fez sentido na ocasião — protestou Carter.

Recolhemos o lixo do nosso piquenique e nos preparamos para seguir cada um para o seu lado.

Carter embrulhou com cuidado a coroa de Ptolomeu em um pedaço de linho. Sadie deu uma boa sacudida no globo de neve de Governors Island e guardou na mochila.

As garotas se abraçaram. Eu apertei a mão de Carter.

Com uma pontada de sofrimento, percebi o quanto sentiria falta deles. Eu estava ficando cansado de fazer novos amigos só para me despedir deles, principalmente porque alguns nunca voltavam.

— Se cuida, Carter — falei. — Chega de fritar em explosões.

Ele deu um sorriso.

— Não posso prometer. Mas ligue se precisar de nós, tá? E, hã, obrigado.

— Ei, foi trabalho de equipe.

— Acho que foi. Mas, Percy... a questão principal foi você ser uma boa pessoa. Setne não conseguiu atingir você. Sinceramente, se me tentassem a virar deus como você foi tentado...

— Você teria feito a mesma coisa. — falei.

— Talvez. — Ele sorriu, mas não parecia convencido. — Tudo bem, Sadie. Hora de voar. Os iniciados da Casa do Brooklyn vão ficar preocupados.

— E Khufu vai fazer salada de frutas com gelatina para o jantar — disse ela. — Deve ser uma delícia. Tchauzinho, semideuses!

Os Kane viraram aves de rapina e se lançaram na direção do sol poente.

— Foi um dia estranho — falei para Annabeth.

Ela segurou minha mão.

— Estou pensando em jantar cheeseburgers.

— Com bacon — falei. — A gente merece.

— Adoro seu jeito de pensar — disse ela. — E estou feliz por você não ser um deus.

Ela me beijou, e concluí que eu também estava feliz. Um beijo ao pôr do sol com promessa de um bom *cheeseburger* com bacon... Com uma recompensa assim, quem precisa de imortalidade?

SOBRE O AUTOR



RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

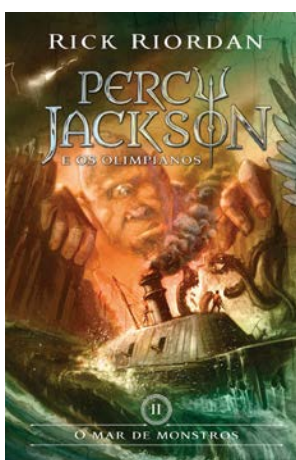
OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

PERCY JACKSON

E OS OLIMPIANOS



Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco



Livro Extra

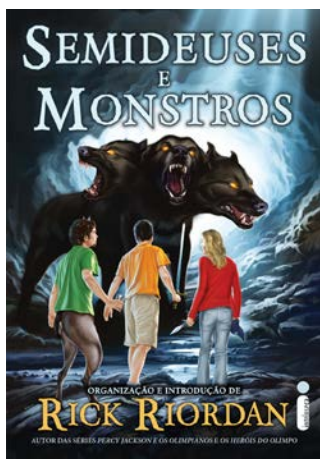
Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

PERCY JACKSON

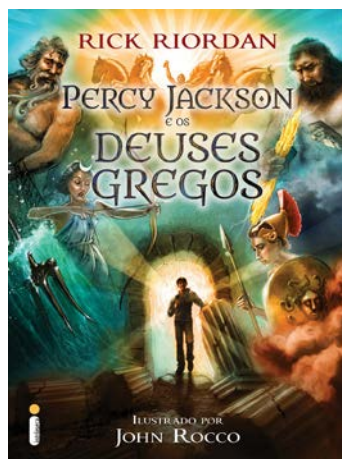
E OS OLIMPIANOS



[Livro Extra](#)



[Livro Extra](#)



[Livro Extra](#)

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR



Livro Um



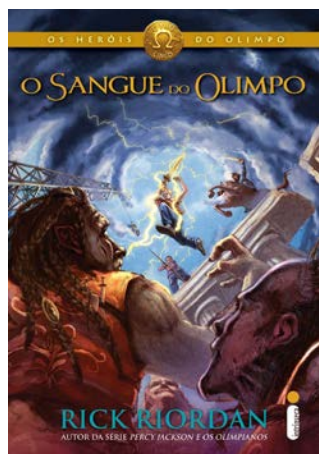
Livro Dois



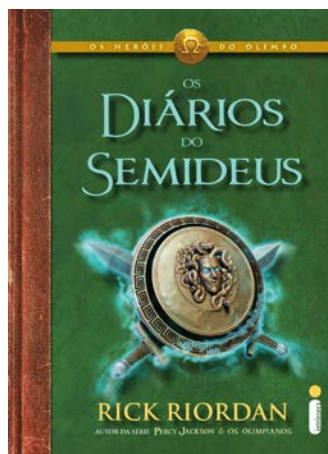
Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco

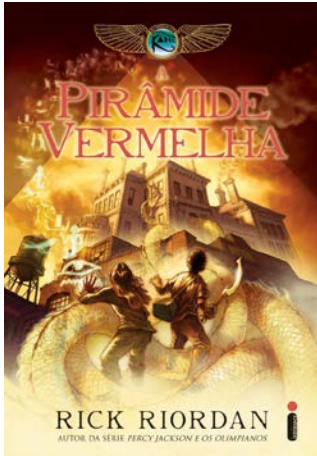


Livro Extra

Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR



Livro Um



Livro Dois

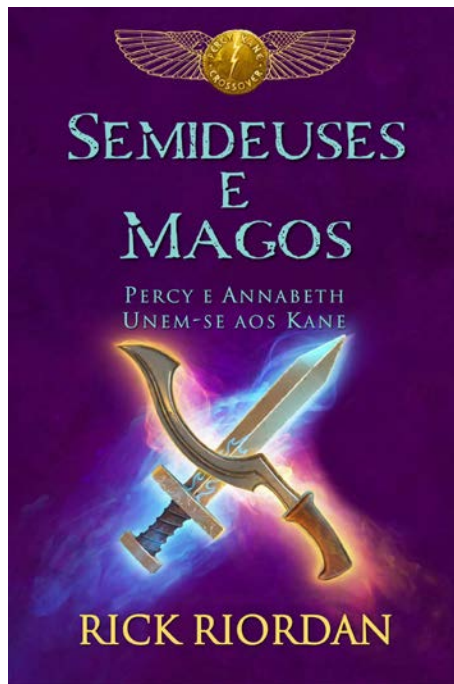


Livro Três



Livro Extra

CROSSOVER



Livro Crossover
(Percy Jackson e os Olimpianos, Os
Heróis do Olimpo e As Crônicas dos
Kane)

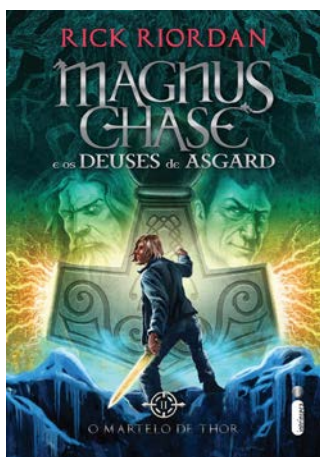
OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

MAGNUS CHASE

e os DEUSES de ASGARD



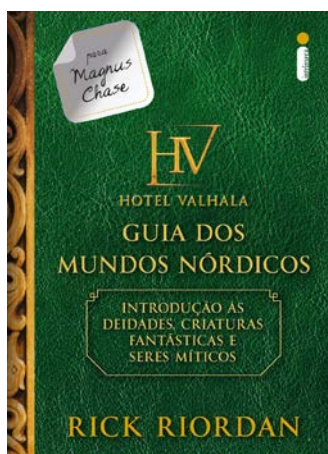
Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Extra

Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

OUTRAS SÉRIES DO AUTOR

AS PROVAÇÕES DE APOLO



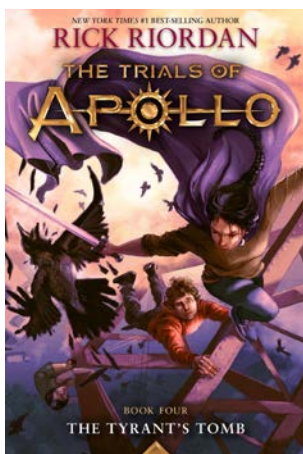
Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Extra

Clique na imagem da série para ser direcionado para a página de download.

Clique nas imagens ou nos textos dos livros para ser direcionado para as páginas de download.

TRÊS HISTÓRIAS ORIGINAIS

DAS SAGAS MÍTICAS

RICK RIORDAN UNE

O MUNDO DE PERCY JACKSON

COM O DAS CRÔNICAS DE KANE

O mundo está de cabeça para cima quando Percy Jackson e Annabeth Chase conhecem Carter e Sadie Kane. Monstros estranhos estão aparecendo em lugares inesperados, assim semideuses e magos precisam unir suas forças para acabar com esses monstros. Mas... e se a união de suas forças não for o suficiente para acabar com os planos de um antigo inimigo que está unindo as forças dos deuses gregos e egípcios para espalhar o caos?